



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SÉFORA MICAELA FERNANDES DE MÉLO

CONHECENDO E ANALISANDO OS ESPAÇOS MUSEAIS:

Um olhar sobre as propostas pedagógicas e o fazer docente nos espaços
não-formais na cidade do Recife - PE

Recife-PE

2021

SÉFORA MICAELA FERNANDES DE MÉLO

CONHECENDO E ANALISANDO OS ESPAÇOS MUSEAIS:

Um olhar sobre as propostas pedagógicas e o fazer docente nos espaços
não-formais na cidade do Recife - PE

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de Licenciada em Pedagogia, orientada pela Prof.^a Dr.^a Mariana Zerbone Alves de Albuquerque.

Recife-PE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M528c MÉLO, Séfora Micaela Fernandes de
Conhecendo e analisando os espaços museais: um olhar sobre as propostas pedagógicas e o fazer docente nos espaços não-formais na cidade do Recife-PE / Séfora Micaela Fernandes de MÉLO. - 2021. 123 f.

Orientadora: Mariana Zerbone Alves de Albuquerque.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2021.

1. Espaço Museal. 2. História e Geografia. 3. Ensino Não-Formal. 4. Formação Continuada. 5. Educação Básica. I. Albuquerque, Mariana Zerbone Alves de, orient. II. Título

CDD 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

SÉFORA MICAELA FERNANDES DE MÉLO

CONHECENDO E ANALISANDO OS ESPAÇOS MUSEAIS:

Um olhar sobre as propostas pedagógicas e o fazer docente nos espaços
não-formais na cidade do Recife - PE

Data da Defesa: 26 / Fevereiro / 2021

Horário: 14:00hs

Local: Google Meet

Banca Examinadora:

Mariana Zerbone Alves de Albuquerque

Prof. Orientador(a)

Maria Rita Ivo de Melo Machado

Prof.^a Examinador(a) Interno(a)

Lucas Victor Silva

Prof. Examinador(a) Externo(a)

Resultado: () Aprovado/a

() Reprovado/a

Dedico esta trabalho ao meu pai e minha mãe, que contribuíram para minha formação, à Deus por ter dado forças e aos Anjos por sempre estarem ao meu lado e me guiarem por um caminho de Luz e a São Gabriel Arcanjo por me ajudar com as palavras e no desempenho da minha futura profissão. Dedico também a todos os Professores que pensam fora da caixa, que se recriam e buscam construir metodologias que propiciem um diálogo entre os saberes e à prática pedagógica, repensando seu “fazer docente”, integralizando os conteúdos escolares aos espaços não-formais de ensino, como os museus. Aos estudantes que renovam nossas esperanças e força diariamente na luta por uma educação de qualidade e em consonância aos Direitos Humanos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha saúde e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos ao longo do curso, aos meus pais, meu noivo e minha sogra que me incentivaram em momentos difíceis e pelo seu suporte para que eu pudesse me dedicar a realização deste trabalho. Aos professores que me incentivaram e corrigiram, permitindo a conclusão desta formação, e, especialmente, à minha orientadora por toda paciência, orientação e tempo dedicado. A Universidade Federal Rural de Pernambuco, por possibilitar a finalização deste momento importante da minha vida. Aos amigos que me incentivaram e motivaram a continuar essa jornada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 ESPAÇOS FORMAIS E NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO: PROPOSTAS E A AÇÃO PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA	16
1.1 Espaços formais e não-formais de ensino	17
1.2. Museus como espaço de possibilidades de prática educativa não-formais para as disciplinas de Geografia e História	22
1.3. As propostas pedagógicas dos Museus e o papel do pedagogo	27
CAPÍTULO 2 CONHECENDO E ANALISANDO OS ESPAÇOS MUSEAIS, UM OLHAR SOBRE AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E O FAZER DOCENTE DOS MEDIADORES NESTES ESPAÇOS	35
2.1 Tipologia de Museus	36
2.2 O Paço do Frevo e sua estrutura pedagógica	40
2.3 O Museu do Trem e sua estrutura pedagógica	66
CAPÍTULO 3 ESPAÇOS MUSEAIS, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A PRÁTICA PEDAGÓGICA	75
3.1 A interseção entre a prática pedagógica e as metodologias de ensino presentes nos museus	76
3.2 Visão da Formadora na Escola de Formação de Educadores do Recife - PE:	81
3.3 Acerca da visão dos professores sobre a educação em espaços não-formais, sobre o Centro de Formação Paulo Freire e novas perspectivas pedagógicas para o fazer docente	85
CONCLUSÃO - DISCUTINDO OS RESULTADOS	104
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES	117
ANEXO - TERMO DE LIVRE ESCLARECIMENTO	123

RESUMO

Na presente pesquisa busca-se analisar a relevância do papel dos pedagogos e graduados na articulação dos conteúdos escolares das disciplinas de Geografia e História com as experiências vividas em espaços museológicos da cidade do Recife. Analisando essa estrutura e sua função em relação ao conteúdo das duas disciplinas abordando a estrutura do plano museológico como facilitador na construção do conhecimento pelos alunos e contribuindo para a educação formal e educação continuada. Fez-se uso, metodologicamente, da abordagem qualitativa por meio de uma visão social da temática. O universo pesquisado, trata-se da análise do plano museológico, leitura de livros e artigos científicos que serviram de aporte teórico e metodológico, tanto em meio físico quanto digital, embasando-se nos argumentos de Albuquerque (2014); Cardoso e Albuquerque (2018); Jacobucci (2008); Libâneo (2001;2005); Pacheco (2010; 2012); Santos (2007); e, Tomita (1999). Quanto à metodologia de análise, se deu por meio da análise de discurso presentes nas entrevistas e questionários abertos, avaliados. De encontro a este objetivo, se quis desbravar o mar de entraves existentes para o uso desses, possibilitando que o espaço museal seja um ambiente não-formal efetivo e integralizado ao ambiente formal de educação.

Palavras-Chave: Espaço Museal; História e Geografia; Ensino Não-Formal; Formação Continuada; Educação Básica.

ABSTRACT

In this research, we seek to analyze the relevance of the role of pedagogues and graduates in articulating the school contents of Geography and History disciplines with the experiences lived in museum spaces in the city of Recife. Analyzing this structure and its function regarding the contents of the two disciplines addressing the structure of the museological plan as a facilitator in the construction of knowledge by students and to contribute to formal education and continuing education. The qualitative approach was methodologically used through a social view of the subject. The universe researched is the analysis of the museological plan, reading of books and scientific articles that served as a theoretical and methodological contribution, both in physical and digital environment, based on the arguments of Albuquerque (2019); Cardoso e Albuquerque (2018); Jacobucci (2008); Libâneo (2001;2005); Pacheco (2010; 2012); Santos (2007); and Tomita (1999). Regarding the methodology of analysis, it was through the analysis of discourse present in the interviews and open questionnaires, evaluated. In order to this objective, we wanted to explore the sea of existing obstacles to the use of these, enabling the museum's space to be an effective non-formal environment and integralized to the formal education environment.

Keywords: Museum's Space; History and Geography; Non-Formal Teaching; Continuing Education; Basic Education.

INTRODUÇÃO

A partir do primeiro contato com o tema de letramento na disciplina da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no dia 01/10/2018, ministradas neste dia pela professora Ana Catarina, juntamente com a professora Fabiana Cristina, despertei meu interesse pela questão do letramento e, ao pesquisar e me aprofundar mais no assunto verifiquei que seria possível um letramento que vá além do Português, que visse outras disciplinas, tais como Geografia, e História. Esse seria o letramento científico, que proporcionaria aos estudantes uma ampliação de visão na busca da compreensão dos reais significados de cada disciplina. Aprofundando mais sobre o tema **educação formal e não-formal, verificamos a possibilidade de análise dos espaços de educação não-formais, como alternativa complementar à relação ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares. Acreditamos que estes espaços vêm a ampliar o conhecimento dos estudantes ao uni-los a práticas de forma mais lúdica, sendo alguns dos possíveis locais para análise os museus da cidade do Recife- PE, espaços que dialogam com várias áreas do conhecimento.**

Outro momento importante para a descoberta do tema desta pesquisa se deu em decorrência de uma visita de campo, realizada no dia 14/11/2018, a três museus da cidade do Recife, sob a orientação das professoras Mariana Zerbone e Maria Rita Machado. Neste dia foi possível visualizar a importância do papel do pedagogo como mediador nesses espaços e uma possível integração da teoria ensinada nas escolas com o conhecimento prático dos espaços museais, vindo a possibilitar um letramento científico interdisciplinar em Geografia e História para os estudantes.

Os Museus são espaços que possibilitam a ampliação dos horizontes sobre a forma de ensino para além dos muros das escolas, permitindo ao pedagogo trabalhar conteúdos de forma interdisciplinar em consonância com o espaço escolar por meio de projetos e programas entre a escola e os Museus. Além de servirem como uma fonte de aprofundamento, servem, também, como uma apropriação cultural que proporcionará um letramento científico. Dialoga-se, assim, com os conteúdos de História e Geografia, entre outras disciplinas, à medida que há uma integração entre a figura do professor na escola, que leva as crianças aos

museus, e há uma mediação através da figura do pedagogo, e licenciados de uma forma geral, nesses espaços, figura esta que contextualiza e amplia o horizonte do conhecimento dos estudantes das escolas visitantes. Socialmente o estudante poderá ter a ampliação do seu conhecimento teórico com as práticas realizadas nos espaços não-formais de ensino. Deste modo, nesta pesquisa, o espaço em destaque será o ambiente dos museus, como espaços de complementação pedagógica para além dos muros da escola.

Quanto à delimitação do problema de pesquisa, o trabalho em questão pertence ao grupo de trabalho de História da Educação, GT 02, segundo a classificação da ANPED. Após pesquisas realizadas em ferramentas de busca do google acadêmico, repositório de monografias e artigos científicos, além da pesquisa em revistas científicas sobre a temática do letramento em relação a possibilidade de existência de um letramento além do português, mas também em outras áreas como Geografia e História, foi possível verificar que é possível um letramento científico com a finalidade de melhor aprofundar o trabalho com os conteúdos escolares destas disciplinas atreladas ao trabalho museal dos pedagogos e licenciados nos espaços não-formais de ensino, mas, com isso, surgiram algumas indagações, tais como: **“O que é educação não-formal, de que forma é trabalhada nos espaços museais e integrada a educação formal, como os museus são utilizados como recursos pedagógicos, qual o papel (nível de atuação) do pedagogo nos Museus da cidade do Recife - PE e como os professores percebem sua formação em relação ao uso de museus como recursos pedagógicos?”**.

Com base nas indagações acerca do problema, o presente trabalho apresenta a hipótese de que o ensino não-formal no museu possibilita uma ampliação de visão sobre várias disciplinas ensinadas na escola, contudo o papel do professor é central na articulação dos conteúdos escolares, principalmente em Geografia e História, com as experiências vivenciadas nos espaços de ensino não-formal, como os museus. Além de que, há também a hipótese atrelada à necessidade de um curso de formação voltado ao uso destes espaços como recurso pedagógico para ampliação da abordagem de conteúdos e do conhecimento dos estudantes com o uso da interdisciplinaridade tão presente nos museus.

Acerca dos espaços a serem analisados, vale ressaltar a importância de uma distinção entre o Museu de Experiência e o Museu de Coleção, teria a qual encontra como aporte teórico Pacheco (2012), que classifica espaços como os museus por se diferenciarem quanto à sua forma de organização, isto é, a disposição de objetos históricos e o propósito de integração do espaço, sua proposta ou finalidade pedagógica.

Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar a relevância do papel dos pedagogos e graduados na articulação dos conteúdos escolares das disciplinas de Geografia e História com as experiências vividas em espaços museológicos da cidade do Recife. Analisando essa estrutura e sua função em relação ao conteúdo das duas disciplinas abordando a estrutura do plano museológico como facilitador na construção do conhecimento pelos alunos e contribuindo para a educação formal e educação continuada. E como objetivos específicos:

1. Descrever os espaços e a organização administrativa e política dos museus analisados;
2. Identificar os programas e projetos, assim como a proposta pedagógica do local;
3. Verificar a existência de um plano museológico;
4. Analisar a atuação do pedagogo nos museus e sobre a importância de sua presença nestes espaços;
5. Verificar os projetos de parceria e a possibilidade de integração entre o museu e o espaço formal de ensino (escola);
6. Identificar as práticas pedagógicas no ensino de Geografia e História existentes nos museus do Recife;
7. Identificar práticas pedagógicas em Geografia e História que os professores fazem uso ao levarem seus estudantes aos museus;
8. Verificar se o curso de formação de professores fomenta e promove cursos voltados às visitas aos espaços museais e o trabalho dos professores integralizando educação não-formal e formal.

O presente trabalho tem como fundamentação teórica **os conceitos de educação não-formal, de letramento científico, de museu de experiência e museu de coleção**, coleta de informações e análise acerca do papel do pedagogo em espaços de educação informal, em específico, voltado ao papel do pedagogo nos Museus da cidade do Recife, e, os conteúdos escolares que são ensinados nestes espaços.

As metodologias escolhidas estão, intrinsecamente, relacionadas aos objetivos do presente trabalho. Com o intuito de alcançar os objetivos pretendidos, as metodologias selecionadas foram: uma revisão integrativa seguindo a recomendação acerca da temática abordada na pesquisa; pesquisa documental em campo, momento no qual buscou-se por documentos no espaço museal que norteassem o papel do pedagogo nesses espaços formativos; pesquisa de campo com observação direta intensiva, que se deu através de duas técnicas, às quais são as de observação juntamente com a realização de entrevistas em campo.

Quanto à observação, em relação aos meios utilizados, ela foi estruturada, de forma que foram selecionados parâmetros para observação no espaço e identificação das circunstâncias que o permeiam, assim, como foram observados a equipe multiprofissional ao ser questionada sobre suas funções e atividades desenvolvidas nos momentos de mediação e a fala da administração do museu sobre esse trabalho e projetos de parceria museu-escola desenvolvidos.

Quanto a participação do observador, nos momentos iniciais da visita a campo, a respeito da observação e entrevista realizada com a administração e com os mediadores, foi feita uma observação não-participante; no entanto, nos momentos finais, em relação à observação dos professores, enquanto visitantes do espaço museal, estes foram observados, juntamente com os mediadores neste momento, de maneira participante, tendo em vista que era necessário, nos momentos de formação, que o observador estivesse integrado aos demais participantes neste momento.

Segundo o número de observações, estas foram feitas por meio da observação individual.

Quanto ao lugar onde foi realizada a pesquisa, a observação foi efetuada na vida real, isto é, em campo, o que neste caso refere-se aos Museus: Paço do Frevo e Museu do Trem.

Dessa forma, inicialmente, foi realizada uma revisão integrativa da literatura - a qual, segundo Libâneo trata-se de um método que proporciona a síntese de um conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática, é ainda um estudo realizado por meio do levantamento bibliográfico e baseada na experiência vivenciada de diversos autores - com autores conceituados na temática do ensino de pedagogia, sobre o papel do pedagogo nos espaços não-formais de ensino (LIBÂNEO, 2005), principalmente, na área de ensino da Geografia e no ensino de História.

Posteriormente, foi feito um levantamento dos museus atualmente ativos na cidade do Recife. Esse levantamento bibliográfico foi realizado com o objetivo de verificar a base teórica sobre a importância do papel do(a) pedagogo(a) na articulação dos conteúdos escolares relacionados às experiências vividas em espaços museais no Recife.

Em relação à seleção dos espaços museais na cidade escolhida, ela teve em consideração as pesquisas previamente elencadas no referencial teórico e os valores formacionais elencados em cada capítulo.

Pensando nesses valores em Geografia, nas discussões provocados pelas citações de Albuquerque (2014), sobre o ensino desta matéria no primeiro e segundo ciclo escolares; nas orientações de Tomita (1999), sobre a função do(a) professor(a) como mediador de incentivar um ensino crítico da Geografia relacionando teoria, e, o trabalho dialogado com os Museus por meio de questionamentos; e, em Pacheco (2010), quanto ao ensino crítico da História relacionado à memória e ao patrimônio identitário nos Museus.

A seleção dos museus escolhidos foi realizada com o intuito de promover um trabalho voltado à realidade local da cultura recifense, através das observações, entrevistas e aplicação de questionários realizados no **Paço do Frevo** e no **Museu do Trem**. Cujo objetivo foi o de verificar projetos de parceria e a possibilidade de integração entre o museu e o espaço formal de ensino, de forma que os museus

escolhidos fossem espaços que promovessem ações educativas em comparação à demanda das escolas quanto aos conteúdos relativos à Geografia e História.

Por ser a pesquisa de cunho qualitativo, em segundo lugar, serão realizadas, entrevistas com a administração e pedagogos mediadores, nos museus, às quais foram coletadas através de áudios gravados e, posteriormente, transcritas, método o qual foi selecionado após ter sido verificado a impossibilidade de realização, de uma entrevista de forma presencial, devido a atual crise pandêmica do COVID-19,

As entrevistas com professoras e formadora foram realizadas por meio de gravação de áudio, com o uso de aplicativo WhatsApp, por voz através da gravação direta no aplicativo, e por meio do formulários do Google Forms. Nos museus foram feitas entrevistas de maneira presencial, e, no caso específico do Museu do Trem, com gravação de áudio pelo WhatsApp e ligação por telefone.

Dessa maneira, foi realizada entrevistas e coleta de dados com professores de escolas da cidade do Recife com gravação de voz no WhatsApp, e, questionários do Google Forms.

Além disso, foram aplicados questionários à professora no Centro de Formação Paulo Freire, de maneira eletrônica, com o auxílio dos formulários feitos previamente na ferramenta do Google Forms.

Ainda sobre o objetivo de verificar projetos de parceria entre o espaço museal e a escola, foram utilizadas a metodologia de coleta de documentos referentes às propostas educativas nos museus selecionados, e, também, a metodologia de entrevista, cujas questões foram previamente formuladas em um roteiro para entrevista aos mediadores no museu e para a administração do espaço museal, com o intuito de responder às expectativas do presente trabalho.

Todos os questionamentos, roteiro de entrevista e coleta foram previamente desenvolvidos em consonância com os objetivos específicos da presente pesquisa, tendo o devido critério com o método de coleta selecionado e assinatura do documento de livre esclarecimento, preservando assim os princípios de integridade da pesquisa e éticos.

Temos então, a seguinte definição acerca da entrevista, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 195-196):

Para Goode e Hatt (1969:237), a entrevista "consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação".

Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.

Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social. Quando realizado por um investigador experiente, "é muitas vezes superior a outros sistemas de obtenção de dados", afirma Best (1972: 120).

A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras.

Essas metodologias têm o objetivo de descrever os espaços, sua organização e a política do museu analisado, possibilitando identificar também os programas, projetos e propostas pedagógicas do local e a possibilidade de atuação do pedagogo nesse espaço não escolar de ensino.

Sendo assim, temos como base para essa investigação, as afirmações de Marconi e Lakatos (2003) apud Selltiz (1965:286-95) quanto ao alcance do objetivo principal para a obtenção de informações do entrevistado, em relação ao conteúdo, o qual apresentaria seis classes de objetivos:

- a) **Averiguação de "fatos"**. Descobrir se as pessoas que estão de posse de certas informações são capazes de compreendê-las.
 - b) **Determinação das opiniões sobre os "fatos"**. Conhecer o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam.
 - c) **Determinação de sentimentos**. Compreender a conduta de alguém através de seus sentimentos e anseios.
 - d) **Descoberta de planos de ação**. Descobrir, por meio das definições individuais dadas, qual a conduta adequada em determinadas situações, a fim de prever qual seria a sua.
- As definições adequadas da ação apresentam em geral dois componentes: os padrões éticos do que deveria ter sido feito e considerações práticas do que é possível fazer.
- e) **Conduta atual ou do passado**. Inferir que conduta a pessoa terá no futuro, conhecendo a maneira pela qual ela se comportou no passado ou se comporta no presente, em determinadas situações.
 - f) **Motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas**. Descobrir quais fatores podem influenciar as opiniões, sentimentos e conduta e por quê.

Para alcançar o objetivo de identificar as práticas pedagógicas no ensino de Geografia e História dos professores que realizam as visitas aos museus em Recife, será necessária uma verificação dos dias agendados para as visitas de escolas localizadas na cidade com estudantes do ensino fundamental I mediadas por seus professores(as). No momento será feita uma entrevista voltada aos professores(as) sobre seu planejamento e os conteúdos trabalhados durante a visita ao espaço Museal.

Quanto a isso, temos a explicação acerca da importância do contato Inicial, trazida por Marconi e Lakatos (2003, p. 199) ao falar do momento de preparação para posterior realização da entrevista, momento no qual as autoras refletem o seguinte:

O pesquisador deve entrar em contato com o informante e estabelecer, desde o primeiro momento, uma conversação amistosa, explicando a finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e ressaltar a necessidade de sua colaboração. É importante obter e manter a confiança do entrevistado, assegurando-lhe o caráter confidencial de suas informações. Criar um ambiente que estimule e que leve o entrevistado a ficar à vontade e a falar espontânea e naturalmente, sem tolhimentos de qualquer ordem. A conversa deve ser mantida numa atmosfera de cordialidade e de amizade (*rapport*).

A realização da coleta de dados, foi realizada no Museu do Trem, no Paço do Frevo e no Centro de Formação Paulo Freire, além de ter sido coletados dados junto às professoras das escolas localizadas na Região Metropolitana do Recife; foram realizadas coletas através de entrevistas de modo pessoal ou online, com gravação de áudio; ou, coleta por meio de formulários do Google.

E, no caso das entrevistas de maneira pessoal, ou por meio eletrônico (online), elas foram guiadas pelos roteiros de entrevista.

No caso do Museu do Trem, as entrevistas ocorreram em meio virtual através de chat com vídeo, ligação de voz via telefone e por meio de gravação de voz via aplicativo do WhatsApp.

Já em relação ao Centro de Formação Paulo Freire, a professora foi entrevistada por meio do questionário do Google Forms e por gravação de áudio via aplicativo do WhatsApp.

Todos os arquivos encontram-se nos apêndices de A a F presentes ao final da pesquisa.

Capítulo 1 ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: PROPOSTAS E AÇÃO PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Primeiramente, na parte inicial deste capítulo, foi feita uma conceituação e diferenciação entre espaços formais e não-formais de ensino, trazendo como principais autores e aporte teórico: Jacobucci (2008), Falcão (2009) e Libâneo (2009). Além de que este último autor traz a reflexão sobre a necessidade da presença do pedagogo e de sua visão crítica sobre a formação educacional nos espaços formais e não-formais de ensino.

Trata-se, ainda, sobre o papel do professor e a relevância de seu trabalho com foco na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, articulando com o saber ensinar nos espaços formais e não-formais, além disso, fala-se que a importância do processo educacional não está limitada a mera transmissão de conteúdos, mas a uma articulação maior e necessária dos agentes da educação e o saber fazer da docência nos espaços, formais e não-formais.

Ainda nesse trecho, em um segundo momento, buscou-se falar sobre os paradigmas sociais e a dinâmica do conhecimento presente nos espaços museais, assunto o qual foi tratado por Gatti (2009), Gadotti (2011), e Libâneo (2002). Por último, é falado sobre os dilemas éticos e o professor polivalente, temas tratados por Freitas e Pacífico apud Perrenoud (2015).

Na segunda parte deste capítulo, tratou-se sobre a possibilidade de uso dos museus como recursos para a prática educativa na educação museal atrelada às matérias de Geografia e História, trazendo a potencialidade da ação pedagógica desenvolvida nos museus como ampliação ao trabalho na educação formal.

Neste tópico é feita uma explanação de forma contextualizada da história das práticas docentes em Geografia e História, apontando-se a importância dos espaços não-formais, em especial, os museus.

Já na terceira parte, foi falado sobre o papel do pedagogo, retomando a temática do dilema ético profissional, a figura do professor como polivalente e a dinâmica do conhecimento dos autores anteriormente tratados; e, às propostas pedagógicas integrativas aos conteúdos escolares existentes no espaço museal.

Neste tópico buscou-se trazer a questão do processo avaliativo das visitas realizadas aos espaços não-formais de ensino; das limitações na formação do

pedagogo durante sua graduação; sobre a necessidade de uma formação ou disciplina específica na graduação sobre a prática docente em espaços museais ou não-formais de ensino (e que algumas vezes esse tema pode acabar sendo abordado no curso de forma transversal, ou com o estímulo de alguns professores que vivenciaram essa experiência e querem repassar esse conhecimento e proporcionar a mesma experiência com o ensino não-formal para o estudante de graduação); e como seria proveitoso uma formação continuada abordando o uso dos espaços não-formais.

Dessa forma, tendo como base o pensamento de Tardif (2007): “Os saberes da experiência surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relação à interioridade com sua própria prática”; o que, como demonstra-se neste tópico reflete-se na prática docente com o estímulo do uso dos espaços não-formais, principalmente tratando-se dos espaços museais, como recurso a fim de ampliar o horizonte escolar já tão saturado, sendo essa forma de ensinar uma tentativa de aproximar os estudantes à realidade do seu cotidiano relacionado ao que se aprende na sala de aula.

Vê-se ainda que alguns espaços museais oferecem formação continuada, apresentando programas como o Passo-a-Passo, programa o qual é vinculado ao Paço do Frevo. Apresenta, ainda, de maneira geral, as propostas pedagógicas dos museus do Paço do Frevo e Museu do Trem.

1.1 Espaços formais e não-formais de ensino

Quanto ao conceito de educação não-formal, é possível verificar uma definição no texto de Jacobucci (2008), no qual é proposto pela autora uma definição para espaços não-formais e espaços formais de educação, principalmente quanto ao ensino de ciências nesses espaços e, também, debate sobre sua importância para a formação da cultura científica. A autora conceitua primeiramente o espaço formal de educação como sendo:

O espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É a escola, com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório. (JACOBUCCI,2008 p. 56)

Em relação ao conceito de educação não-formal, a Jacobucci (2008) explica que não é um conceito óbvio, apesar de alguns educadores acreditarem nisso, sendo necessário algumas reflexões acerca dessa temática. Assim, após esse momento de reflexão, ela subdivide os **espaços não-formais** em **duas categorias**. A primeira são os **espaços institucionalizados**, isto é, **espaços regulamentados com equipe técnica responsável por atividades a serem executadas, alguns exemplos são os Museus, Centros de Ciências, Planetários, Parques Ecológicos**, entre outros citados por Jacobucci (2008). Já a segunda classificação seria a dos **espaços não institucionalizados**, ou seja, os que **são ambientes naturais ou urbanos sem estruturação institucional, nos quais é possível adotar algumas práticas educativas, tais como teatros, parques, casas, ruas, praças, cinemas, cavernas, dentre outros espaços**.

Ela continua com sua definição sobre espaços não-formais dizendo que “[...] os espaços não-formais relacionam-se com Instituições cuja função básica não é a Educação formal e com lugares não-institucionalizados.[...]” (JACOBUCCI,2008, p. 57).

Falcão (2009) também aborda essa temática e busca diferenciar a educação, no âmbito do ensino-aprendizagem, em **3 categorias, a educação escolar ou formal, a educação informal e a educação não-formal**, como é descrito abaixo:

No que diz respeito à forma de ensino-aprendizagem, a educação vem sendo dividida em três categorias; **educação escolar ou formal – aquela desenvolvida nas escolas; educação informal, – aquela que decorre de processos naturais e espontâneos, transmitida pela família e demais espaços sociais; e educação não-formal, aquelas práticas educativas estruturadas que ocorrem fora da instituição escolar.** (FALCÃO, A., 2009, p. 18)

Quanto às possibilidades de trabalho pedagógico nesses espaços de educação não-formal, Jacobucci (2008) assevera que são essenciais para a construção científica e promoção do conhecimento para os estudantes:

[...] Alguns espaços não-formais de Educação têm se constituído como campo para diversas pesquisas em Educação que buscam compreender principalmente as relações entre os espaços não-formais e a Educação formal no Brasil. Museus de arte têm sido estudados pela recente divulgação cultural, em parceria com escolas, zoológicos, dentre outros, como locais favoráveis à realização de projetos de Educação Ambiental, e os museus e centros de ciências têm recebido grande atenção dos pesquisadores pela potencialidade de envolvimento da comunidade escolar com a cultura científica. (JACOBUCCI,2008, p. 57).

Nesse sentido, não apenas os espaços formais são importantes para a formação discente, como também a oportunidade de ampliar a prática pedagógica para outros ambientes e experiências, como é o caso de visitas a museus e outros espaços.

Por último, tendo em consideração a função desempenhada pelo pedagogo nos espaços de educação não-formais, nesse trabalho, especificamente em relação aos museus, podemos observar as declarações de Libâneo (2005) quanto ao pedagogo e seu importante papel dialógico, assim, o autor reflete que:

[...] Existem, ainda, as práticas educativas com elevados graus de intencionalidade, sistematização e institucionalização, como as que se realizam nas escolas ou em outras instituições de ensino, compreendendo o que o autor denomina educação formal [...] são esses processos que constituem o objeto de estudo da pedagogia, demarcando-lhe um campo próprio de investigação. Ela estuda as práticas educativas tendo em vista explicitar finalidades, objetivos sociopolíticos e formas de intervenção pedagógica para a educação. O pedagógico da ação educativa se expressa, justamente, na intencionalidade e no direcionamento dessa ação. Esse posicionamento é necessário, defende o autor, porque as práticas educativas não se dão de forma isolada das relações sociais, políticas, culturais e econômicas da sociedade. Vivemos em uma sociedade desigual, baseada em relações sociais de antagonismo e de exploração. Por isso a pedagogia não se pode eximir de se posicionar claramente sobre qual direção a ação educativa deve tomar, sobre que tipo de homem pretende formar (LIBÂNEO, 2005, p. 513).

Dessa forma, Libâneo reflete sobre a necessidade da presença do pedagogo e de sua visão crítica sobre a formação educacional nos espaços formais e não-formais de ensino, tendo o pedagogo e pedagoga um papel fundamental para que sejam discutidos em plenitude as questões sócio-políticas relativas às matérias escolares e a vida dos educandos e educandas. Sendo possível assim, por meio da discussão dos teóricos acima tratados de forma pertinente a essa pesquisa

(JACOBUCCI , 2008; FALCÃO, 2009; e LIBÂNEO, 2005), proporcionar uma visão sobre qual seria o papel do pedagogo nos museus e sua relação com as disciplinas de Geografia e História, que viria a auxiliar no processo de educação formal proporcionado pelos professores(as) nas escolas.

Os tempos atuais vêm exigindo do professor certas competências no desenvolvimento de sua prática educacional, para ser professor não basta apenas estar formado, dessa maneira este profissional tem que estar atento às nuances que surgem em busca de uma requalificação. Nessa busca o caminho do ensino não-formal surge como uma das possibilidades, para que seus estudantes se interessem e motivem-se na busca pelo conhecimento, deve-se buscar uma formação continuada para além dos muros da escola.

Os paradigmas sociais, a dinâmica do conhecimento faz necessário que o pedagogo mantenha-se atualizado, construindo uma formação solidificada tanto em conceitos como em ações, não devendo ser vistos apenas como conteúdos necessários à prática, mas principalmente como princípios que os guiam na busca desse saber fazer docente.

Essas competências do ser professor, quais são as habilidades devem ser construídas durante o processo da formação básica (graduação) vem sendo frutos de diversas pesquisas no campo da educação, de forma que se apresenta como desafio para a escola, na construção dos currículos; e, para o professor que passa a refletir sobre quais os saberes necessários para a formação dos educandos, e quais valores devem ser praticados e vivenciados, e, também, sobre as mesmas questões quanto a eles próprios. No entanto, por ser o professor também um sujeito nesse processo, não deve ser encarado como sendo "(...) descartável, nem substituível, pois, quando bem formado, ele detém um saber que alia conhecimento e conteúdos à didática e às condições de aprendizagem para segmentos diferenciados" (GATTI, 2009, p. 91).

Durante a busca pelos currículos perfeitos, vemos que o professor deve ser polivalente, isto é, buscar uma formação que possibilite uma interdisciplinaridade no contexto de conteúdos diversificados vistos de formas dinâmicas e, ao mesmo tempo, a discussão sobre conteúdos

transversais, em um procura por outras alternativas formativas, sobre isso, temos em Gatti (2009, p. 94):

[...] busca de novos currículos educacionais e de uma formação ao mesmo tempo polivalente e diversificada de professores, as propostas de transversalidade de conhecimento em temas polêmicos, mostram que a área educacional encontra-se no meio desse movimento em busca de alternativas formativas.

Esse apontamento reflete acerca dos saberes intrínsecos à docência, as competências e habilidades necessárias ao ofício de ensinar, ou seja, indicam o caminho através do conjunto extenso de conhecimentos sobre o contexto social, econômico e político e à prática pedagógica “do saber fazer e saber ser”.

Dessa maneira o professor deve se propor a estudar, estar aberto à comunicação e ler muito, se aprofundar, pesquisar sobre temas diversos, novas metodologias, trabalho em conjunto com espaços não-formais, tomar decisões e resolver problemas. Tendo em consideração que se exige dele esse conhecimento muito mais amplo, desenvolvendo trabalhos coletivos, interdisciplinares e transdisciplinares, “O enfoque da formação do novo professor deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem” (GADOTTI, 2011, p. 69).

No campo do ensino e na atual conjuntura, em meio a pandemia que vivenciamos e os demais problemas educacionais, não só os advindos desse contexto, mas outros mais antigos, como por exemplo a insistência no uso de métodos tradicionalistas de ensino. Cabe ao professor desconfiar até mesmo da qualidade e eficácia de sua formação que pouco modificam suas práticas pedagógicas, o lapso na questão da formação aponta que seus conhecimentos não foram aprofundados em todas as tendências pedagógicas, como apontado por Libâneo (2002), ao tratar da insistência no uso de metodologias tradicionalistas.

Dessa maneira, para enfrentamento a questão formacional quanto aos dilemas éticos da profissão, vem a necessidade da compreensão acerca da prática de administrar sua própria formação continuada por meio da reflexão acerca da prática que desenvolve, fugindo da perspectiva anterior do magistério, que era voltada para a perspectiva individualista, para atuar numa sala de aula onde ele é o professor e os demais, apenas para os alunos; a educação não é uma aventura

solitária, ela se constrói em conjunto quando professores, estudantes e a escola trabalham em equipe de forma que a aprendizagem aconteça (Freitas e Pacífico apud PERRENOUD, 2015, p. 6), e, também, por que não no espaço não-formal de ensino, trabalhando em conjunto com o mediador, intervindo quando necessário, reconstruindo sua prática em busca de ser um professor polivalente em diálogo com outros ambientes que não apenas o do ensino formal.

1.2. Museus como espaço de possibilidades de prática educativa não-formais para as disciplinas de Geografia e História

Os Museus tem sido cada vez mais espaço de possibilidade de práticas educativas, tanto por ser um espaço de memória, como possibilidade de interação com o objeto de conhecimento observado. A aproximação escola-museu torna-se uma possibilidade de ampliar a construção do conhecimento a partir de práticas não-formais, mas sim, apresentando uma dinâmica que aproxima as temáticas à realidade dos alunos. Essa aproximação pode se dar no âmbito de diferentes disciplinas, as mais tradicionais relacionadas aos museus, Ciências, História e Artes, como também, cada vez mais pode estar relacionada à Geografia, Matemática e Língua Portuguesa. Nesta pesquisa, optou-se por abordar as práticas educativas não-formais relacionadas à História e Geografia, como um recorte temático relacionado aos museus analisados.

Os PCNs apontam 10 objetivos gerais do ensino fundamental e entre eles podemos destacar os seguintes:

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos (BRASIL, 1998, p, 4)

Nesses objetivos fica clara a necessidade de se extrapolar as metodologias tradicionais e incorporar outras práticas que possibilitem novas formas de comunicação, de análise, de percepção de novas tecnologias, e demais saberes. Espaços culturais como museus podem contribuir para diversificação da prática pedagógica, ampliando as experiências e possibilitando uma maior troca de saberes e construção do conhecimento de forma interdisciplinar e articulada com o real e o cotidiano, proporcionando uma maior aproximação do abstrato com o concreto.

O ensino de Geografia no ensino fundamental tem buscado articular a teoria ao cotidiano dos estudantes, e suas percepções da realidade. De acordo com os PCNS:

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico. (BRASIL, 1998, p. 74)

A forma de aproximação do conhecimento geográfico ao cotidiano do aluno é de fato um desafio para a prática do professor, que tem buscado diferentes metodologias para que o processo de ensino-aprendizagem faça sentido para o aluno, e que ele compreenda a realidade. Nesse sentido afirma-se nos PCNS que

Abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno em diferentes momentos da escolaridade, de modo que os alunos possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Espera-se que, dessa forma, eles desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo a relação sociedade-natureza. Essas práticas envolvem procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que aí se encontram em interação. (BRASIL, 1998, p. 74)

Essa articulação pode ser realizada pelo próprio professor em sala de aula, no entanto, tendo em vista a demanda dos conteúdos a serem trabalhados na

escola e o tempo escasso de trabalho com a disciplina de Geografia, há uma dificuldade, por parte dos docentes, em relacionar a teoria com a prática sem que haja uma vivência contextualizada.

Sobre essa temática, segundo Albuquerque (2014), o excesso de informações em escala global transforma a prática de ensino do professor em um desafio, tendo em vista que esse excesso repercute em uma transformação voraz dos espaços. Dessa forma, o professor não consegue dar conta do bombardeio de informações divulgadas todos os dias nos meios midiáticos - informações as quais são divulgadas sem nenhum compromisso com a verdade ou visualizando apenas um lado da história - e lidar com a necessidade de constante atualização a fim de responder às demandas de conteúdos e relacioná-los ao cotidiano do aluno.

Assim, o que se propõe é um ensino onde haja uma indispensável compreensão da realidade do presente por meio da aproximação do aluno com o meio, proposta essa que se apresenta possível através da educação não-formal, como possibilidades de visitas a espaços fora dos muros da escola, com outras propostas pedagógicas, como Museus, que pode ser mediada, articulada e contextualizada com os conteúdos formais.

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participam. (GOHN, M, 2006, apud FALCÃO, A., 2009, p.19)

Um ensino que é voltado para a compreensão da realidade, segundo Albuquerque (2014), permite que os alunos percebam e reflitam sobre o espaço que os cerca, relacionando-o aos aspectos sociais, econômicos, históricos e as transformações desse espaço em decorrência da interferência humana no meio, aspectos que tem a ver com o papel da Geografia na atualidade e com o ensino crítico desta matéria.

Seguindo os princípios da Geografia crítica e a fim de fugir das correntes tradicionais e das teórico-quantitativas - comumente utilizadas na educação formal como forma de solucionar parcialmente a questão da demanda vs. o tempo de

ensino - busca-se outra forma de educação que vise um ensino da Geografia aproximada a realidade do aluno. Dessa forma, de acordo com a proposta de Carlos (2009) essa transformação da realidade (que ocorre por causa do excesso de informações disponíveis e as novas tecnologias), o papel dos professores de Geografia e às perspectivas teórico-metodológicas para a prática, surge a necessidade de compreender o papel da nova Geografia para que só então se possa identificar aspectos que deem suporte à prática do professor em sala de aula.

Ao seguirmos pela corrente do ensino de uma Geografia crítica, vemos que ela se choca com a “necessidade” de fomentação de uma conjuntura política ideológica, que segundo Albuquerque (2014) ao citar Brabant (2008), Oliveira (2008) e Vesentini (2008), abdica de formar cidadãos que possam pensar e discutir sobre sua situação atual e seus direitos muitas vezes massacrados para provar a perspectiva de uma sociedade capitalista cuja finalidade quanto ao ensino da Geografia é de um ensino vazio, tradicionalista e acrítico, pautado em utilizar a disciplina como instrumento de dominação ao invés de apresentá-la como instrumento de libertação por meio da abordagem crítico-reflexiva.

O ensino de História tem buscado aprofundar uma perspectiva reflexiva e a formação do estudante como capaz de investigar e compreender a história, ir além do que está posto, mas sim criar possibilidades de pesquisa, seja ela pela observação ou documental. Nesse sentido os PCNs de História apresentam as seguintes orientações didáticas

[...] valorize, inicialmente, os saberes que os alunos já possuem sobre o tema abordado, criando momentos de trocas de informações e opiniões; avalie essas informações, identificando quais poderiam enriquecer seus repertórios e suas reflexões; proponha novos questionamentos, informe sobre dados desconhecidos e organize pesquisas e investigações; selecione materiais de fontes de informação diferentes para que sejam estudados em sala de aula; promova visitas e pesquisas em locais ricos em informações; proponha que os estudos realizados se materializem em produtos culturais, como livros, murais, exposições, teatros, maquetes, quadros cronológicos, mapas, etc.(BRASIL, 1998, p. 53)

Nesse sentido faz-se necessário buscar novos caminhos e metodologias para o ensino de História, no intuito de aproximar os conteúdos e o convívio social. Desta maneira, a visita à museus se torna uma possibilidade de ampliar o conhecimento a partir das temáticas abordadas nos espaços museais, e toda documentação exposta e que pode ser consultada como fonte de pesquisa. O que se percebe é que muitos

museus estão preparados para a realização desta parceria com as escolas, principalmente no âmbito do ensino de História.

Abud, Silva & Alves (2010) abordam os diferentes significados e a importância do museu como espaço de ensino de História, desde o sair da escola para visitar um outro espaço, o encantamento que o espaço museal desperta nos visitantes, mas não apenas isso. Elas afirmam que:

Ensinar História com base no que uma instituição museológica oferece à sociedade começa com o reconhecimento dessas representações acerca dos museus, *ad memória* e da História. Reconhecer, questionar e reconstruir significados e representações do senso comum são procedimentos pedagógicos coerentes, com os objetivos e princípios muito debatidos no âmbito da teoria e da metodologia do ensino da História. (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 127)

Em relação ao ensino de História e seu constante diálogo entre memória e patrimônio, é possível trazer à baila a opinião de Pacheco (2010) sobre o assunto. O autor afirma ser possível tratar sobre esse aspecto histórico tendo em consideração uma proposta de ações educativas no museu para o ensino de História.

Quanto a temática História e memória, as práticas de preservação e difusão da memória institucional são para Pacheco (2010) ações que atendem ao movimento propagado por historiadores como Jacques Le Goff, mas envolvendo um tecnicismo do processo educacional de difusão simbólica da unificação dos grupos sociais, o que, não promove um ensino crítico.

É nessa visão de historiador como um pesquisador que não descansa e nem se conforma com os fatos históricos passados sobre determinados povos que se deve pautar o ensino da disciplina de História nas escolas e com o intuito de trabalhar os conteúdos de forma integrada e formativa do estudante como um indivíduo ativo no processo de construção do conhecimento é que o professor(a) deve ter em consideração a ida aos museus, tendo sempre em mente os conteúdos escolares, assim como no ensino de quaisquer outras matérias, mas no caso deste trabalho, tratando-se do ensino de Geografia e História.

Pacheco (2010), ao citar Carlos Rodrigues Brandão, explica que no momento no qual se problematiza as características dos processos educativos cada indivíduo recebe diariamente as informações as quais são provenientes de fontes

diversificadas e uma formação, fazendo-os(as) se apropriarem dos diferentes saberes e valores culturais de seus povos. **As instituições de memória acabam por atuar como espaços de formação do sujeito, sejam elas os museus ou o patrimônio histórico em si**, visão a qual é possível comprovar pelas palavras de Stuart Hall no seu icônico discurso sobre a crescente luta de diferentes grupos sociais em prol da valorização de suas identidades, em seu texto “Identidade cultural na pós-modernidade”, no qual o autor reflete:

Alguns teóricos argumentam que o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. Eles argumentam que existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, “acima” e “abaixo” do Estado-nação. (HALL, 2006, p. 73)

A ação cidadã na História quanto ao aspecto da memória e diálogo com o patrimônio cultural liga-se ao entendimento de cada um sobre seu povo, sua cultura, isto é, parte do particular, de onde veio, sua origem, afirmando sua identidade para dirigir-se ao geral, parte da construção pessoal para o convívio social.

1.3. As propostas pedagógicas dos Museus e o papel do pedagogo

De acordo com Falcão, **“Os museus possuem um caráter educacional vinculado à sua própria origem, uma vez que, desde o início, se configuravam como espaços de pesquisa e ensino”**. (FALCÃO, A. 2009, p. 14). Contudo, **esse caráter educacional, ou a proposta pedagógica dos museus não possui o mesmo intuito da proposta pedagógica escolar, mas podem se entrecruzar e estar relacionadas de acordo com as ações realizadas em parceria entre museus e escolas**. O papel do docente é central nessa articulação, visto que o professor pode se estabelecer como ponte entre o ensino formal escola e o ensino não-formal desenvolvido nos museus.

Como vimos, ao longo de sua existência, os museus foram assumindo cada vez mais (e de formas diferenciadas) seu papel educativo. Nesse aspecto, os museus vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa. Identificados como espaços de educação não-formal, essa caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família. (MARANDINO, M. 2009. p. 29).

O museu é um espaço complexo, no qual convergem diferentes dimensões e processos da produção do conhecimento: coleta, pesquisa, guarda, conservação e comunicação. É uma instituição permanente (...) a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Como espaço de produção de conhecimentos aberto ao público, sua função é adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir evidências materiais do homem e de seu ambiente para fins de pesquisa, educação e lazer. Assim, o papel dos museus na atualidade é definido por sua função educativa. (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 127)

Papel do pedagogo nos espaços museais, ele deve ser construído tendo por base o seguinte um ensino pensado e planejado, para que o estudante sob sua orientação possa aprender pensando; compreendendo, assim, a importância social da tarefa docente. Ao realizarmos ações educativas empenho pessoal, ampliando os estudos sobre a temática, atualizando-se, melhorando seu “educar” e ao buscar apoio para trabalhos coletivos interdisciplinares com Geografia, História, Artes, Ciências, etc. os resultados transdisciplinares dos conteúdos trabalhados capacitarão melhor o estudante, dando-lhe um olhar aguçado e crítico acerca do que ele pesquisou e construiu como conhecimento. Como pedagogos devemos realizar ações que tornem o ensino de Geografia e História interessantes para o estudante, atividades que agucem sua curiosidade científica e trabalhem a sua imaginação. O professor deve ter uma didática que se origine de si mesmo, a partir de sua formação e galgue seu crescimento como profissional para uma formação continuada.

Uma reflexão sobre o “fazer docente” desenvolvida através dos textos e citações de autores ilustres propostos na formação, discutir em sala, buscar uma formação ou especialização, como por exemplo, voltada aos espaços museais e sua integração com a escola, é algo relevante e essencial na construção do caráter dos professores-mediadores do conhecimento. Mas, principalmente, na atitude pedagógica de promover uma atividade docente condizente com o que se propõe na teoria, pondo em prática tudo aquilo que estudamos.

Consideramos que o movimento de deslocamento do universo escolar para o universo museal forja um novo espaço e novo tempo de aprendizagem, e compõe uma vivência educativa situada em um entre-lugar. Essa ideia ganhou importância no contexto dos chamados Estudos Culturais, especialmente na análise de complexos processos identitários engendrados nas sociedades mestiças, do fenômeno das diásporas produzido pela nova ordem mundial ou ainda para pensar a produção literária e cultural produzida sob o signo dos deslocamentos. A ideia de entre lugar é aqui tomada de empréstimo para pensar o processo de articulação das diferenças culturais dos museus e das escolas, que emergem no momento da visita escolar ao museu. **Constitui-se em um espaço e tempo de aprendizagem híbrido, produzido na articulação de referências da cultura escolar e da cultura museal e, portanto, impregnados de diferenças culturais.**

Quanto às possibilidades avaliativas relacionadas ao ensino, temos que uma prática docente responsável também relaciona-se ao processo avaliativo. As avaliações contextualizadas com uma prática, visam não apenas o avaliar, mas verificar os conhecimentos prévios do estudante e compreender sobre o que foi por eles construído, relacionado aos conteúdos disciplinares contextualizados com a prática de visita ao espaço museal. Devendo, dessa maneira, como professores fazemos uso de avaliação diagnóstica, somativa, e, formativa.

Além disso, há a possibilidade de sugerir uma auto-avaliação para os estudantes, e, de forma que, ao final, eles avaliem também a abordagem dada pelos professor quanto aos conteúdos, a fim de verificar se a metodologia utilizada em sala e o trabalho integrado aos espaços foi proveitoso para eles, saber se eles sentem-se seguros sobre o assunto e como se auto-avaliam no processo de ensino aprendizagem. Esses instrumentos e planejamento nos possibilitam descobrir se conseguimos realmente auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem com a abordagem dada aos temas trabalhados em sala e nos espaços não-formais, por exemplo.

É importante colocá-los em um papel de pesquisadores, explicar a eles sobre os princípios da pesquisa científica para que iniciem esse processo como um hábito de construção do conhecimento, trabalhar os conteúdos antecipadamente à visita, questioná-los sobre seus conhecimentos prévios, elaborar junto com os estudantes os roteiros de visita ao espaço, explicar sobre a visita e direcionar o olhar deles para o que deve ser observado durante os momentos de mediação e intervir sempre que necessário relacionando com os conteúdos, de maneira pertinente; mas ao mesmo tempo, a depender da faixa etária a qual se trabalha, propor que realizem uma

entrevista com os mediadores e deixar que criem perguntas para entrevista aos mediadores no museu.

A visita ao Museu, é geralmente, classificada pelos estudantes como sendo algo muito prazeroso, eles tendem a gostar porque traz um novo ambiente, novas perspectivas, curiosidades sobre o espaço, sobre a cidade e sobre as pessoas, inclusive, sobre si mesmas, a partir do momento que se descobrem pertencentes a nossa sociedade e cultura de forma mais completa agora que sabem mais sobre os outros e podem conhecer mais sobre si mesmos e suas origens. Os espaços de ensino não-formais, por serem espaços os quais enriquecem o conhecimento dos estudantes não apenas pelos conteúdos, mas por estarem ligados intrinsecamente a aspectos históricos, culturais e se inserem em uma atividade prática, contextualizando com os conteúdos.

O ensino em museus se difere do ensino escolar, em relação à intencionalidade, organização, duração da atividade, flexibilidade nos métodos de ensino e aprendizagem, entre outros aspectos (UNESCO, 2005). De acordo com Studart (2005), na **educação não-formal, ao contrário daquela que acontece na escola, os interesses particulares dos indivíduos prevalecem, com liberdade de escolha de suas preferências e liberdade de acesso ao conhecimento, sem terem seu conhecimento colocado à prova.** Entretanto, segundo Lopes (1991), observa-se na prática um processo de escolarização dos museus, com a incorporação de métodos e finalidades do ensino escolar nesses espaços de educação não-formal. (PEREIRA, B. O.; VALLE, M. G., 2017, p. 836)

Uma formação adequada é aquela na qual todos os assuntos abordados e textos lidos e discutidos em sala, e práticas adotadas nos estágios e/ou nos programas de iniciação à docência (com a observação do ambiente escolar e espaço de ensino, o desenvolvimento de projetos escolares, planejamento e execução), durante a formação, fazem-nos refletir sobre o nosso fazer docente.

Com isso, repensamos nossas práticas em sala de aula de forma que haja uma contextualização com a vida do estudante. Dessa forma ele pode vir a se interessar, e, compreender que o conhecimento científico está, sim, perto de suas realidades, que, por sua vez, se relacionam aos conteúdos trabalhados na escola e, também, a abordagem dada na mediação, no museu. Devemos, como professores, trabalhar os conteúdos, de forma mais lúdica, com o uso de diferentes recursos e metodologias ativas, tendo o estudante como protagonista durante todo o processo educativo, e, o professor com um perfil de mediador desse processo, orientando o

estudante na resolução de problemas e nas discussões sobre os assuntos propostos não só nos conteúdos escolares, mas pensando no universo científico.

No meu processo de aprendizagem, enquanto estudante de Pedagogia, houve momentos que foram muito relevantes e me fizeram optar para que ao ocupar um cargo como professora ter um trabalho integrado aos espaços museais. Vemos que, com a pandemia, nos distanciamos uns dos outros, ficamos impossibilitados de estar no ambiente escolar, de estar presentes em salas de aula, vislumbrar o trabalho pedagógico e às ações desempenhadas pelos professores, isto tudo nos fez e faz repensar em práticas que requeiram mais contato humano e acredito que os espaços museais utilizados de forma responsável, isto é, integrando o ensino formal da escola ao ensino não-formal e os possíveis conteúdos a serem trabalhados, possibilita uma saída para aqueles que sentiram tão perto e enfrentaram momentos difíceis com essa pandemia do COVID-19, ter um maior contato com o objeto pesquisado, com os espaços e suas dinâmicas lúdicas, permitir ao estudante novos ares do conhecimento científico, uma fuga de mais do mesmo que é visto em sala, pois os conteúdos escolares já transbordam, enchem, lotam o espaço formal, carecendo de uma vivência, como por exemplo poderia ocorrer nos espaços museais, essa vivência direta com Geografia e História.

Devemos, como professores dos anos iniciais e do ensino fundamental I, inovar as nossas práticas, buscar uma formação continuada, pesquisar sobre museus, galerias de arte, teatros e a forma como desenvolvem seus trabalhos. Identificar se é possível integrar a prática pedagógica lá existente ao ensino em sala de aula, se eles têm formação, quando é essa formação, se é gratuita, se dispõe de visitas mediadas e como elas ocorrem, se dispõe de uma forma de transporte integrada a prefeitura da cidade como um projeto, se tem como a escola participar desse projeto, etc.

Como ocorre no caso dos professores de Ensino Fundamental II em diante, que já fazem uso desses espaços amplamente, trabalhando conteúdos diversificados de várias disciplinas; os da Educação Básica e do Ensino Fundamental I, devem buscar esta prática como uma alternativa possível. Lutar para conseguir buscar uma forma de estar presentes nesses espaços não-formais, de levar os estudantes, planejar bem às aulas e integração com o espaço, falar com a escola, independente de conseguir uma forma de locomoção para chegar até o

museu com os estudantes, buscar outras alternativas, como falar com os pais para que eles levem e possibilitar um trabalho escola-estudante-comunidade em prol da construção do conhecimento e melhor proveito escolar para os estudantes.

A escola também deve se fortalecer como instituição de ensino, seria a ela possível ter um planejamento anual para o trabalho em consonância aos museus, possibilitando que os professores fossem a esses espaços e levassem seus estudantes, sem colocar a carga totalmente nos ombros de nós, professores, que já fazemos bastante em nossos planejamentos e no ensino.

O importante é não ficar passível às decisões monocráticas dos órgãos competentes que se esquecem que é **direito dos estudantes o acesso à cultura** e que isso se relaciona diretamente com a prática em sala e ao melhor aprendizado dos conteúdos (Art. 23, V, da CF/88).

O processo de formação dos pedagogos ainda não dispõem de disciplinas que tratem do uso das metodologias voltadas a um trabalho com os espaços museais ou formações, são temas que com sorte são abordados em nossos cursos de forma transversal ou com o estímulo de algum professor que já faça uso dos museus como recursos pedagógicos. Não dispomos de matérias específicas que nos façam refletir sobre o uso dessas metodologias integradas ao que é trabalhado em sala de aula durante a prática docente, metodologia de ensino a qual volta-se a aprendizagem baseada na vivência. O uso dessas metodologias tem a ver com uma proposta de aprendizado significativo como forma de estimular o conhecimento e trabalhar o cognitivo do estudante de forma a promover um sujeito crítico e ativo no processo de conhecimento (visão do estudante como protagonista). Dessa forma, um estudante de pedagogia, caso tenha o desejo de se aprofundar e utilizar espaços não-formais de ensino (como os museus) integrados à educação formal (escolar), deverá buscar para além de sua formação, em uma formação complementar ou continuada.

A questão do trabalho com diferentes disciplinas escolares de forma a gerar uma transdisciplinaridade tem como importância dar essa visão transdisciplinar ao professor de forma a trabalhar diferentes disciplinas e ter uma nova postura, como mediador do conhecimento. Como instrução possível aos professores temos o

inerente dever com o perfil pedagógico, a inerente participação do aluno, respeitar e estimular a liberdade do estudante, contextualizar o conhecimento, trazer atividades do cotidiano do estudante para a sala de aula, promover atividades em grupo onde haja colaboração, utilizar múltiplos recursos, como um trabalho integrado aos espaços museais, promover a socialização das respostas dos estudantes após a visita. Além disso, é preciso avaliar, mas essa avaliação deve acontecer de maneira que haja uma aceitabilidade, grau de compreensão e sobre a maneira como se dá a aproximação das aulas dessa metodologia em questão.

O fazer docente, possibilitando uma vivência desse processo formacional contribuindo para a formação das crianças de forma transformadora e permitindo que elas possam também transformar esse “ser” e “fazer” pedagógico. Dessa forma, cria-se a possibilidade de não somente mostrar resultados, mas de realmente melhorar a qualidade do profissional enquanto atua no espaço escolar, contribuindo com a escola e permitindo que ela possa vir a contribuir com a formação na prática do dia-a-dia. De acordo com Tardif (2007) “Os saberes da experiência surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relação à interioridade com sua própria prática” (TARDIF, 2007, p. 54)

Essa forma de ensinar é uma tentativa de aproximar os estudantes à realidade do que se aprende na sala de aula. Nele, a sala não tem fronteiras para o conhecimento, isto é, uma sala que derruba os muros da distância presentes no ensino atual e traz à tona o contato direto com os conteúdos em Geografia e História linkados aos espaços museais.

A mensagem que se passa, a partir da contribuição proporcionada por a criação de um plano pedagógico novo com um trabalho integrado aos espaços museais, é que tanto os professores quanto os gestores da escola podem trabalhar em equipe na tentativa de construir uma escola além dos muros, uma escola sem fronteiras, onde é possível aprender na relação direta com o mundo e o professor como sendo um mediador do conhecimento.

Esse modelo de plano pedagógico escolar é desafiador, mas traz uma importante mensagem a qual faz pensar em trazer melhorias e em repensar a prática e o saber fazer docente.

Dessa forma, nós professores temos que lutar contra um ensino tradicionalista acrítico. Estimulando nossos estudantes a serem autônomos e críticos do conhecimento que constroem e com uma visão mais ampla com respeito a todos. Demonstra a importância da figura do docente e o quanto ele pode influenciar na vida e decisões dos estudantes.

Nessa proposta de fuga é onde se enquadra perfeitamente a proposta do ensino não-formal. O ambiente museal enriquece o campo de visão do estudante acerca da vida, dos assuntos cotidianos, e ao mesmo tempo proporciona experiências únicas, tira o foco do conteudismo presente no ensino formal; para os professores, além de ser um facilitador para reforçar o ensino formal, é também o local no qual ele mesmo pode aperfeiçoar a sua prática, permitir que outro assumam a posição de educador-mediador, intervindo o professor sempre que necessário, sem abandonar sua função, mas podendo agora observar melhor sua turma, como aprendem, interagem, constroem conhecimento, observar o que já sabem sobre certos assuntos, se questionam, se propõe algo, refletindo, inevitavelmente, sobre a sua própria prática docente; e, também, ao verificar que foi proveitosa a experiência, estimula-se a adotar essa nova postura do educar, se permitindo a qualificar-se e aperfeiçoar sua prática, o museu, como acontece na maioria dos casos é um espaço formador desses profissionais, oferecendo, até mesmo, cursos em seu próprio espaço voltados à formação continuada de educadores em diversas áreas.

Acerca da questão do refletir a prática, temos também na figura do mediador a reflexão sobre a prática que desenvolve em suas mediações, sua ação educativa é significativa? Contribui para os visitantes que vão até o espaço museal? Contribui para os estudantes, para os professores, para a divulgação do museu e da cultura local? Essas questões também fazem parte da ação desenvolvida nos museus e como veremos em seguida, desenvolve-se um trabalho relevante e bastante significativo que contribui não só para às atividades dos professores, como permitem transformar o ensino, e o aprendizado do estudante, permitindo novos olhares sobre os conteúdos escolares, que a partir da visita e da vivência começam a fazer sentido de serem trabalhados e compreendidos em disciplinas como Geografia e História, vistas sob o prisma social e crítico, contextualizado.

Capítulo 2 CONHECENDO E ANALISANDO OS ESPAÇOS MUSEAIS, UM OLHAR SOBRE AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E O FAZER DOCENTE DOS MEDIADORES NESTES ESPAÇOS

Neste capítulo buscou-se apresentar sobre o museu do Paço do Frevo e o Museu do Trem, inicialmente diferenciando os dois tipos de espaços não-formais de acordo com o objetivo/função de cada um e aos objetos presentes no acervo. Classificando-os como Museu de Experiência e Museu de Coleção.

Após a coleta nos dois espaços museais, a qual ocorreu de forma presencial no Paço do Frevo, por meio de entrevistas a Administração do espaço, aos diversos setores e aos educadores-mediadores, em no Museu do Trem ocorreu de maneira virtual, através do aplicativo WhatsApp (devido a pandemia do COVID-19), com gravação de áudios no aplicativo; foi feita uma análise qualitativa sobre as propostas pedagógicas, a presença ou não de um plano museológico, e como se relaciona essa metodologia interdisciplinar do espaço não-formal com o espaço formal (escola), isto é, como ocorre a interação entre a espaço-escola e o diálogo para com as disciplinas de Geografia e História.

Bem como apresenta-se no capítulo, em sua segunda parte, os espaços e equipamentos disponíveis para mediação, palestras, cursos, oficinas, exposição de objetos e vivências tanto presenciais quanto virtuais dispostos em ambos os espaços museais, com uma análise de sua usabilidade e possibilidades para discussão de temáticas relativas às disciplinas de História e Geografia, trabalhadas de forma conjunta pelos professores, em seus possíveis planejamentos, com os mediadores nos museus.

Além disso, buscou-se trazer o conceito do “fazer docente”, sua importância relacionado a presença do pedagogo no museu, visando uma melhor abordagem ao estudante com metodologias ativas e, também, aprofundamento da prática do professor ao lidar diretamente com os conteúdos vistos inicialmente na escola.

Ao verificarmos a importância do papel do pedagogo no museu, relacionada aos achados tanto no aporte teórico quanto coleta de dados e depoimentos nas

entrevistas e questionários realizados, verificou-se, por fim, neste capítulo, que os mediadores são, além dos professores, as figuras de segunda importância no museu. Por terem uma abordagem de projetos que trabalham conteúdos escolares integrados ao museu e seus conteúdos e objetos presentes no acervo, os mediadores e suas gama de formações são essenciais para o diálogo e contextualização. A forma como eles trabalham os conteúdos deve se enquadrar ao que o professor sente de necessidade ao abordar o que foi trabalhado na escola.

2.1 Tipologia de Museus

As experiências e possibilidade de práticas pedagógicas desenvolvidas em espaços museais podem variar de acordo com a tipologia dos museus, com os recursos que ele oferece, com a temática do museu, com seus acervos, como também com o plano pedagógico desenvolvido por eles. O que o professor, como mediador da integração escola-museu, tem um papel central no aprofundamento da experiência e nas relações que podem ser estabelecidas entre o ensino formal e não-formal. Outros agentes importantes nesse processo são os administradores e os monitores dos museus.

Para isso, neste capítulo, vamos analisar duas experiências distintas em museus de tipologias diferentes na cidade do Recife, mas que ambos se destacam nessa inter-relação entre museu e escola, o Museu do Trem como museu de coleção, e o Paço do Frevo como museu de experiência.

Se nos propusermos a estudar a História das ações educativas nos museus brasileiros, podemos ver que ela engloba desde ações pontuais de caráter experimental local até estratégias institucionais e políticas setoriais de abrangência nacional. Trata-se de um campo bastante amplo e muito diversificado.

Podem ser entendidas como práticas educativas atividades tais como: visitas “orientadas”, “guiadas”, “monitoradas” ou mesmo “dramatizadas”, programas de atendimento e preparo dos professores, oficinas, cursos e conferências, mostras de filme, vídeos, práticas de leitura, contação de histórias, exposições itinerantes, além de projetos específicos desenvolvidos para comemorar determinadas datas e servir de suporte para algumas exposições. Além dos materiais educativos e informativos editados com a finalidade de servir a estas práticas, tais como: edição de livros, jogos, guias, folders e folhetos diversos, folhas de atividades, kits de materiais pedagógicos, áudio-guide (guia auditivo), aplicativos multimídia, CD-ROM, site institucional na internet, etc. (FALCÃO, A., 2009, p. 16)

Sobre os Museus de Coleção, Pacheco (2012, p. 66), ao citar o entendimento de Pierre Nora reflete que autora argumenta o seguinte:

(...) que diferentes lugares – entre eles os museus de História – se constituem em lugares de memória porque assumem a tarefa de difundir determinada versão dos eventos do passado na memória coletiva de uma comunidade. “São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (Nora, 1993, 21). Neste argumento entende-se que os museus – não apenas os de História – são materialidades que tem a funcionalidade de produzir uma simbologia sobre a dimensão temporal, seja o tempo físico (Piaget, 2002), seja o tempo histórico (Rusen, 2001; Hartog, 2006); no que toca ao ensino de História em museus podemos dizer que entre os temas de interesse estejam, entre outros, os eventos históricos, o tempo histórico e a memória social.

Dessa maneira, os **Museus de Coleções voltar-se-iam a dispor de objetos diversos que se classifiquem segundo uma categorização, modificando-se com o tempo, atualizando-se tecnologicamente** falando, por exemplo, assim Pacheco (2012) reflete que ainda existem Museus os quais se destinam a expor objetos históricos que se categorizam segundo uma coleção, isto é, colecionam peças e objetos, como cita o autor: **“se mantém como um gabinete de curiosidades, reunindo um conjunto de itens mais ou menos conexos entre si”**. Nesta afirmação podemos compreender desta forma um dos espaços pesquisados, do qual trata-se do Museu do Trem, que muito embora seja um Museu de Coleções, não tira o mérito da finalidade pedagógica, como bem explica Pacheco (2012, p. 66), no seguinte trecho: “Todos eles, contudo, podem ser utilizados pelo professor de História com o mesmo sentido: educar para a percepção da aventura humana no tempo por meio do contato com o objeto.” (2012, p. 66).

Como visto nas palavras do autor, ao citar Siman (2007), que o contato direto com o objeto a ser estudado possibilita visualizar o museu como uma outra possibilidade de ambiente educativo (educação não-formal), ou peculiar, o qual dispõe de um acervo de registros selecionados e provenientes de uma momento histórico, dispendo de materialidade e oportunidades de simbolização às quais não são encontradas na escola (educação formal); e que compete ao professor educar por meio desse novo olhar, através dessa materialidade contraditória e plural, apresentando o educador sua peculiaridade e sua potencialidade.

No caso do **Museu de Experiência**, para o autor ele **se apresenta como sendo uma possibilidade de vivência de conteúdos escolares através da experiência proporcionada pelo espaço**, como por exemplo o é o Paço do Frevo, espaço que é possível desfrutar desta manifestação cultural dançando, ouvindo músicas, cantando, criando instrumentos musicais através das oficinas. Neste caso, reflete Pacheco (2012, p. 66-67) que uma proposta pedagógica que integre esse espaço aos conteúdos escolares deve ser realizada com um planejamento prévio, criação de um roteiro para o momento de visita tendo em vista o objetivo de bem trabalhar os conteúdos escolares atrelados à vivência no espaço.

Pacheco (2012) apresenta a definição proposta pela Comissão Internacional de Museus (ICOM) a qual demonstra a importância desses espaços não-formais de ensino para preservação da propriedade cultural como parte integrante de um “patrimônio natural e cultural mundial e pode ser de caráter tangível ou intangível”, ou seja bens materiais e imateriais. Esse trabalho pedagógico possibilita ao professor criar uma “referência primária em vários temas da área”, como no caso em Geografia e História sendo de grande contribuição importante para a construção do conhecimento, compondo aspectos importantes, também, para a “definição da identidade cultural” em diversos níveis sociais locais e para a comunidade internacional (LEWIS, 2004, p. 1; Ramos, 2004).

Sendo assim, **o museu voltado à experiência é um espaço para se viver uma experiência sensível, como, simultaneamente, locais de aprendizagem e espaços de lazer nos quais é possível ter sensações e emoções.**

Para a realização dessa pesquisa foi realizada uma **coleta de dados no Paço do Frevo, presencialmente, por meio de entrevistas à Administração do espaço, aos diversos setores, e aos educadores-mediadores.**

No Museu do Trem, foi realizada a coleta de maneira virtual através do aplicativo WhatsApp, devido à Pandemia do COVID-19 que nos assola desde 2020, sendo postergada até o momento de finalização da coleta, ainda sobre a entrevista, fez-se uso do aplicativo WhatsApp para sua realização em meio virtual e para o envio do questionário disponibilizado através do Google Forms, sendo que foi consultado alguém da Administração do espaço que também é educador-mediador.

Vemos que as propostas didáticas apresentadas pelos espaços Museais do Paço do Frevo e do Museu do Trem, mesmo que sendo espaços caracterizados tipologicamente como diferentes, isto é Museu de Experiência e, respectivamente, Museu de Coleção, não modificam sua importância enquanto espaços formativos em um ensino não-formal; ambos apresentam propostas já planejadas e postas em prática que funcionam amplamente, possibilitando ao professor o seu uso e ao estudante um melhor diálogo com o conhecimento advindo dos conteúdos escolares e dinamicamente trabalhados nestes espaços.

As informações sobre as propostas são disponibilizadas aos professores quando estes entram em contato com os dois museus. Sendo que, no caso específico do Paço do Frevo, além de disponibilizar a informação por telefone ou email, entregam o documento com o plano museológico de forma física, ou seja, repassam para o professor o arquivo em PDF para que baixem e planejem como irão trabalhar determinados assuntos com sua turma enquanto visitam o espaço, ou, até mesmo, solicitar para que um “educador do Paço” (os mediadores no museu) trabalhe determinada temática seguindo o planejamento do professor.

As ações educativas presentes neles não nos distanciam das ações educativas realizadas em sala de aula, pelo contrário, nos aproximam do contexto do estudante, da escola e da nossa realidade enquanto professores que se preocupam com o meio social e questões de cidadania, sob a construção de nossa cidade e dos aspectos culturais nela presentes, das manifestações sociais em si como no caso do Frevo; e, em relação ao Museu do Trem, os meios de transporte, comunicação e tecnologias, que foram desenvolvidas, reinventadas e novas foram criadas, que delinearam a formação de nossa cidade e interferem em nossa vida, nossa locomoção, nosso jeito, comportamento. Tudo isso nos aproxima do universo do estudante e sua interação com os conteúdos dados em sala, e, com as interações sociais que estabelecem e irão estabelecer no decorrer de sua construção como sujeitos, nas relações com o outro e com o meio, e quanto às responsabilidades que tem e terão.

2.2 O Paço do Frevo e sua estrutura pedagógica

No Recife localizado no Marco Zero, o qual dispõe de outros espaços museais e galerias, encontram-se o "Paço do Frevo", o qual é tipologicamente classificado como sendo um museu de experiência, o que significa que dispõe de espaço de vivência do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, que é o Frevo. O Frevo é uma dança folclórica e um ritmo tradicional do Recife que consiste por ser uma marcha acelerada ao som de uma banda que segue o estilo, Ele tem origem no século XIX na cidade de Recife, Pernambuco. Foi resultado da rivalidade entre as bandas militares e os escravos que se tornaram livres. Em 2012, o frevo foi incluído na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas (Unesco). A palavra "Frevo" emerge como uma corrupção do verbo ferver ("ferver" em português), porque frevo é uma dança de frevo, muito acelerada.

Sobre o Museu do Paço do Frevo, ele está localizado no seguinte endereço: Praça do Arsenal da Marinha, s/n, no Bairro do Recife, em Recife - PE. Quanto à sua descrição e informações históricas acerca dele, temos que ele se apresenta como um espaço dedicado à difusão, pesquisa, lazer e formação. Com um estudo e pesquisa que volta-se às áreas da dança em sua expressão à cultura popular e música do Frevo.

Dispõe, no térreo de algumas salas, como a que apresenta à linha do tempo histórico do Frevo, com personalidades que compõem essa manifestação cultural popular, sala de acervo documental, uma sala de exposição de homologação, um café e lojinha com artigos da cultura local; além disso, tem o segundo andar com salas para realização de oficinas, palestras, cursos de formação e 1 sala para degustar do Frevo, possibilitando aos visitantes ter aulas e vivenciar essa experiência através da música e da dança.

O Paço do Frevo, por meio da imersão no vasto universo de personalidades, histórias, memórias, experimentação do Frevo como dança e como música, pretende demonstrar ao seu público que não é só no carnaval que se faz Frevo ou se dança o Frevo, mas o ano todo.

Como processo formativo (formação de professores e oficinas para todos os visitantes, inclusive estudantes), este espaço apresenta uma escola de música e escola de dança promovendo o movimento do Frevo em suas diversas linguagens e modalidades. Além disso, é propenso a pesquisa, pois possui um centro de documentação e exposições, permitindo aos estudantes a análise de documentos históricos, de objetos, imagens, dentre todos os outros tipos de fontes primárias referentes ao patrimônio material e imaterial presentes. A proposta remonta a tentativa de redescobrir nossas raízes viventes no passado, tanto os aspectos sociais como também espaciais em si da cidade, que se relacionam de forma permanentes às características de nosso povo pernambucano, recifense.

Como possibilidades educativas em Geografia e História referentes ao patrimônio selecionado, temos que, ao trabalhar o Frevo como movimento cultural identitário e patrimônio imaterial da Humanidade e patrimônio cultural do Recife, reafirma-se um povo, uma cultura, objetos a ela pertencentes, que trazem suas características; além disso, relacionado a Geografia, pode-se realizar intervenções pedagógicas referentes a cidade do Recife, nas quais o patrimônio imaterial do Frevo relaciona-se às construções dos bairros, suas histórias e das relações sociais, aspectos econômicos, políticos e espaciais.

O setor pedagógico dispõe de material documental referente a possíveis propostas que o professor tenha interesse de desempenhar, ao agendar a visita ao espaço, o professor pode solicitar esse documento e, anteriormente a visita, trabalhar conteúdos escolares junto às mediações e atividades presentes no Paço do Frevo. Os professores que optam por ir ao Paço do Frevo geralmente vão previamente ao Centro de Documentação para fazer consultas, alguns, inclusive levam turmas de alunos para consultar e pesquisar também no acervo documental.

O Paço do Frevo, dispõe de mediação, como já falado, e segue a proposta do professor, caso ele já disponha de planejamento relacionado há algum conteúdo dado em sala, há explicações sobre as origens das primeiras agremiações carnavalescas e sobre a origem dos paços do frevo.

Historicamente, na narrativa, conta-se que eram movimentos usados como forma de competição entre membros das agremiações visando um maior destaque

para seus blocos ao passarem no desfile, para evitar chamarem atenção, fantasiavam-se de foliões e competiam entre si, após isso, foram chamados ex-escravos libertos para executarem os passos por eles criados fazendo uso de uma sombrinha que na ponta era bem afiada, com o real intuito de fazer dano durante as competições, disfarçando o ato com passos nos quais pareciam apenas estarem se divertindo. Com o passar do tempo, os passos foram adaptados e os acessórios como os guarda-chuvas foram substituídos por sombrinhas à medida que não havia mais essa necessidade competitiva com violência entre os membros da agremiação.

A vivência “dançando frevo”, dispõe de um professor/instrutor que dá uma aula prática de curto período, em média 30 minutos, iniciando com movimentos simples coordenados como palmas, levantar e abaixar as mãos, levantar as pernas e aos poucos percebemos que já estávamos dançando frevo, foi muito lúdico e divertido.

Na parte da exposição de homologação é possível ver com mais detalhes sobre a evolução do carnaval com o passar dos anos, pode-se, também, comprar objetos de nossa cultura musical e sobre o frevo, ver máscaras e fantasias de carnaval e, até mesmo, deixar um recado em um quadro enorme em uma das salas, para os próximos visitantes do espaço.

No Paço do Frevo também há disponível cursos de formação de professores, que são gratuitos e seguem uma proposta anual do museu que em seu programa diversifica às formações, trabalhando o frevo, a música, aspectos da manifestação popular em geral abordando como podem ser trabalhados em sala de aula; como estimular os estudantes no aprendizado dos conteúdos escolares com novas propostas integradas aos museus, como trabalhar várias disciplinas, dando um destaque nas ciências humanas; como surge nos comentários dos próprios entrevistados, em Geografia e História destaca-se a **cartografia do frevo**, um estudo sobre como se deu o Frevo nos diversos bairros da cidade do Recife; e, a linha do tempo histórica do Frevo, com diversas personalidades da música, dança e artes que compuseram e compõem a cultura do Frevo na cidade do Recife, além disso, tem a possibilidade de participar dessa linha acrescentando sua própria história, no caso a história dos visitantes (estudantes,

professores e outros), a linha do tempo do Frevo; às vezes pode até acabar encontrando alguém que você conhece ou fez/faz parte de sua vida, ali.

Sobre as palestras, formações e eventos, durante a pandemia do COVID-19, o Paço do Frevo disponibiliza oficinas, e formações, etc. Sobre as visitas presenciais, elas foram retomadas ao público a partir de 10 de Setembro de 2020, com todos os cuidados sanitários e disponibilizando a venda de ingressos online com agendamento de horários. Recebe agendamento de escolas e público em geral, através do Telefone: (81) 3355-9500 e através do seu site na internet, tem seu horário de funcionamento atualizado para quintas e sextas-feiras das 10h às 16hs, e, sábados e domingos das 11h às 17hs. Sendo que o último horário de entrada é 30 minutos antes do encerramento).

Em relação a coleta de dados no Paço do Frevo, essa coleta de dados foi realizada nos dias previamente agendados, os quais referem-se às datas de 07 até 15 de outubro; além de que, previamente foi questionado sobre a possibilidade de sua realização, foi marcado visita para entrega de documentos referentes à pesquisa e sua autorização para realização.

Sob a perspectiva da coordenadora de conteúdo do Paço do Frevo, em coleta realizada no dia 15 de outubro de 2019, Vanessa Marinho, em minha pesquisa e em sua fala, iniciamos sobre a compreensão do espaço museal, momento em que ela diz que o museu tem uma função experiencial na qual existem diversos aproveitamentos do espaço, um deles seria o registro de cada visitante, onde deixa sua marca através de forma artística, sendo ela pintura, construção de algum objeto relacionado ao tema frevo e cultura popular, assim contribuindo para manter viva a experiência do museu. O museu também conta com um espaço para a dança; já um outro lugar referência-se para as apresentações artísticas; seguindo por uma exposição de homologações em outro espaço dedicado; conta também com espaços os quais são preenchidos com recursos imagéticos; e, também com diversos outros espaços repletos de artefatos históricos, como por exemplo o citado terceiro andar, o qual dispõe dos estandartes.

Sob a ótica administrativa, Vanessa relata que o museu cumpre a função de assegurar ações de proteção e amparo, às quais ela denomina “**salvaguarda**”, acerca do frevo. Conta com um **Plano Museológico**, o qual tem aporte da seguinte estrutura: 1 responsável pela gerência geral, 1 responsável pela gerência de desenvolvimento institucional, 1 responsável pela coordenação de conteúdo, cargo

o qual é ocupado pela Vanessa, o qual é ligado diretamente com a coordenação de educação - ou como eles chamam o “educativo” do museu - 1 que é coordenação de dança, 1 coordenação de música, 1 que é responsável pela equipe central de pesquisa e documentação, 1 responsável pelo financeiro, 1 responsável pelo RH, 1 responsável pela equipe de planejamento; somando ao todo 11 dirigentes.

Quanto a ótica da política pedagógica, Vanessa, em sua fala diz que existe uma grande importância dada ao compromisso com a composição social do frevo, onde artistas jovens e contemporâneos, com suas contribuições históricas e artísticas na dança, na cultura, nas artes visuais e na música, se encontram em equilíbrio. Tudo isso se encontra presente tanto em documentos e vídeos, canções, composições feitas pelos músicos em vários momentos da História do Frevo e museu do Paço do Frevo, sendo abordados nas mediações e formações dadas aos professores e, inclusive, em algumas oficinas.

Acerca dos programas e projetos, em sua fala, o Paço do Frevo, demanda tempo para ações artísticas e sociais do Frevo, relacionadas à dança, música, educação, pesquisa, e comunicação. As quais foram se aprimorando entre os 5 a 6 anos iniciais do museu.

Ao instigar sobre a importância pedagógica e se existia tal profissional em contato com o espaço, Vanessa explica que não tem pedagogos formados, e diz que “seria um sonho!”, ela ainda completa que seria importante contextualizar o espaço para amplificar a experiência no museu, podendo este atuar como mediador, promovendo o encontro do conteúdo com a experiência da interação com o lugar.

Novamente à questioneei sobre quais seriam as parcerias escola-museu, a qual ela descreve como sendo cada contato com os professores uma experiência dinâmica, porque o professor ao buscar o espaço tenta descrever em suas observâncias qual o desejo que ele tem em interagir os discentes com o espaço.

Referente às práticas pedagógicas ligadas às disciplinas de Geografia e História, Vanessa cita, sobre **Geografia** e a integração da disciplina com os conteúdos oferecidos no espaço dois pontos: um seria o de **criar uma identidade sobre as localidades do Recife e outra entender o frevo de forma cartográfica (cartografia do Frevo)**. Já referente a **História**, o espaço oferece a **História da música, dos mestres e dos compositores e as transformações acerca do**

tempo (linha do tempo) e dispondo de todo o conteúdo de pesquisa presente no local (centro de documentação).

Sobre as entrevistas realizadas, no dia 01 de outubro de 2019, foram entrevistados os mediadores-educadores Beatriz Rocha, Bárbara Sarinho, Greicielly Barros e Lucas Pereira, os quais ocupam o cargo de estagiários no espaço. Já no dia 15 de outubro, buscou-se a perspectiva trazida pelo administrativo, em entrevista realizada à Vanessa Marinho, coordenadora de conteúdo do Paço do Frevo.

Quanto à entrevistada Beatriz Rocha, a qual possui formação em Geografia, ao ser questionada se pretendia realizar alguma outra formação no ensino superior, curso, pós ou mestrado, a mesma respondeu que “não”, sem dar mais explicações sobre o motivo.

Sobre a entrevistada Bárbara Sarinho, cuja formação volta-se a Ciências Sociais (bacharelado), ela relata que “Eu pretendo continuar com as graduações e tal, pós-graduação, mestrado.. se tiver mestrado no museu e tal,mas eu pretendo sim, inclusive na área da educação, pedagogia...”, demonstrando que considera importante para a função que ocupa e para desempenho profissional futuro uma graduação ou formação na área da educação.

Quanto à entrevistada Greicielly Barros, sua formação é em Licenciatura em História, sobre a pergunta sobre possibilidades de outras formações futuras, ela respondeu que “sim, mas ainda não tem nada específico”.

Em relação ao entrevistado Lucas Pereira, cuja formação é bacharelado em Ciências Sociais, quanto ao questionamento sobre outras formações, o mesmo respondeu:

Eu pretendo realizar outra formação acadêmica na área de Pedagogia, ou um mestrado em Educação, depois que eu me formar, aí eu quero trabalhar na área de Educação Popular, cultura popular de Pernambuco.

Demonstrando sua determinação acerca de sua profissão como educador e consideração quanto à importância de educadores formados no espaço museal, opinião a qual é demonstrada posteriormente em suas declarações, quando fala mais detalhes sobre seu desejo de estudar pedagogia ou tentar um mestrado em educação a partir da frase:

[...] o curso de ciências sociais, não é licenciatura como eu sempre quis. Mas é um curso de bacharelado, e aí eu pretendo fazer um mestrado em

educação, ou quando terminar minha formação em ciências sociais, ou fazer o curso de pedagogia. Aí eu quero me formar assim nesse sentido.

Quanto a pergunta aos mediadores se eles já haviam trabalhado em alguma escola, se teve contato, e, se essa experiência de certa forma contribuiu para o sua atuação na mediação, Beatriz relata que não chegou a trabalhar com escola, diz que teve apenas vivências:

[...] relações aproximadas com gestores, coordenadores, de ambientes escolares”. Sobre a importância, ela considera importante “essa integração de ciência e cultura, que acontece quando a escola se encontra nos bens culturais, porque dessa forma, além do aluno ter um aprendizado mais prazeroso, a respeito dos assuntos que estão sendo tratados em sala de aula, porque está acontecendo uma contextualização, ele também cria um sentimento de pertencimento acerca da cultura local, da cultura do espaço que ele vive”.

Apresentando um alto grau de compreensão sobre o papel da escola, a importância de uso do espaço museal integrado ao contexto dos conteúdos escolares, demonstrando a capacidade de ampliar o conhecimento do estudante e a compreensão de mundo do mesmo, a possibilidade de transformar o conhecimento em algo, como ela fala “prazeroso” para o estudante, essa atividade de descobrir sobre ele mesmo e sobre o que o rodeia e de construir conhecimento e o sentimento de “pertencimento” como sendo essencial para que o estudante sinta-se parte integrante no processo de aprendizado.

Ainda sobre a resposta a essas perguntas, Bárbara, corrobora com a visão de Beatriz, e traz mais argumentos relacionados a importância da construção da identidade da criança reafirmada pelo conhecimento do lugar e das manifestações culturais nele existentes e relações provenientes disso; ela relata que trabalhou “em dois momentos com escola, diretamente” e que indiretamente trabalha com escola, pois faz mediação nos museus, recebendo visita de estudantes, mas que teve outra experiência em escola, quando diz “(...) já atuei dentro de sala duas vezes.”. Ela conta que na primeira vez:

[...] era estagiária, no Rio de Janeiro, era uma escola integrada, da prefeitura no município do Rio, minha função era era uma função integrada, então minha função era articular a alfabetização de três alunos autistas que tinham na escola da mesma idade Entre 6 e 8 anos, minha função era estar com eles e desenvolver atividades lúdicas e que respeitassem o tempo deles..em relação à educação e tentar alfabetizar. A outra vez que eu trabalhei em sala de aula foi um projeto de extensão da rural, com professor João Morais que era um projeto em Igarassu, que consistia da gente ir em uma escola específica de uma turma específica de segundo ano ou primeiro ano mas a mesma faixa etária de crianças entre 6 e 9 anos e desenvolver

atividades em sala de aula que é fossem pensadas juntos com o conteúdo que eles estavam trabalhando em sala de aula mas que fossem voltadas para consciência ambiental e pertencimento artístico para criar uma identidade igarassuense nas crianças”

Nessa parte que a Bárbara fala sobre o planejamento necessário para trabalhar “junto aos conteúdos [...] para criar uma identidade igarassuense”, apresenta-se no trabalho do mediador e do professor como sendo essencial para ambos a fim de que as crianças se sintam como pertencentes àquela cultura. Sobre a relação entre a importância de ter um trabalho prévio na escola para desenvolvimento do trabalho de mediação ou o trabalho do professor integrado ao museu, Bárbara também concorda com Beatriz, dizendo que “muitos professores de ensino superior que não tem uma vivência em sala de aula” e infere que por isso, eles:

[...] não tem uma didática [...] foram direto para o mestrado e passaram em um concurso [...] e eu acho que qualquer experiência de aula é válida [...] Ter trabalhado na escola e depois trabalhar no museu me deu uma facilidade de lidar com as crianças, fez perceber o tempo da criança [...] de tá com a atenção mais voltada pra sua fala e depois perceber os momentos que elas não voa tão a fim [...] de lidar com as crianças de necessidades educacionais especiais que vem pro museu [...] eu vejo que se eu não tivesse essa experiência em sala de aula para lidar diretamente com essas crianças eu teria dificuldade porque não há nenhum treinamento pra isso [...] você vai aprendendo a mediar com o tempo. E eu acho que influencia muito, também, no jeito que você vai [...] trazer os conhecimentos para eles também, é sentar e fazer perguntas e entender como chega o conhecimento pra eles, contextualizar os conteúdos para que eles compreendam, mais do que isso, de perceber que você tem que sentar com eles e ouvir o que eles sabem, fazer perguntas para eles para tentar entender, deixar que eles perguntem também e tirem suas dúvidas para que aconteça o conhecimento. No museu, temos a possibilidade de ir desenvolvendo a atividade à medida que conversamos com as crianças e vemos suas necessidades. Em sala de aula eu já vejo que é um processo inverso, você já vem com uma atividade pronta, pensada, pra depois por em prática.

Sobre o pensamento de Gleicielly, ela pensa que sua formação anterior na área da educação contribui:

a prática no museu ela [...] se constitui como parte da minha formação também [...] é bem importante [...] eu acabo entrando em contato com coisas que você não consegue prever, sem estar aqui no exercício, do educativo e tal..e acaba que você sempre amplia mais o seu campo de visão, sobre as coisas e lidar melhor com elas mesmo assim um acúmulo de acontecimentos [...] conhecimentos [...] aí é uma variação tanto dentro das própria equipe, tipo da gente tá em contato com outras coisas que a gente não tangencia diretamente, na sua própria formação, mas tangencia no contato com outras formações.

Dessa maneira, ela demonstra que vê às diversas formações presentes no Paço do Frevo através da equipe como um fator que contribui para ampliar o campo de visão de forma que ao se falar sobre elas se pensa nas variadas formações e aprendizados construídos tendo por base essas formações dos educativo e das experiências vivenciadas dentro do espaço:

[...] tanto da gente em contato com a nossa equipe e tanto a questão dos próprios visitantes, eles tem uma variabilidade tão grande assim de faixa etária, cultural mesmo, de perspectiva sobre o que a gente tem aqui aí é bem relevante.

Coisa que o Lucas corrobora e complementa tendo em vista sua experiência anterior como bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), justamente na área de Geografia, proveniente de sua tentativa de formação anterior na área, mesmo ele tendo desistido do curso e seguido caminho em outra formação, em sua fala se apresenta da seguinte maneira essa importância:

Então, essa minha segunda opção, assim, de digamos carreira, de área, ela desde quando eu tive o primeiro contato com a educação, né?! Antes de entrar no curso de ciências sociais, dois períodos do curso de licenciatura em Geografia e aí foi quando essas questões da educação e da escola começaram a fazer parte da minha vida né, foi quando eu participei do PIBID [...] passei a ter esse contato com a escola e com os professores que foi aí que eu comecei a me sentir instigado a estudar educação e a fazer parte desse meio Então, é... eu passei poucos meses sendo bolsista do PIBID, por motivos de não ter me dado bem assim no curso, eu gostava da parte de licenciatura, da parte de educação. Mas eu não gostava da parte da Geografia em si. E aí eu acabei não tendo tanto contato com a escola como eu deveria, como eu gostaria de ter. Mas aí o pouco que eu tive com o pessoal do Ensino Médio foi suficiente pra eu entender que é isso que eu quero assim quero assim pra minha vida, eu quero trabalhar com escola, sendo professor. E foi muito importante esse pequeno período da minha vida pra entender essas questões sobre mim e sobre quem eu quero ser. Aí depois que eu entrei aqui no Paço do Frevo como estagiário [...] do curso de ciências sociais, né?! Aí essas questões sobre educação e principalmente sobre educação popular e com crianças e adolescentes foi o que veio mais a tona ainda. E basicamente eu me descobri, tô me descobrindo dentro desse estágio, pelo contato que eu tenho com crianças e com adolescentes, e, nesse sentido assim de ter esse contato com eles, eu acho muito importante para a minha formação como cientista social. E também pra futura formação que eu quero ter. Então esse contato com crianças, com adolescentes, me faz muito pensar numa futura formação pra ser professor do ensino fundamental, por exemplo, que o ensino fundamental I é o tipo de aluno, o tipo de faixa etária que eu mais gosto de receber aqui no Museu, é o que eu mais tenho contato e o que eu mais gosto.

Já sobre a pergunta de como o mediador acredita que deva ocorrer uma melhor discussão sobre teoria e prática nos espaços museais e sobre quais matérias escolares eles acham que podem ser trabalhadas no Paço do Frevo. Os mediadores responderam o seguinte, a começar por Bárbara:

Eu acho que esse momento de integrar a teoria e a prática cabe totalmente ao mediador. Porque se a gente não faz isso acontecer, não vai rolar, as crianças podem vir, com um conhecimento sobre o frevo. Então, eles estão aqui pra aprender sobre o frevo, e aí eu tento demonstrar que não, que eles podem ter vários olhares sobre a exposição. Se eu vejo que eles não se interessam muito, não captam muito, o afetivo deles, pra História do frevo, eu falo de carnaval, ou [...] se eles não gostam de carnaval eu falo dos problemas de carnaval com eles, eu falo sobre eles não terem carnaval na cidade deles, enfim, se eu falo sobre cultura popular, eu vou tentando levar a minha bagagem teórica, de vivência também, para um lugar comum deles para que a gente possa se encontrar, sabe.. nesse meio termo para ver aonde o que eles conhecer podem agregar na minha mediação. Porque não é a minha mediação que vai dizer se a visita vai ser boa ou não, tem que ter esse encontro para dar certo assim, tem que captar a atenção e despertar algum sentimento de pertencimento naquilo [...] Eu sempre pergunto pros professores, quando os grupos chegam, se for grupos de escola: “se eles tão trabalhando algum assunto em sala de aula? E querem que eu direcione a mediação por esse caminho?”. É muito raro os professores chegarem, pelo menos nos grupos que eu peguei, no tempo que estou aqui, com um professor tenha vindo com essa proposta, mas já aconteceu, pelo menos umas duas vezes, foram duas experiências muito legais, os professores falaram: “olha eu tô trabalhando isso seria muito legal se você pudesse, o que a gente pode fazer? e tal..” Eles vem também com essa contextualização.

Dessa maneira, Bárbara demonstra que a integração dos conteúdos depende não apenas da bagagem ou da prática em sala de aula do professor, mas da abordagem dada pelos mediadores, sobre os quais compreende que faz parte da sua ação educativa unir teoria e prática na mediação, trabalhando os conteúdos diversos de maneira dinâmica e integrada a proposta museológica, mais também a proposta de abordagem do professor, caso ele venha com um planejamento de trabalho pedagógico de alguma disciplina escolar, coisa a qual o mediador deve questionar sobre e adaptar a dinâmica de apresentação do espaço e o que vai ser abordado e quais ações irão compor o momento de diálogo. Também é, para ela, necessário questionar sobre os conhecimentos prévios dos estudantes, quando por exemplo em sua fala quando ela diz “as crianças podem vir, com um conhecimento sobre o frevo. Então, eles estão aqui pra aprender sobre o frevo, e aí eu tento demonstrar que não, que eles podem ter vários olhares sobre a exposição”.

Sobre a opinião da Beatriz sobre esse contexto da questão, ela pensa o mesmo que a entrevistada anterior e complementa falando sobre os conteúdos vistos no museu, dizendo que eles devem ser trabalhados pelo mediador de forma prazerosa para a criança:

Então, é... a partir de realização de atividades, quando a gente recebe um grupo, cada educador ele tá livre pra realizar uma atividade com aquele grupo, e a escola também pode mostrar uma demanda, sabe a escola pode dizer: “a gente vai ter... a gente quer usar isso numa aula de português”, “a

gente trabalhou isso numa aula de Geografia”. E aí o educador tendo essa ciência (noção), ele pode propor uma atividade. A gente tem atividades de perguntas e respostas, como passo ou repasso, a gente tem bola de ouro, e tudo isso é de você... “ok, a gente deu essa aula sobre tudo o que tem no museu, e agora o que é que vocês aprenderam?”. Então sempre a gente tem essa disponibilidade de fazer essa ação como se fosse uma aula diferente mesmo. No terceiro andar a gente tem o glossário do carnaval, então é uma coisa que pode ser trabalhada tanto em aulas de português como em aulas de inglês, porque são placas aí de um lado tem o nome de uma palavra-chave do carnaval e do outro tem o significado dela e também em inglês, sabe?! Tudo isso a gente pode ir trabalhando e articulando junto com a escola pra poder fazer uma aula mais prazerosa.

Gleicielly acredita que a teoria se une com a prática devido a experiência, que o mediador tem um papel importante por suscitar dúvidas que permitem ao estudante se questionar sobre a temática que se trata, dialogando os conteúdos escolares (teoria) e a prática presente nos espaços museais (vivência do objeto concreto da pesquisa), o que gera processos de abstração, estimula a curiosidade e os permite construir conhecimento, algo que é demonstrado a partir da sua fala:

Eu acho que nem a teoria e prática ela ...eu acho que elas se unem a partir da experiência, até porque em se tratando do ensino básico a compreensão de uma coisa mais abstrata ela nem acontece, né?! Pensa-se que acontece, só que não é., tipo..ela se dá de uma forma muito particular na cabeça da criança, aí eu acho que a partir da experiência mesmo do fato de vir (ao espaço). Tipo... acho que é bem importante o papel do mediador..enquanto a pessoa que de alguma maneira encaminha ou gera dúvidas. Mas eu acho que o simples fato de da pessoa experienciar, sentir aquilo, assim, talvez toque mais ele, para ele entender assim, tipo assim, isso te prepara além da reprodução, do que é posto em sala de aula, e para além da indicação que poderia, talvez, embrutecer essa experiência assim..cortar ela e só caminha assim sabe?! Tipo: olhe pra isso dessa maneira, assim! .. sabe?! Eu acho que assim a teoria e a prática no museu assim ela é ela é a partir disso mesmo, da experiência e da liberdade assim mesmo isso é parte que eu acho que assim é a mais importante, num sei se é importante ou enriquecedora. Eu acho que o fato de não ser um ambiente formal, mas não-formal, faz ...já ajuda muito, assim, dá uma liberdade maior que mesmo que a criança não perceba ou o visitante não perceba, ele está realizando essa conexão entre o teórico e o prático... a partir da experiência dele, naquele momento, sabe?! Experiência no sentido da vivência que ele está tendo.

O último entrevistado sobre essa questão foi o Lucas, ele pensa que nem sempre os professores vem com o conteúdo dado, mas que em relação à prática educativa ela se dá, geralmente, de forma mais contextualizada a realidade no espaço não-formal de ensino, embora isso não tire o mérito e a necessidade de se trabalhar os conteúdos na escola por meio das teorias, assim, ele traz a seguinte colaboração:

Então, **os professores aqui das turmas que vem visitar o Museu, eles nem sempre vem com um conteúdo já dado, anteriormente em sala de aula [...]** alguns pretendem abordar algumas coisas que eles já tenham dado em sala de aula e eles dão esse toque a gente tipo: “ah, se eu tô abordando

Geografia, vamo falar um pouco sobre a Geografia afetiva do frevo, por exemplo; é nesse momento da mediação que os conteúdos em sala de aula, teóricos, conseguem intercalar com os conteúdos, coma a prática, né?! Com a prática educativa, e, essa prática ela não se dá no espaço formal que é a escola, por exemplo, é.. nesse sentido do museu e tal, ele se dá aqui no Paço do Frevo, por exemplo, ou em outros museus. É onde a prática, ela nasce, né?! É onde a prática nasce, através do mediador cultural e dos professores que já tem dado uma base aos alunos”.

Sobre a questão sobre o ensino de Geografia e História e quais conteúdos relacionados a essas duas disciplinas podem ser trabalhados no Museu, os estagiários, a começar por Beatriz, responderam o seguinte:

Beatriz: Geografia, Português, História (na linha do tempo), Educação Física (trabalhar o corpo), eu acho que todas as matérias elas tem um pouco do frevo, a gente pode levar o frevo pra elas. E depois complementa: “Então, eu já fiz algumas atividades com base geográfica, por exemplo, ocorreu formação do educativo, eu acho que foi mês passado, e aí o tema que eu trabalhei, que eu trouxe, que me foi solicitado na verdade, foi a Geografia afetiva do frevo. Então eu pude trazer os cinco conceitos chave da Geografia e mostrar que o frevo tá encaixado em cada um deles, que o frevo tem seu próprio território, tem seu próprio lugar, sua própria paisagem, e assim sucessivamente. Além disso, eu ministrei uma oficina, chamada frevo que transborda, que trabalha o conceito de lugar e alguns sub conceitos de paisagem, paisagem cultural, e paisagem sonora.. e também tudo dentro da Geografia.

Sobre Geografia e História, ela reflete que com certeza são disciplinas que podem ser amplamente trabalhadas, fala sobre o programa de formação continuada que o Paço do Frevo dispõe e que auxilia na formação de muitos professores e na integração com os espaços museais de maneira geral, através da seguinte declaração:

Sim, com certeza. A gente tem um programa de formação continuada de professores que o nome dele é “Passo-a-passo” e aí todos os meses... é ... uma disciplina que é atrelada a cultura, e, é muito legal, porque a gente vê o desenvolvimento dos professores de um módulo pra o outro, e os professores passam a trazer às escolas deles pra cá e também a trazer às experiências que eles adquiriram no passo-a-passo pras escolas, e a gente vê essa troca. Então, assim, eu acho que a gente promove uma boa contribuição. Porque o público geral ele acaba saindo sim, acaba vendo mais um pouco sobre a História do Recife, mesmo que ele não goste muito de ler. Mas só em observar essas fotografias que a gente tem aqui e tem no terceiro andar, a gente pode observar a evolução do carnaval, a gente pode observar o ciclo carnavalesco como ele funciona, de que o carnaval não é só ir pra rua, tem toda...tem o sagrado e o profano do carnaval, tem tudo isso. E a gente também trabalha a Geografia, porque existem os locais específicos de cada coisa, então, assim... eu acho que contribui”.

Bárbara tem a visão de que qualquer uma das disciplinas escolares podem ser amplamente trabalhadas no Paço do Frevo, irá depender da abordagem que o

professor queira fazer ou da abordagem do mediador durante o processo de mediação, traz um exemplo de professor que veio com uma proposta de trabalho já pronta e que achou interessante a abordagem:

Todas, todas!! É...dá pra trabalhar, eu, eu... tento trabalhar mais com História e Geografia, Sociologia, mas dá pra trabalhar com filosofia, matemática; Dança, Educação Física e Artes já faz parte; mas dá pra trabalhar com Línguas, com Português e tal... Literatura. Um desses professores que veio com uma proposta (relacionado a pergunta anterior), foi um professor de Literatura, e ele fez uma atividade que ele trouxe, ele falou "Olha, eu preciso de 10 minutos da tua mediação, no tempo que a gente tem aqui no Museu, pra fazer essa atividade, rola?!" Aí eu falei: - Claro, vamos fazer junto!. Aí ele foi lá no terceiro andar, trouxe uns textos, e trabalhou; e no terceiro andar, também tem vários textos nas janelas e tal. ..e dá pra criar essas intertextualidades, assim, sabe?!... Eu acredito que todas as matérias dá pra trabalhar. e Depois, detalhando melhor a resposta, ela respondeu o seguinte: Então.. é... na semana passada eu recebi um grupo do Ginásio Pernambucano, e era um grupo de 20 alunos, e eu conversei com o professor antes, um professor de História, e ele me disse que tava um..disse que tava fazendo uma aula de campo, eles saíram do Ginásio Pernambucano, e vieram andando até aqui, e passando pela Cidade, por ruas e ele tava...trabalhando a História das Ruas, a História do Centro do Recife; e, que ele tinha um...evento, vai ter um evento na escola que eles já estão, todos os conteúdos já estão todos voltados pra o conteúdo desse evento; e aí o evento era da consciência negra, então ele tava trabalhando relações étnico raciais dentro da História do Recife e aí eu falei, beleza, vamo trabalhar então relações étnico-raciais dentro da História do Frevo, dentro da História do Carnaval, e aí, toda mediação foi sobre isso, toda, toda, não teve nenhum momento que eu não direcionei para isso, os alunos, estavam super dispostos também. eles estavam super interessados que era uma coisa que eles estavam dialogando em sala de aula e é um debate que eles tavam a fim de ter, sabe?! Tava fervendo esse debate neles, então assim, foi História e Sociologia; acho que assim é o que aqui dentro tem muito a ver sabe, é o que eu estudo, é a minha bagagem.

Gleicielly concorda com essa opinião, mas acha que é mais fácil ser trabalhados conteúdos relativos às Ciências Humanas, uma vez que sua formação diz respeito a esta área, mas que às diversas formações existentes no Paço contribuíram para que sua forma de pensar mudasse, uma vez que não imaginava, por exemplo que se podia ser trabalhado Educação Física, só quando entrou no Paço e lidou com a prática de Dança e explicações sobre o movimento corporal foi que começou a pensar nisso, sendo assim ela explica:

Eu acho que as Ciências Humanas como um todo é, então [...] a partir das Ciências Humanas é bem perceptível de cara, né?! Que é tipo ao Frevo que é ao que o Prédio se dedica, a uma manifestação popular, então. Mas aí a interdisciplinaridade é possível de outras formas também, né?! Talvez não de uma forma tão fácil. Eu percebo que é muito fácil vir e trabalhar a sociologia, História.. é, sei lá, Linguística, partir pra estudar música e tal, por exemplo, mas aí minha falta de propriedade nas outras áreas de conhecimento não me permite assim falar, mas eu acredito que seja possível sim trabalhar. Por exemplo, a gente tem um educador que é de Educação Física, e aí antes

dele me falar isso eu não, eu só não pensava nisso, por eu tá tão fechada numa área e aí acaba que também abre , tipo: “se é pra Ed. Física, porque não pra Biológicas? Estudo do corpo na dança? Física? Matemática de alguma forma”.

Depois disso, fala o seguinte sobre Geografia e História:

Eu acho que totalmente, tanto é que elas aparecem, como eu havia posto anteriormente, eu acho que elas são às que se sobressaem em relação às demais, assim, tipo.. A História tá em tudo, né?! A gente consegue se utilizar da História não somente contando a forma como surgiu (referindo-se ao Frevo), mas também, enfim, a História sobre as pessoas. Então, tipo, havendo atuação humana é possível de se fazer uso da História naquele momento, e aí a Geografia também, porque a Geografia seria sobre essas pessoas no espaço, sendo bem simplista assim. E aí o Frevo, por exemplo, ele tem muito uma ligação com o território afetivo, que é uma coisa bem importante, é a coisa do lugar, são memórias (História) e afetividade (Geografia).”. Sobre exemplos de atividades a entrevistada em questão relata: “Tem exemplos né, o ...por exemplo, tem uma atividade aqui é sobre as paisagens sonoras que é realizada a partir das músicas com os olhos vendados a gente trabalha um pouco sobre essa coisa do território afetivo do Frevo, tipo os lugares que ele nasceu (se originou), os lugares que ele acontece. Enquanto patrimônio global ele acontece em todo lugar, mas é coisa da relação daquele indivíduo no espaço e tal. E aí, de História, eu vejo muito forte aqui a..o trabalho em relação a memória e tradição oral, tipo, tudo isso a gente tenta pegar, memória, patrimônio a questão do tempo.

Já quanto a opinião de Lucas, ele divide essa possibilidade de abordagem em Ensino Fundamental I e II e fala da abordagem de Geografia e História:

E então.. Vamos separar em ensino fundamental, ensino fundamental geral (ensino fundamental I e II) e ensino médio, né?! Na parte do Ensino Fundamental, eu acredito que a Geografia, a História, as Artes, Português, também, que a gente consegue tratar tudo isso aqui no Paço do Frevo. E, quando a gente chega no Ensino Médio, a gente consegue abranger mais ainda esse arcabouço de matérias, porque aí entra sociologia e a filosofia, né?! E é muito fácil e é muito importante o mediador cultural ele abordar questões sociológicas e filosóficas, até, com os estudantes do Ensino Médio. A gente consegue fazer isso de fato assim no nosso dia-a-dia e é super importante para a mediação, porque se torna uma mediação mais rica. Aí a gente consegue abordar Socio, Filo, História, Geografia, Português, Artes, a gente consegue abordar quase todas as matérias das ciências humanas, no caso do Ensino Médio.

E depois, ele fala mais especificamente sobre Geografia e História, ele diz:

Eu acredito que a História, ela consegue ter uma maior relação, porque quando a gente começa a fazer a mediação, geralmente, a gente começa contando a História do Frevo e do carnaval em si, né?! Então, a partir da História, ela começa a desencadear outros temas, aí esses temas vêm com a Geografia, vem dentro da Sociologia. Aí, a partir da História outros temas começam a se desenvolver na nossa mediação. E aí tem educador que ele tem a formação em História, curso de Licenciatura em História, e ele, possa ser que algum sejam mais focados na parte histórica do Frevo, outros, que estão se formando em ciências sociais, eles se debruçam mais pra parte sociológica do museu, do frevo, da História. E aí vai muito nesse sentido do

educador também, de qual perspectiva ele segue assim dentro de sua mediação.

Em relação às ações educativas promovidas e sobre o plano museológico do Paço do Frevo, os mediadores responderam o que se segue:

Bárbara é a primeira a falar mais detalhadamente sobre o plano museológico do Paço do Frevo e como ele funciona, explicando que é possível que ele seja solicitado pelos professores anteriormente a visita ao espaço museológico, sobre isso ela traz:

A gente tem um plano de trabalho... é que o Gestor Educativo, ele pede pra cada um, pra que a gente vá desenvolvendo atividades enquanto mediadores, cada um; mas a gente também tem é...atividades que a gente vai construindo juntos ao longo do tempo, tem o caderno do educativo (é um caderno de atividades educativas do espaço Paço do Frevo), que tem várias atividades, que a escola pode solicitar né?!... na mediação, e, às vezes, acontece de forma espontânea pra que a gente faça essas atividades, porque a gente percebe os interesses do grupo, também não adianta forçar fazer uma atividade que o grupo não quer, não tem resultado positivo. Então assim, a gente tem atividades que são relacionadas a dança, tem a vivência, que não é uma coisa que parte da gente, né?! Não é a gente que dá essa ação, mas a gente participa dela, eu costumo fazer a vivência junto com os grupos e conversar com eles durante a vivência que é a aula de frevo, que hoje tem, inclusive. Mas a gente também têm atividades de colagem, eu ajudei outra educadora que está de férias, a desenvolver uma atividade de colagem, por que eu sou colagista; então eu tento quando a escola tá a fim de fazer eu tento trazer isso e tem várias outras atividades, cada educador tem o seu, a sua preferida...a Bia, por exemplo, tem a Geografia do frevo, que a Geografia afetiva do frevo, que venda os olhos e vai desenhando, é muito massa. ...é isso, a gente, cada um desenvolve a sua atividade, o Carlos que é o nosso Gestor, ele tenta ver as nossas potencialidades e os nossos interesses e e...incentiva a gente para desenvolver uma atividade a partir disso, ..ele vem e dá um toque, assim, ele diz "o livro que você tá lendo é interessante". ...ele orienta bastante.

Quanto a Beatriz, ela explica sobre as formações, fala de outras atividades possíveis e programação geral do museu:

Sim, tem às formações, elas são mensais, tem o passo-a-passo, que também é mensal, a gente tem às atividades sazonais de cada mês, todo os meses a gente tem o ciclo temático e aí, dentro desse círculo, a gente encaixa outras atividades, como o observatório do frevo, como La Ursa. Assim, atividades de debate, de discussão de seminários, a gente incorpora a programação do museu e traz um tema diferente todo mês.

Gleicielly traz mais detalhes sobre a questão e traz experiências ocorridas no Paço do Frevo, aqui se seguem as suas declarações:

Ah, a gente tem um monte! Em detrimento da nossa variedade de pessoas no educativo, sabe?! Como elas.. às formações da gente contrasta tanto que acaba havendo uma variedade gigante assim tipo, tem atividades que

trabalham muito o corpo... tem atividades de contação de história, atividades de releitura de obras dentro do campo de artes visuais, e das do corpo incluindo Educação Física, atividades que trabalham mais a narrativa, tanto da contação de histórias e aí vem toda aquela coisa da memória assim tal assim tipo recentemente a gente descobriu uma pessoa anônima no museu coincidentemente era... tu ficou sabendo disso?! (eu respondi que não), pronto! Era uma atividade que eu tava envolvida assim tipo foi uma contação de história sobre Isabela Ângela que tá em uma dessas fotos aí de Gal Terrô na exposição do Térreo, e aí coincidentemente ela era avó de uma garota do educativo também. Aí a gente descobriu onde tá ela e onde procurar sobre ela, tipo partindo da coisa da efetividade mesmo porque seria a família contando, mas ao mesmo tempo a gente descobriu o instituições, agremiações que ela participava e tal e aí a gente acaba juntando uma série de coisas, assim tipo deu pra tratar de agremiações de samba em Pernambuco, dá pra entrar até em uma discussão sobre o regionalismo que havia aqui, discussões infinitas assim dentro de uma descoberta bem simples. Aí ... tem às vivências de dança que é uma experiência com o Frevo, tem inúmeras (em referência às diferentes atividades desenvolvidas no espaço)

E continua, falando mais sobre o tema e sobre o quantitativo de pessoas no educativo, às reuniões e planejamentos e o caderno do educador:

O educativo, se eu não me engano, tem 10 pessoas, assim, 10, são 10 educadores, aí tipo a produção de atividades com 10 pessoas é um pouco complicado, assim, e normalmente a gente se reparte em grupos menores e aí produz; sempre, não né?! Porque não é algo que a gente produz sempre, nem sempre acontece na nossa semana assim. Mas esporadicamente a gente tem reuniões que a gente idealiza essas atividades e a gente realiza ela entre nós. Então esse é o momento das pessoas colocarem o que acham, de se exporem, suas ideias e isso acaba interferindo de alguma maneira, né?! ajudando. É um momento de repartir e ao mesmo tempo partilhar [...] **Existe um caderno do educador, que ele tem algumas sugestões de atividades**, mas o conteúdo que o Museu guarda ele permite atuações, métodos variados, utilizações variadas sobre o que tem aqui. E aí é uma referência sim e traz um conteúdo útil, mas aí a gente normalmente cria mesmo, sabe?! Coisas novas, sempre tem uma coisa que a gente tá descobrindo, aí vão ampliando mesmo, aí tipo essa contação de história que eu te falei mesmo, a princípio a gente partiu de caderninhos do mestre do frevo, que ele foi produzido meio que pelo museu. Aí que a gente realizou essa descoberta aí no embalo disso a gente criou uma contação de história e desde o começo a gente falou/pensou em traduzir isso pra Libras, enfim, é sempre essa coisa da rememoração ou da criação de uma coisa nova, assim. Sempre partindo da ideia de como chamar mais atenção, potencializar mais a visita das pessoas”.

Sobre Lucas, ele fala sobre os mediadores e suas ações educativas, sobre o “sensibilizar” necessário no processo educativo ao lidar com crianças, sobre o professor e outros aspectos:

É ..sobre ações educativas a gente sempre tenta trazer ações educativas para dentro da mediação cultural, como o bola de ouro que é uma atividade a qual os estudantes passam a bola, e, a partir disso eles tem mais contato entre eles, e existe uma interação, e eles podem interagir tanto entre eles como comigo, com outros educadores, com os professores e existe muito a

experiência do sentir aqui, do sentir o frevo, a gente pode dizer que aqui é um museu experiencial; que existe muito a questão da experiência aqui dentro. A gente também tem a vivência do frevo que acontece toda terça, sábado e domingo, aqui no Paço, que é outro momento de sentir o frevo, de poder dançar, ouvir a música e tal e eu acho muito importante pra construção do indivíduo que tá visitando o Museu né?! Ele além de ver, ele saber a História ele consegue sentir, eu acho isso muito bacana [...] A gente tem um caderno do professor que é... conta um pouco a História do frevo, do carnaval, não tão detalhadamente, mas ele fala um pouco sobre a questão do frevo, e nesse livro tem também algumas atividades com os alunos..estudantes, aí vai de cada um professor da escola a partir do tema que ele tá trabalhando em sala de aula; aí a partir disso que ele sugerir talvez alguma atividade que a gente faça; ou a gente, também, nessa nossa formação de quando a gente começa a mediar, do início do estágio, a gente vê que é muito importante a gente ouvir o nosso colega, ouvir o outro educador. E aí, uma coisa muito importante aqui que aconteceu comigo foi que de além de eu receber esse livro do professor, eu ouvi a mediação dos outros, e eu sempre poder participar da mediação dos outros; não participar dando opinião, dando a minha palavra, mas ouvindo a e captando tudo aquilo que aquele mediador tá dizendo, tá falando, tá mediando com às crianças e com os adolescentes. Então vai muito além dá... eu não sei se esse ouvir tá...é uma forma de metodologia, mas a gente segue muito por isso assim também, além do conteúdo de livro e tal. [...] Tem toda a vivência do outro, olhando por esse lado, é muito importante”.

Sobre a questão acerca de um trabalho exitoso integrado aos conteúdos escolares que os mediadores tenham realizado que guardaram na memória como referência, Beatriz é a primeira a falar sobre isso, ela relata:

Quando a gente é contratado a gente recebe o caderno do professor. O caderno do professor, ele é um material que foi elaborado pelo Museu para os professores. Então, nele conta também um pouco da História do Frevo, nele também conta a História do Museu e das sugestões de atividades, fala das Agremiações, tudo isso! A gente estuda principalmente por ele, mas a gente tem todo o acervo do centro de documentação, por que aqui são cursos muito variados, eu sou de Geografia, mas tem Lucas e a Bárbara que são de Ciências Sociais, Bruno é de História, Cibele é de Turismo, existe essa grande variedade, Kaisa é de Artes Visuais, toda essa variedade. E aí a gente tem essa base, mas e aí dentro de cada curso existe uma personalidade própria e aí a partir disso a gente vai buscar outros olhares eu tenho um olhar mais geográfico, o Lucas um olhar mais Social, a Kaisa um olhar mais artístico, porém crítico, o Anderson tem aquele olhar artístico, mas também crítico, por ele envolve Arte , além... de... ele é educador físico além bailarino. Então cada um depois vai puxando algo de sua formação, que geralmente a gente acha tudo aqui no centro (Centro Documental) e incorpora todas essas ações. Cada mediação é bem diferente uma da outra.

Sobre a opinião de Bárbara, ela vê com importância o diálogo de conhecimento que se forma a partir das reuniões com elaboração de propostas educativas para o espaço museal, e, corrobora a entrevistada anterior acerca da explicação de que eles dispõe de um plano de trabalho documentado:

A gente tem um plano de trabalho, é que o Gestor Educativo, ele pede pra cada [...] vá desenvolvendo atividades enquanto mediadores. Mas a gente

também tem é...atividades que a gente vai construindo juntos ao longo do tempo, tem o caderno do educativo (é um caderno de atividades educativas do espaço Paço do Frevo), que tem várias atividades, que a escola pode solicitar né?!... na mediação, e, às vezes, acontece de forma espontânea pra que a gente faça essas atividades, porque a gente percebe os interesses do grupo, também não adianta forçar fazer uma atividade que o grupo não quer, não tem resultado positivo. Então assim, a gente tem atividades que são relacionadas a dança, tem a vivência, que não é uma coisa que parte da gente, né?! Não é a gente que dá essa ação, mas a gente participa dela, eu costumo fazer a vivência junto com os grupos e conversar com eles durante a vivência que é a aula de frevo, que hoje tem, inclusive. Mas a gente também têm atividades de colagem, eu ajudei outra educadora que está de férias, a desenvolver uma atividade de colagem, por que eu sou colagista; então eu tento quando a escola tá a fim de fazer eu tento trazer isso e tem várias outras atividades, cada educador tem o seu, a sua preferida...a Bia, por exemplo, tem a Geografia do frevo, que a Geografia afetiva do frevo, que venda os olhos e vai desenhando, é muito massa. ...é isso, a gente, cada um desenvolve a sua atividade, o Carlos que é o nosso Gestor, ele tenta ver as nossas potencialidades e os nossos interesses e...incentiva a gente para desenvolver uma atividade a partir disso, ele vem e dá um toque, assim, ele diz “o livro que você tá lendo é interessante”. Ele orienta bastante.

Gleicielly conta que sua experiência mais significativa para sua formação e experiência como mediadora foi a última contação que narrou anteriormente e acrescentou alguns detalhes sobre o ocorrido:

Acho que por hora essa última contação foi a mais.. que eu percebo como a mais significativa, porque ela foi inclusive feita pra primavera dos museus, que esse ano teve a temática eu acho que pelo menos era algo “de fora pra dentro” e aí concedeu muito bem porque era algo que a gente tava falando de uma anônima que foi descoberta a identidade dela aí (a mulher na foto) e aí dentro do museu do frevo que só acontece pela atuação de vários anônimos e aí eu achei bem delicado mesmo, sabe?! porque é uma coisa bem simples por si só, mas é uma coisa que envolve uma família e é uma história que tangencia outra, né?! de alguma forma, embora que não diretamente, mas algumas pessoas são atravessadas por elas. Tipo, algumas pessoas escutam, e isso chama a atenção delas e fazem elas terem um olhar mais sensível, foi a avó de Bia né?! A moça do educativo que trabalha aqui, comigo, mas, poderia ser minha avó ou a avó de outra pessoa.

Sobre o Lucas, ele considera sua experiência em uma mediação como crianças um dos momentos mais significativos no Paço do Frevo:

Olha, geralmente, não teve nenhuma atividade específica, mas teve uma mediação que eu fiz com um grupo de crianças, que eles tava muito instigados, que eles eram muito pequenininhos, que eu fiquei marcado até hoje, foi, inclusive, a pouco tempo atrás, foi no final de setembro (do ano de 2019), e foi um grupo que a menor faixa etária que eu já peguei aqui e ao mesmo tempo foi o grupo mais instigado, que mais queria saber, que mais queria conhecer sobre o Museu e aí eu fiquei muito admirado, muito apaixonado, por tudo que me propuseram, deixaram proposto assim pra mim, eu acho que a gente pensa que é só eu enquanto educador que vou me dar ao grupo, mas existe muito isso do grupo dá muito retorno, se doar a mim, é muito lindo, eu fiquei muito apaixonado, foi uma mediação como qualquer outra, mas por causa do grupo, do perfil do grupo, da escola, eles [...] isso fez toda a diferença, eu achei muito bacana.

O questioneei se ele recordava se o professor já tinha trabalhado algum conteúdo específico, ou trabalhou algum conteúdo específico na mediação, ou se só trouxe as crianças para conhecer o espaço, então, sobre isso, Lucas respondeu que não:

Não, eles vieram só pra conhecer o espaço, mesmo, eles vieram de muito longe, inclusive eles chegaram atrasados e eles deveriam ser setoriais, né?! Que é quando a gente faz a mediação completa, mas eu olhei assim pra eles e pensei “não, eu não vou deixar eles serem setorial, vou pegar esse grupo e vou acompanhar eles, e, eu fiquei surpreso, assim, surpreso com empolgação deles e isso foi muito bom pra mim.

Já em relação ao papel por eles desempenhado no Paço do Frevo e se eles consideram-no relevante, Beatriz acha que seu papel como mediadora é importante por ser, justamente, o primeiro contato então a forma como ela lida com os visitantes, como se comunicam, escolher o mediador adequado para cada momento, tudo isso deve ser algo planejado e organizado previamente para evitar imprevistos, assim, ela respondeu da seguinte maneira:

Eu acho meu papel importante porque eu sou o primeiro contato que as escolas tem com o museu. Então depende de como eu trato às pessoas que ligam, depende de como se dá o nosso diálogo, de como a gente comunica para que ocorra tudo bem na visita. Então a gente faz lá, pega os dados, faz o agendamento, vê qual a data que fica melhor, num sei que, num sei que... bota na agenda, e entra já o preparo pra escolher qual educador que vai atender aquele grupo, qual o educador que tem o perfil mais parecido com o que aquele grupo demanda e ai, depende de como eu passar às informações, se eu passar às informações corretamente pra escola, pra que ela... pra que não aconteça nenhum imprevisto na hora do atendimento, pra que ela traga o ofício certinho, pra que ela tenha a quantidade certinha de alunos, pra que os responsáveis estejam cientes, tudo isso! Então eu acho que a gente é importante justamente por ser a porta de entrada pro Museu.

Bárbara vê o papel do mediador como sendo aquele que traz a oportunidade de dar uma experiência aos visitantes acerca do museu e está presente no espaço também para vivenciar essa experiência, ela não o vê como professor ou guia turístico. Além disso, ela não concorda com a estrutura de sala de aula presente nas escolas atualmente, acreditando ser possível uma forma mais dinâmica e menos formal de ensino tendo à vista experiência por parte das crianças e visitantes do que é a cidade do Recife e sobre o Frevo, suas declarações encontram-se em seguida:

Eu acho que o mediador ele não existe no museu para ser um guia [...] ele não está aqui para ter um script, o mediador ele também não é um professor,

no sentido de que ele não tem muito tempo com aquele grupo pra trabalhar tanto conteúdo ou pra conhecer cada um individualmente e saber às dificuldades e os interesses de cada um. O mediador, tem um tempo muito curto pra criar um vínculo com aquele grupo no geral e reconhecer quais serão as atividades pedagógicas que podem ser e os temas que podem ser trabalhados com aquele grupo para que eles tenham uma experiência de Museu. Então o mediador ele tá ali pra dar uma experiência de Museu, pra viver uma experiência junto com o grupo que vai ser diferente em todos os grupos [...] a gente não vai fazer a mesma mediação, não vai trabalhar os mesmos conteúdos. Então o mediador ele tá aqui pra fazer atividades pedagógicas, viver uma experiência que pode ser artística, pode ser lúdica dentro do Museu...não precisa ser só a História daquela coisa. É uma atividade que é muito ampla [...] Pra mim é óbvio que contribui ...eu quero ser professora, eu gosto de educação, eu trabalho com educação; então, pra mim, é mais um lado da educação. Como eu falei eu quero ver vários lados da educação, ver às várias possibilidades que a educação oferece, e o Museu é uma das mais divertidas, porque você não tem um compromisso, como se pode dizer assim...é...você não tem um plano de aula com aquele grupo, porque você não vai enfrentar todos os problemas que tem dentro da sala de aula; é um momento que tem ...um momento muito relaxado, para as crianças, pros adolescentes, nem tanto, mas eles... de qualquer forma eles gostam de tá na rua, é um momento que eles são a vontade, pra trazer um conteúdo, pra trabalhar um conteúdo. Já para o grupo, eu não vejo como educação não-formal, eu vejo como educação, também, isso é uma divergência histórica bem pequena, tudo é educação, eu vejo como uma educação também, sobre os processos formativos... eu não concordo com essa visão de sala de aula [...] eu sou carioca e quando eu fui viajar eu vim pra cá, vim ver o frevo uma vez, vim no carnaval e foi por todos esses momentos assim que me fizeram chegar aqui, sempre que vem alguém de outro lugar pra cá, eu sempre pego porque eu acho que é uma oportunidade pra conhecer a cultura local, conhecer a cidade enquanto coisa viva sabe?!

Gleicielly acredita que sua formação é importante, mas que a compreensão dos visitantes sobre o espaço e o que ele contém se dá através de construções próprias deles, que é possível intervir no processo com o intuito de contribuir neste momento, isso é visível a partir de suas declarações que se seguem:

Eu acredito que é bem importante, é porque o museu eu acho que é um espaço que permite um usufruto de formas infinitas. Aí dependendo da pessoa ela vai se apropriar dele da forma que ela sabe ou que ela prefere; ou talvez ela nem se aproprie, sabe?! E aí eu acho que meu papel ele está no incômodo, tentar chamar atenção, não dirigir o olhar nem dirigir a sensibilidade da pessoa, mas em questionar, deve-se propor, gerar problemas, e talvez responder questões, mas eu não normalmente não respondo a questão, sabe?! Eu prefiro que a pessoa venha e converse, aí é meio incoerente isso que vou falar, ao passo que eu falei que meu papel não é encaminhar, mas aí acaba que no diálogo você ...eu gosto de entrar em diálogos e que as pessoas guiem, porque é como elas querem receber aquilo...aí assim, eu acho que é isso, eu acho que é gerar dúvidas e oferecer e provocar. Eu acho massa porque a não-formalidade do espaço permite isso.

Lucas afirma que é a partir da sua experiência em escola pública, das suas vivências e de sua ocupação no Paço que ele acredita que pode contribuir melhor durante as mediações, sobre isso, ele fala o seguinte:

A partir das minhas vivências e da minha ocupação aqui no Paço do Frevo, eu acho que eu consigo contribuir de forma que o estudante se sinta pertencido ao espaço como um [...] ao Paço do Frevo como a...as expressões culturais pernambucanas que a gente tem, se sinta pertencido ao espaço, Sabe?! Eu acho muito nesse sentido assim, e eu como estudei em escola pública, é...do Governo aqui do Estado, já vim visitar o Paço do Frevo como estudante e num grupo de escola, eu consigo perceber neles, porque eu já passei por isso tanto quanto eles passaram, sabe?! Mostrar pra eles o quanto a gente pode se sentir pertencido a tudo isso que tá em volta da gente, eu acho que isso é muito bacana.

Sobre a contribuição de sua formação anterior para a educação do público ao visitar o espaço e sobre as possibilidades de melhoras quanto a isso, quanto a mediadora Beatriz, ela acredita que a Geografia é minimizada, sendo vista apenas da forma tradicional, como no caso da cartografia, em sua fala fica visível que ela discorda dessa visão e pensa que deve-se ter um olhar aguçado para tratá-la como Geografia das relações humanas, tendo uma abordagem do conteúdo cultural relacionado à dinâmica da cidade e das interações sociais relacionadas aos processos socioeconômicos, políticos, etc., a seguir temos a sua fala:

Sim, eu acho que a Geografia ela acaba sendo muito minimizada, às pessoas olham pra Geografia e enxergam solos e cartografia. Mas vai muito além, Geografia trabalha política, a Geografia trabalha cultura. Claro que tudo isso tá dentro, também, de solos e de cartografia porque é a nossa base, mas toda essa questão de cultura a gente trabalha des... a Geografia cultural, ela...ela surgiu junto com a Geografia, lá em 1890 e pouco, à medida que a Geografia ia nascendo, a Geografia Cultural ia nascendo junto. E aqui no Brasil, ela já chegou no fim da década de 90, e foi muito difícil de ser aceita. Porque as pessoas ficavam: "Nossa, a Geografia Cultural?" E tipo, banalizaram, criticavam como se não fosse algo realmente relevante. Foram uns 10 anos lutando pra que a Geografia Cultural fosse aceita, porque ela é importante! Porque sem a Geografia Cultural, a gente não tem esse olhar... como é que eu posso dizer? Esse olhar mais físico, perante às coisas. Porque pra construir um movimento cultural a gente olha por todos os fatores. A gente olha pelo fator climático, a gente olha pelo fator... é... cartográfico, a gente olha pelo fator do espaço que ele tá introduzido, qual é o território, o que foi que... quais foram as lutas que levaram aquilo ali a nascer, então, eu acho que é importante sim.

Bárbara explica que, apesar de ter uma grande variedade de graduações, tem outras que fazem falta, ela também sente falta de cadeiras na área da educação devido ao fato do Paço ser um espaço educativo, em seguida verifica-se suas declarações:

Muitas pessoas aqui, a formação delas tem muito a ver com a mediação que eles desenvolvem aqui, contribui muito! Mas eu também acho que, se eu tivesse outra graduação, não sei se seria tão diferente, sabe?! Na área de humanas, eu acho que tem várias outras graduações, nem tão presentes no outros membros da equipe. Eu acho que nem quando vai vaga pro

estagiário, pra educador, não tá lá nas disciplinas como pré-requisito pra vaga, enfim, matérias como tipo matemática [...] poderia ter um estagiário aqui de matemática, tipo a gente vai ter uma formação pra professores de matemática, logo, logo (dia 03). Poderia ter alguém de arquitetura aqui, porque esse prédio ele tá no Recife Antigo, tá num circuito [...] é um centro histórico, então eu acho totalmente possível que tivesse um estudante aqui de arquitetura também, de outros cursos, gastronomia [...] Eu acho que a formação não é o que vai dizer se a mediação vai ser boa ou não, mas que ela contribui para uma visão, contribui! Ela direciona totalmente pra uma perspectiva [...] Aí cara, eu acho que, pra ser sincera, acho que todas as graduações deveriam ter cadeiras de educação, pelo menos uma cadeira de educação, pelo menos uma optativa, porque a gente tá num espaço de educação e a gente não entende aquela graduação que a gente faz, veja a falta que faz uma graduação [...] qualquer cadeira que fosse voltada pra esse momento de educação, porque pra mim não faz sentido você tá num espaço educativo e não ter esse conteúdo assim passado pra você eu acho que a cadeira, eu acho que uma cadeira de educação Brasileira, pra entender como se deu a educação brasileira no Brasil até os dias atuais, é essencial para a graduação eu acho que todas elas poderiam melhorar em relação à educação, e que preparariam a gente pra espaços educativos, porque a gente faz muitos estágios em escola, principalmente me licenciatura, em escola em museu em cinema em centro cultural então eu acho que poderia melhorar.

A questioneei sobre a possibilidade de acrescentar outras cadeiras de outros cursos de licenciatura para suprir essa deficiência, mas ela falou que não compensaria:

Porque não compensa, já são muitas cadeiras que temos que pagar, porque eu iria procurar em outro curso cadeiras que deveria ter no meu, não compensa, é muito distante da minha realidade, tipo, isso é uma auto-crítica. Na verdade, não se cria um interesse, eu acho que fica muito restrito. Mas não sei, eu acho isso seja também uma questão a melhorar, não sei... talvez melhorasse a nossa forma de trabalhar conteúdos, aqui no Museu ou em qualquer outro Museu, porque nós temos vários Museus aqui, Centro Culturais onde vai às escolas.

Gleicielly acredita que sua formação em História contribui, principalmente por ser uma licenciatura, no caso, dessa maneira ela compreende como se dá o processo de construção do conhecimento e de como alcançar o estudante durante a mediação, respeitando o tempo de cada um para perceber o espaço, interagir, questionar, e, até mesmo, colaborar com a própria formação do mediador:

Eu acho que bastante, principalmente, eu percebo isso de forma mais gritante no que diz respeito às pessoas que não são daqui. É bem corriqueiro isso, de vez ou outra eu tô na exposição e recebi alguém que ficou muito encantado por não ter ideia da dimensão e aí eu percebo que essa pessoa, ela foi atravessada pelo contato com o museu, ela passou a se sensibilizar, se abrir aquilo. E aí eu vejo que isso é muito mais aprimorado quando a gente fala com o educador, que por sinal nós aqui vimos isso também. Então meio que é nossa fala enquanto pessoa que tá aqui enquanto educador e enquanto pessoa que tem uma relação direta com aquilo. Aí eu acho que é isso, essa provocação e essa abertura de novos olhares. Essa provocação ela volta pra gente, às vezes ela é muito sutil, ela

é singela e depois se torna significativa. Acho totalmente, não só no quesito do meu curso ser em licenciatura em História, e aí eu acho que o curso de História em si ele quebra uma série de preconceitos. Você tá no curso, você quebra seus preconceitos e acaba se tornando uma pessoa mais atenta em relação a outras coisas, sabe?! a ter um olhar mais cuidadoso, talvez. Aí uma mescla dessa coisa da ciência em si e da Licenciatura mesmo. E aí parte da Licenciatura eu acho que ela tangencia mas a questão do respeito ao outro, a maneira que melhor a mediação se adapta a ele.

Sobre isso, o Lucas ele acredita que com a sua formação é possível desenvolver um melhor trabalho de mediação, e, acredita que essa contribuição é percebida durante as visitas pelos visitantes, declarando o seguinte:

Sim, como a gente estuda no grupo de ciências sociais antropologia e sociologia, é ..além de ciência política eu acho que essas duas áreas antropologia e sociologia elas me dão um aparato, assim, teórico, sobre como abordar os conteúdos e de forma que a pessoa, o visitante ,ou os grupos de escola eles percebam, tenham outra percepção sobre o espaço que está em volta deles, né?! Eu acho que eles conseguem refletir mais sobre quem sou eu, sobre o que eu estou fazendo aqui, sobre minha vida, eu acho que é muito sobre isso, fazer eles perceberem qual o papel como cidadão, qual o papel como estudante, de entender todo esse contexto ...que a gente vive, né?! Eu acho isso muito importante, né?!

Sobre as contribuições relacionadas aos visitantes, visando especificamente os professores, questionei o Lucas se ele achava que quando o professor ia até o Paço do Frevo também construía conhecimento a partir do que lhes é apresentado no espaço e os recursos disponíveis para trabalho integrado junto à escolas, o mesmo respondeu o seguinte:

Também, eu gosto quando o professor vem e participa junto com os estudantes, e comigo. Tem professores que vem aqui e eles não dão tanta atenção ao grupo, porque “ah! já trabalhei isso na escola!”, ou nem trabalhou isso na escola, mas só tá trazendo eles por trazer mesmo, aí ficam meio que.. é, não participam tanto, como eu gostaria que participassem, mas quando participam eu acho muito bacana e acho muito importante até para os alunos, né?! Porque como eles tão em sala de aula, juntos, aqui eles deveriam estar juntos, também, então eu acho que deveria ser assim.

Por fim, sobre a pergunta acerca de alguma formação no Paulo Freire, na faculdade ou curso que tenha realizado, que contribua para seu trabalho e formação, e o que achou dessa formação, foi dito o seguinte:

Para Beatriz, que foi voluntária em um evento de oratória do Papo-Universitário e participou de um momento de meditação com uma visão mais holística, ela imagina que, para quem trabalha com eventos de formação ou com mediação, esse tipo de aprendizado auxilia no processo de compreender o outro, ter

empatia e saber o momento certo de falar nas mediações, de intervir, etc., que isso faz parte do crescimento pessoal e profissional de cada um, ela reflete o seguinte:

Fui pra o Papo-Universitário, eu fui voluntária, no último evento, e a gente tem formação de comunicação e oratória e também de como gerir um evento, porque é um super-evento então demora quando é muita gente e a maioria é voluntário. E também já participei do movimento Happy Day que aconteceu, eu acho que foi no começo desse ano ou foi no fim do ano passado, que é um evento do psicólogo Marcos Strider, que é co-fundador do Passo, e aí ele fala muito sobre mentalidade positiva, e aí ele trouxe Monja Coen, Bruna Lombardi, pessoas do Xamanismo, Indígenas, toda essa galera pra trazer como é que a gente pode melhorar as nossas relações interpessoais através da psicologia, de fundamentos filosóficos, e o que a gente pode fazer pra melhorar a gente e conseqüentemente o mundo ao nosso redor. E eu acho que isso também contribui com o meu trabalho. Porque aqui a gente também trabalha com eventos e aqui a gente tem muitas relações interpessoais, e foram duas coisas que contribuíram muito pra que eu conseguisse fazer bem o meu trabalho.

A visão holística de Beatriz é corroborada através das declarações da mediadora Bárbara, que acredita que tudo conta no processo formativo de sua profissão:

[...] tudo ao longo da nossa formação vai agregando pra gente na experiência, nem que seja você ver uma pessoa numa mesa falando e você vai entender como relaxar , como falar em público, como trabalhar conteúdos, sintetizar conteúdos em 10 minutos, 15 minutos”

Gleicielly relata que não conhece o curso de formação em questão, mas que iniciou uma formação em Artes Visuais, não chegou a concluir e começou História e agora é mediadora no Paço do Frevo, declaração a que se segue abaixo:

Não conheço, infelizmente, o Centro de Formação, mas não fiz. [...] Na verdade eu comecei a cursar artes visuais, aí eu acho que isso também contribuiu muito, principalmente nessa coisa de deixar o outro livre [...] Mas aí, enfim, eu só comecei, eu não concluí o curso. Aí depois eu ingressei em História e comecei a estagiar aqui.

Quanto a fala de Lucas quando questionado, ele responde que nunca participou de “nada neste sentido de formação para o meu trabalho”, mas que tem vontade de participar de grupos de estudo na própria faculdade referentes à educação, o que apresenta-se através da seguinte declaração:

[...] eu sempre tento tá em contato com esses assuntos desses práticas educativas em espaços não-formal e tal, até porque essa..é nessa perspectiva que eu quero seguir [...] Inclusive tem um grupo de estudo lá na Federal Rural, lá no DED, que é o Departamento de Educação, que se chama Infância, juventude e transdisciplinaridade de infâncias e juventudes, e eu sou muito afim de participar desse grupo, porque eu acho que assim esses grupos que é falam dessas questões eu acho que podem me ajudar

muito, ajudar muito pro meu trabalho aqui. Aí eu acho que a primeira vez que eu participar desse grupo de estudo vai contribuir muito pro meu trabalho, vai me ajudar muito aqui.

Uma fala extra presente quanto a entrevistada Beatriz, se mostra relevante para a pesquisa uma vez que tratou da importância **do trabalho conjunto entre escolas e espaços museais**, ela havia sido questionada sobre se teria algum **comentário, crítica ou sugestão a fazer sobre o trabalho existente entre os espaços de ensino formais e não-formais**, e assim respondeu:

[...] eu acho muito, muito importante trabalhar isso porque a gente não tem só a escola, né?! a gente tem os meios formais, informais e não-formais, e é importante que os museus estejam incluídos nisso pra que não aconteça o que está acontecendo com o Cais do Sertão, onde a Empetur não enxerga o Cais do Sertão como um monumento cultural educacional, enxerga como um monumento cultural turístico, e aí permite a degradação, enfim, o sucateamento de uma equipe tão maravilhosa que lhe, dá a vida, porque olhe pra trabalhar em bens culturais a gente dá tudo de si porque é uma área muito difícil justamente por causa disso por que a gente tem que mostrar que a gente é como se fosse uma escola”.

Este comentário demonstra uma consideração acerca da importância do trabalho com os conteúdos nas diferentes disciplinas para além dos muros da escola. Mas não somente isso, ele apresenta a visão do Estado que desconsidera a educação não-formal como componente necessário ao processo de conhecimento, importante para que haja um diálogo com os conteúdos escolares.

Sendo assim, é possível questionar a forma como o Estado trata a educação de maneira geral. Tendo em vista que o Estado, através do Governo estadual, é o responsável por espaços como o Cais do Sertão, não seria possível que haja um sucateamento diretamente relacionado à forma dissociada pela qual o Estado analisa a Educação, sendo esta por eles considerada apenas em seu aspecto formal de ensino? Vemos que o Estado valoriza a educação dada nas escolas, como uma metodologia de ensino ainda arcaica que desconsidera a pessoa do estudante como sujeito ativo no processo de aprendizagem (ensino bancário), de forma que o ensino não-formal não é devidamente valorizado e estimulado, apesar das regulamentações já existentes nos documentos educacionais, não se fomenta práticas como visitas a museus e nem é dado recursos para tal, muito menos há a integração destes espaços aos conteúdos escolares, não se promove formações continuadas nesse sentido, etc.

Analisando as respostas dadas de maneira geral no Paço do Frevo, temos que os mediadores entrevistados anseiam em uma formação em pedagogia, ou um curso que auxilie o seu trabalho, isso é visto na maior parte deles, apenas um dos mediadores entrevistados não deseja fazer outras formações, como é o caso apontado no relato de Beatriz; no geral todos apontaram a necessidade de alguma formação, licenciatura, mestrado ou formação específica em pedagogia com o intuito de saberem como lidar com os conteúdos escolares na realização das atividades pedagógicas no espaço museal, na tentativa de compreender as necessidades dos estudantes e dos professores ao trabalharem determinados conteúdos relativos à Geografia e História, como se melhorarem como profissionais, melhorarem sua mediação e à integração com a escola e professores.

Ao compararmos a fala do administrativo do Museu do Paço do Frevo com a de seus mediadores, vemos que a única problemática existente refere-se a falta de pedagogos no espaço museal, essa falta ocasiona em uma certa dificuldade engajamento entre os mediadores-professores no que tange às atividades escolares, o que não retira a falta de planejamento dos professores a visitarem esses espaços, ou, até mesmo o desconhecimento por parte deles de formações existentes no Paço do Frevo que melhor trabalham essas questões e dificuldades do professor de alcançar essa realização integrativa entre espaço-escola.

Mas, por ter atividades tão propícias para o diálogo com os conteúdos escolares, o Paço do Frevo, através de uma ação ativa educativa relacionando as várias disciplinas, em especial analisando os conteúdos em Geografia e História dos quais se tratam essa pesquisa, não carecem de planejamentos de atividades possíveis ou ações lúdicas com atividades como jogos, oficinas de construção de instrumentos, degustação de dança, etc., usando amplamente o seu plano museológico, pondo inclusive a disposição dos professores, também se permitindo a um replanejamento de atividades a partir das reuniões e novos planos que são desenvolvidos com ampla participação de seus mediadores e contribuições das suas diversas formações. No entanto, como a própria coordenadora de conteúdo disse, seria realmente “um sonho!”, ter um pedagogo só para desenvolver as atividades museais pensadas e repensadas no público em geral e nas escolas e universidades que estão constantemente indo até o espaço, mesmo que seja apenas com o pretexto de conhecê-lo.

Apesar disso, vemos que, mesmo sem pedagogos formados disponíveis para essa articulação, o espaço dispõe de um conteúdo muito rico e, também, de seu próprio plano de ação, visível através do documento criado para realização das mediações, o qual é amplamente mencionado tanto pelas diversas pessoas que compõem a administração do espaço quanto pelos próprios mediadores.

2.3 O Museu do Trem e sua estrutura pedagógica

O **Museu do Trem** é um museu histórico-temático, dedicado à preservação da memória ferroviária, é classificado como um museu de coleção, foi inaugurado em 25 de outubro de 1972 e desativado em outubro de 1983. Existe dentro da antiga Estação Central, tendo como patrono Gilberto Freyre com apoio e orientação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, o qual hoje recebe o nome de Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Ele é considerado o primeiro do Brasil e o segundo do gênero da América Latina.

O curador do espaço trata-se do museólogo Aluízio Câmara, a exposição tenta reconstruir parte da memória dos meios de transporte de Pernambuco, dando ênfase à Revolução Industrial, que gerou mudanças significativas entre a relação econômica, sociais, culturais, incluindo as inovações tecnológicas. Em seu pátio, com a exposição Chegada e Partida – A Memória do Trem em Pernambuco, o Museu do Trem expõe um reboque, duas locomotivas do estilo Maria-fumaça, e locomotiva movida a óleo diesel.

Dentre os objetos de coleção expostos, também traz todo o imaginário referente as ferrovias, trazendo uma conexão com o tempo-espaço, passado-presente, sons que envolvem essas mudanças no cotidiano das cidades, como sinos da estação e apitos do trem, apresentados de uma forma poética que remete a temática férrea em si. Sendo assim, neste espaço os visitantes podem observar o acervo iconográfico de trens, arquivos fotográficos e mapas das linhas que circulavam em vários estados do nordeste brasileiro, além de ser possível verificar a presença de outros objetos históricos relativos à relógios e meios de comunicação da época, a exemplo: bilheterias, carimbadores, sinalizadores, apitos, lampiões, sinos, relógios, telégrafos, teodolitos, balanças, telefones, porcelanas inglesas, cartazes, textos, além de uma série de livros, entre outros objetos diversos

referentes à temática, como placa a qual foi trazida diretamente da Estação das Cinco Pontas, a qual apresenta a seguinte frase: “Daqui partiu a 8-2-1858 o primeiro trem da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco (“Recife and S. Francisco Railway Company”), inaugurando assim o trecho entre a Capital e a então vila do Cabo. (Memória do Inst. Arch. Hist. E Geogr. Pernambucano e da Rede Ferroviária do Nordeste no 1º centenário da inauguração). Recife, 8-2-1928”.

No entanto, o acervo evidencia, de forma mais completa, a História da locomotiva, dos trilhos, fotos da primeira locomotiva e de outras estações de trens, os trechos férreos com rodas de locomotivas, bem como cadeiras, vidros, janelas e porta-bagagens que pertenceram aos vagões, geradores, baterias, fotos e documentos sobre o tema, além disso, ele detém objetos do gabinete de trabalho do engenheiro Edgard Werneck, como bureau, máquina de datilografia, máquina de calcular, carimbos pessoais, porta-moedas, lampiões e filtros.

A relação direta do espaço-tempo e dos sistemas de objetos e ações, estrutura, função, forma, possibilitam o trabalho interdisciplinar de conteúdos relacionado às disciplinas de História e Geografia em consonância visto que todo o acervo permite um trabalho ativo quanto a influência dos transportes, meios de comunicação e tecnologia relacionados a vida das pessoas, aos aspectos sócio-econômicos, à política, um trabalho investigativo sobre o passado e às evoluções na linha do tempo dos objetos históricos apresentados na coleção, havendo, assim, possibilidades infinitas, inclusive relacionadas a outras disciplinas.

Ainda sobre a exposição, ela ocupa a parte térrea e o primeiro andar da Estação Central, ela reúne ao total algo em torno de mais de 500 peças que contam a memória ferroviária pernambucana. Quanto à área externa, os visitantes podem ver carroças e locomotivas à vapor do início do século XX, a locomotiva Garratt 612, a qual foi construída em 1952 pela Henschel & Sohn (sob contrato da Beyer Peacock), bem como é possível ver uma das melhores máquinas à vapor já projetadas, que pode puxar 70 vagões.

Sobre os recursos multimídia, eles foram atualizando-os e o tornando um acervo mais atraente ao público, disponibilizando vídeo sobre o museu, sobre a História da indústria do ferro e dos meios de transporte. Em outra sala, "O Túnel", o público se surpreende com a imagem, em 3D, do trem que sai do túnel e vem em sua direção.

Relacionado ao conteúdo multimídia, inclusive, sobre isso, quanto ao funcionamento do museu, devido a pandemia, o espaço se reinventou, e agora é possível acessar o Instagram e ter à disposição lives com conteúdo sobre o espaço e a exposição em si, gravações com mediações realizadas, interagir através do “conversa ferroviária” e participar de outras atividades interessantes, o acervo digital dispõe de conteúdo relacionado a peças de locomotivas, objetos da exposição e é possível conferir como é o museu antes de visitar.

No ano de 2011 o Museu do Trem passou a ser administrado pelo Governo de Pernambuco, por meio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, tendo sido investidos no projeto museológico cerca de R\$2,5 milhões, para sua requalificação.

Quanto à Estação Central Capiba, ela foi inaugurada no final de 2014 como um equipamento cultural do Governo do Estado, dentro da estação, está o Museu do Trem, o qual foi reformulado, e a estação tendo passado por diversas intervenções e requalificações até ficar pronta para a montagem da exposição e poder, novamente, abrir suas portas aos visitantes, recebendo um elevador, geradores de energia elétrica, climatização, iluminação, conta com um expográfico, um sistema de combate a incêndio, equipamento de segurança, disposição de textos bilíngues e equipamentos multimídia.

Está disponível para visitas das terças às sextas de 11h às 17h e sábados e domingos das 10h às 14h, devendo o visitante tomar cuidado, pois os portões são fechados meia hora antes do encerramento do expediente, com entrada gratuita. Está localizado na Rua Floriano Peixoto, s/n, no bairro de São José, em Recife - PE. As escolas podem realizar agendamento ou pedir informações através dos telefones (81) 3184.3197 ou 3184-3198.

No dia 09 de janeiro do presente ano, entrei em contato, através do aplicativo WhatsApp, com André Cardoso, e, no mesmo dia, ele concordou em participar. Já dia 12 de janeiro enviei o questionário via Google Forms para que ele preenchesse e o termo de livre esclarecimento, e assim ocorreu. Quanto aos demais monitores, apesar de ter tentado entrar em contato, as tentativas se provaram sem êxito, dado a dificuldade no acesso a eles devido a pandemia do COVID-19.

André é um dos responsáveis pelo Museu do Trem, e, também, mediador, combinamos para realizar a entrevista via gravação de áudios pelo app no dia 19 de janeiro, junto a isto, ele respondeu o questionário e fez a assinatura do termo.

Na busca museológica, com o auxílio do bacharel e mestre em História e um dos responsáveis pela administração do Museu do Trem, podemos perceber no relato de André Cardoso, todas às possibilidades de trabalho, tanto nas disciplinas de Geografia quanto em História, dado o entrelaçamento entre a História de construção da cidade, dos meios de transporte e comunicação e às relações sócio-econômicas e políticas provenientes de um olhar geográfico que se volta ao contexto das relações humanas, assim, a História do espaço, dos trilhos e maquinários e outros objetos históricos presentes dão todo um contexto de ida para o público em geral, principalmente nesta pesquisa sendo observados os estudantes e os professores, ao relatar, primeiro, sobre a História do Museu do Trem, e posteriormente responder o questionário e a entrevista.

Em relação ao que foi respondido no questionário, a primeira pergunta foi de apresentação com nome e espaço museal em que o entrevistado trabalha atualmente, sobre isso o mesmo respondeu: “André Luiz Rocha Cardoso, Museu do Trem do Recife”.

Sobre a segunda pergunta, trata-se das formações que o entrevistado possui, André Cardoso respondeu que é licenciado e mestre em História. Ainda sobre o tema formações, foi questionado se pretendia realizar alguma outra formação em outra área e qual seria, sobre isso o entrevistado disse o seguinte: “Sim, mas ainda a definir”.

Sobre se ele já havia trabalhado em alguma escola e se tinha achado que a experiência havia contribuído com ele e com sua forma de ensinar, ele disse o seguinte:

Apenas durante os estágios na graduação. Contribuiu, pois a docência mesmo que breve permitiu perceber outras facetas da prática educativa que só se apresentam de uma forma mais nítida quando em sala de aula.

Quanto a se ele acredita que deva ocorrer uma melhor discussão sobre teoria e prática nesses espaços mediadores do conhecimento como um Museu, para isso ele respondeu:

O planejamento precisa ocorrer desde a sala de aula. O museu precisa ser tomado como um lugar de aprendizagem que não apenas a ilustração ou

solidificação do que se viu em sala. A própria visita em si, a experiência de visitação, deve ser explorada e o docente precisa entender a visita ao museu como algo para além de um "passeio" e preparar então seus alunos para tal compreensão.

Sobre quais matérias escolares você acredita que podem ser trabalhadas aqui no Museu, André disse que:

Muitas, o que dependerá da abordagem e da ligação entre o museu e a sala de aula proposta pelo professor. Além da História, Geografia, é possível trabalhar língua inglesa, ou mesmo sociologia e as ciências da natureza como física e química.

Relacionado ao ensino de Geografia e História e como ele acha que o Museu do Trem pode contribuir para a formação dos estudantes, dos professores e do público que visita este espaço em relação a essas matérias. André disse que:

Ao abordar a História de um meio de transporte que teve grande importância na formação social e econômica do estado, além de produzir mudanças significativas nas áreas urbanas e rurais, o Museu do Trem se coloca como um local que permite inúmeras possibilidades de trabalhar as relações de tempo e espaço.

Na pergunta sobre quais conteúdos em Geografia e História poderiam ser trabalhados foi dito que:

Para citar alguns: conceituação de rural e urbano, relevos, divisão territorial política e administrativa, meio de produção, transportes, revolução industrial, influência britânica na formação social do Brasil, economia açucareira, escravidão e mão de obra livre.

Relacionado às ações educativas que esse o Museu do Trem promovem, foi dito o seguinte:

Além das mediações, jogos didáticos ao final das visitas com possibilidade de atendimento para as mais diversas faixas etárias, oficinas, palestras, mesas redondas, exposições temporárias.

Sobre os possíveis recursos metodológicos, a questão não foi respondida, mas neste caso, posteriormente descobre-se (na entrevista) que isso se deu ao fato do Museu não dispor de plano museológico constituído.

Sobre André ter tido algum trabalho exitoso integrando conteúdos escolares à proposta do Museu que algum professor tenha relatado, o mesmo disse que: "Vários professores relataram êxitos ao fazer essa integração nas disciplinas de língua inglesa, História e Geografia".

Sobre como ele via o seu papel no espaço museal e se acreditava que poderia contribuir de alguma forma, foi dito que: “Sim. Atua na pesquisa, elaboração das atividades e difusão do conteúdo do museu”.

Quanto ao fato dele acreditar que sua formação tem contribuído para a educação e formação dos visitantes deste espaço e se caso não, de que forma acreditaria que isso pudesse vir a melhorar, André relatou:

Sim. A formação em História tem sido essencial para o desenvolvimento dos conteúdos do museu. Outro aspecto que contribui é a formação docente, uma vez que o conteúdo passa a ser pensado de forma crítica não apenas como resultado de uma pesquisa findada, mas produtos a serem repassados e utilizados no processo de construção de conhecimento junto a nosso público.

Quanto a ele já ter realizado alguma formação no Paulo Freire ou em outro espaço e o que achou, ele disse que não realizou e desconhece o espaço.

André relata que a História do Museu do Trem começa no ano de 1888, com a abertura da Estrada de Ferro Recife-Caruaru.

Explica que o Museu teve seu início localizado na Estação Central do Recife, e foi inaugurado em 1972. Em 1985 inaugurou o metrô, momento o qual até 2008 ainda serviria como entrada para o metrô e museu ao mesmo tempo. Com o título de Estação Central Capiba Museu do Trem, criado assim para não perder a identidade da malha ferroviária que foi desativada na década de 70, para que não seja apagada a memória histórica do trem. Para muitas pessoas, o Museu do Trem serviu e serve como primeiro passo para adentrar o mundo museológico, já que eu sua maioria, o público que recebe é espontâneo.

Questionado sobre como o espaço é utilizado, o mesmo responde que há alguns anos ele é regulado e pertencente como um equipamento cultural de Pernambuco, do Governo do Estado, sendo de grande importância como um dos Museus em destaque em Recife, e de grande importância Histórica para o legado dos transportes brasileiros, de forma que, a seguir, vemos suas declarações:

Hoje o Museu do Trem é um dos principais equipamentos culturais do Governo do Estado, é um dos principais Museus culturais do Estado, sem dúvida. Isso em termos de público, é um dos Museus mais visitados, dos que pertencem ao Governo do Estado é um dos mais visitados, aqui da Capital, por sua carga simbólica, pelo conteúdo que desenvolve, e até por sua própria localização geográfica. Ele se consolida como um dos principais museus aqui, uma das principais referências museológicas aqui da capital. Hoje conta com uma área expositiva ampliada que ocupa parte do térreo da Antiga Estação Central, todo o primeiro andar e a Antiga área de Embarque e Desembarque né e contando ainda com a reserva técnica, salas

administrativas, salas com exposições temporárias e outras atividades como palestras, mesas redondas e oficinas. Em relação às atividades que o Museu desenvolve para o público, são exposições, palestras, mesas redondas, oficinas a partir de 2020 a gente passou a se empenhar mais em desenvolver, por força da necessidade, né..de se reinventar em meio a pandemia, atividades pelo meio digital, então a gente lançou algumas coisas como mediação em vídeo é a live conversa ferroviária, algumas outras ações como posts em nossas redes sociais, como o peça da semana, o desafio nos trilhos, é o fatos e fotos, e essas foram algumas das ações desenvolvidas em meio a pandemia, que hoje continuamos em pandemia e o Museu continua a desenvolver, apesar de aberto ao público mas às atividades ainda continuam restritas, né, então a gente continua investindo e tentando ir ai se adaptar nesse processo constante de adaptação às atividades digitais.

Ao ser questionado sobre como acontece a **integração do espaço com as escolas**, Cardoso diz que é bem positiva a interação, que ela tem um alto grau de periodicidade e, além do mais serve como base de visitação para outros espaços, tendo em vista que estimula, ao primeiro contato, uma maior interação dentro desses espaços não-formais de estímulo, deixando o público em geral encantado com o acervo, a seguir temos a confirmação através de suas declarações:

A integração do Museu do trem com às escolas é bastante positiva, já há escolas que tem como certa a sua visitação ao Museu do Trem anualmente, escolas públicas e privadas, o Museu ele não recebe apenas às escolas do ensino fundamental e médio, e infantil também tá, mas instituições de ensino superior e ensino técnico, que também visitam o museu, dentre às quais a gente pode citar a Grau Técnico, a Universidade Federal, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, a Nassau, né?! E curiosamente e diferentemente de boa parte dos Museus aqui da capital pernambucana, nosso maior público é o público espontâneo, não é o público escolar. O público escolar tem uma importância, sim! Mas ainda nossa maior visitação é ainda das pessoas que passam pelo Museu, tendo como predominância o público da Região Metropolitana do Recife, seguido pelo público de outros estados, público do interior do estado, então, em menor número o público estrangeiro. E, desse nosso público, boa parte é um público que não tem o costume de visitar museu e o Museu (referindo-se ao Museu do Trem), então, ele acaba desempenhando essa função social importante de abrir os olhos da população para a importância desses espaços, e, chamar a atenção, aguçar a curiosidade; e o nosso público é bastante diversificado e dinâmico nesse sentido. E o museu do trem cumpre uma das suas funções, nesse processo de democratização da cultura, né!? Ele foi sempre gratuito e aí acaba sendo o primeiro Museu visitado por muitas pessoas. E o museu, ele cumpre também essa função importante ao promover reflexões sobre a História do transporte ferroviário em Pernambuco, mostrar o que tivemos, o que temos e o que podemos ter, né?! Essa é uma proposta que mesmo que não esteja demarcada na exposição de longa duração em si, mas ela é abordada ao longo das nossas demais atividades e na própria mediação, ao recebermos os grupos, mostrando que o Trem não ele é algo tipo “eu uso o trem, eu vou tá ali pra simplesmente rememorar algo que foi, que fez parte da nossa História, mas é o que faz parte da História, seja por meio de suas marcas ou pelo meio do próprio metrô que ainda existe, refletir criticamente sobre esse e sobre outros meios de transporte, né?! Outros, mas principalmente o trem, mais principalmente a ferrovia. **Não refletir simplesmente sobre o meio de transporte mais os benefícios e condições históricas e sociais que estão por trás da própria constituição, escolhas e instituição desses meios de transporte, né?!**

Falando assim da História e da formação do nosso estado, o estado de Pernambuco.

Ao ser questionado, durante a entrevista, quanto ao quantitativo de profissionais presentes no Museu, e suas formações e se tem pedagogos, ele respondeu que dispõe de historiadores, 1 pedagogo também formado em turismo, 1 psicóloga, 1 profissional de recursos de áudio visual, e André descreve que, anteriormente, já houve museólogo, porém com a redução de custos, este cargo se extinguiu.

Vemos com isso que, mesmo sendo pouco o quantitativo de profissionais, eles apresentam uma formação diversificada o que contribui para a construção de atividades diversas em várias áreas do conhecimento, atrelado ao fato de ter pedagogos algo que favorece a interação entre o espaço e a escola em vários níveis.

Por mais que o público seja espontâneo, o entrevistado garante que recebe visitas tri-anuais, de instituições tanto particulares quanto privadas, desde educação básica, até o ensino fundamental, o ensino médio, técnico e superior.

O espaço, segundo André, o museu desenvolve atividades e têm espaços para suas realizações, tais como de oficinas, mesa redonda, exposições, palestras, e, devido a pandemia, estendeu suas atividades até os meios digitais, como: mediação em vídeos, lives, com o programa “conversa ferroviária”, em suas redes sociais colocou posts como a “peça da semana”, “desafios nos trilhos”, e “fatos e fotos”.

Apesar de ter um trabalho consolidado na prática, o plano museológico não foi consolidado, isso porque, Cardoso diz que à época, quando dispunham de museólogo para tal, com pouco tempo houve uma redução de pessoal e com isso perdeu-se a oportunidade de feitura deste documento, o que para demonstra na visão dele um prejuízo, pois seria essencial tê-lo, isso se verifica através da seguinte fala do mediador:

Não, não temos! Inclusive nos preparamos para fazer isso, na época que a gente tinha Museólogo aqui, mas acabou que não chegamos a iniciar. E é uma necessidade, né?! Uma necessidade nossa.

Contudo, o espaço do Museu se destaca, tendo em vista que tem pedagogo formado, podendo contar com bastantes atividades integradas entre escola-museu e

mediador-estudante-professor. Algo que já acontece normalmente, tendo em vista que recebe, segundo relato do próprio André, com as visitas anuais das escolas ao Museu.

Relacionando todo o acervo disponível, seguindo a proposta do espaço e das interações com o público visitante (espaço não-formal), fugindo do ensino formal e do conteudismo escolar, essas ações despertam no estudante o desejo por conhecer mais sobre sua realidade, construir conhecimento através da curiosidade e interesse em pesquisar sobre si e sobre o outro, sobre o que o rodeia, construir conhecimento - ao invés de absorvê-lo - ter capacidade crítica e argumentativa para se questionar sobre as mudanças e permanências, e, enfim exigir o cumprimento dos seus direitos como cidadão, preservar o espaço e estimular atitudes de preservação do patrimônio cultural, além de que há desenvolvimento do sentimento de pertencimento à cultura pernambucana, recifense.

Além disso, apesar da tipologia referente ao espaço ser de um museu de coleções, o espaço dispõe de recursos áudio-visuais que por si mesmo já proporcionam uma interação com o público. Eles permitem uma melhor percepção do espaço e possibilidade de vivência, contribuindo para a proposta de integração entre o espaço formal de ensino e o não-formal, através de uma organização espacial que propicia o diálogo da experiência com os objetos interativos ali dispostos, isto é, transformando a visita em uma experiência palpável, interativa.

No Museu do Trem, há muitas possibilidades de abordagens pedagógicas para às disciplinas de Geografia e História, quanto aos conteúdos escolares voltados ao ensino formal, isso porque tanto meio de transporte e comunicação, além dos demais objetos da coleção como relógios, placas, móveis, etc., isso porque esses objetos se relacionam com a História e cultura local de um povo, o Recifense, e a forma como se relacionava, seu cotidiano, trabalhos que desenvolvia e objetivos pessoas na época, que dizem respeito aos aspectos sociais, econômicos e políticos no contexto vivido; trazendo para os tempos atuais, podemos fazer uma linha do tempo histórica comparativa ao contexto de vida atual dos estudantes, relacionando o conteúdo trabalhado em sala (ensino formal) com o conteúdo trabalhado no espaço (ensino não-formal), que se volta a parte prática, a vivência dos estudantes de tempos passados, trazendo à tona vários aspectos relevantes para sua construção na área das relações pessoais que estabelece, para formação

em busca de sua profissão, formação como cidadão, ou seja, como ele se vê no contexto, e crescimento pessoal.

CAPÍTULO 3 ESPAÇOS MUSEAIS, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo se discute detalhamentos acerca dos museus, suas ações pedagógicas, à relação intrínseca com a formação de professores e a prática pedagógica desses, visando um contexto de formação continuada na busca do “ser e saber fazer docente” e a questão da polivalência discutidas anteriormente de forma mais teóricas, agora postas à prova com a fala dos professores e do formador no contexto de suas experiências no processo de formação e posteriormente no desenvolvimento das práticas integradas aos espaços museais.

Particularmente, atrelado a um dos objetos selecionados para estudo, discute-se também sobre a prática pedagógica no âmbito da Geografia e da História, podendo estas estarem articuladas tanto nas ações durante a mediação nos espaços museais, como na abordagem dos conteúdos selecionados e articulados para o trabalho do docente durante a visita ao museu, como veremos em seguida nos subcapítulos adiante.

Além disso, será feita uma comparação da visão dos pensadores em Geografia e História, permitindo uma relação entre a teoria e a prática pedagógica nos dois espaços de ensino (contexto formal e não-formal), embasadas nos valores quanto a Geografia, suscitados por Albuquerque (2014) sobre o ensino desta matéria no primeiro e segundo ciclo escolares, pelas orientações de Tomita (1999) e na relação entre a teoria e o trabalho dialogado com os Museus e sobre Pacheco (2010) quanto ao ensino da História. Sendo assim, trata-se de uma comparação entre os autores à ação pedagógica na prática, apresentando os Museus escolhidos que trabalham a realidade local da cultura pernambucana, trazendo esse sujeito

como o real narrador de sua história, contextualizando as experiências de vida ao invés de apenas citar o que já foi dito e concluído sobre o passado destes indivíduos de forma induzida.

3.1 A intersemiose entre à prática pedagógica e as metodologias de ensino presentes nos museus

Sobre a prática pedagógica, ela deve estar orientada por um planejamento prévio e exige-se dela que o professor faça uma reflexão crítica sobre as ações que desenvolve, de forma que o conteúdo dado não seja um conhecimento estático, mas sim algo dinâmico, pensando e repensando metodologias para alcançar o objetivo maior pretendido, que não apenas a construção do conhecimento, mas a discussão acerca do que se ensina e do que se aprende, de municiar o estudante para que ele enxergue o mundo real, com os problemas que enfrentamos todos os dias e que seja a ele possível exigir seus direitos e garantias, lutar e galgar o conhecimento sobre as questões sociais que envolvem os conteúdos escolares, ou seja, busca-se um “ensinar para a vida”, para que o estudante seja autônomo e não um ser dependente, carente de conhecimento o que o impossibilitaria de alcançar seus objetivos pessoais e profissionais, como podemos ver transparecido, acerca de uma atitude ativa na construção do conhecimento, no documento da BNCC (2018, p.58):

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo.

Como vemos em Paulo Freire (1996, p. 42-43), ao falar sobre os saberes necessários à prática educativa:

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como uma dado dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura [...] o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador [...] O de que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica [...] Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Relacionando a importância de uma ação pedagógica responsável e reflexiva que vá além dos muros da escola e se pautar na vida dos estudantes, tendo na educação não-formal maiores possibilidades de desenvolvimento dos perfis necessários ao profissional na área da educação como polivalente, tendo em vista que os museus ainda são subutilizados e, geralmente, não há, ou, há pouco, estímulo para seu uso por parte dos docentes na formação inicial, apresentando-se como uma dificuldade durante a graduação ou em formações continuadas, já que pouco se encontram cursos abordando o uso dos espaços não-formais. O que também possibilita ao professor, que busque seu crescimento enquanto profissional, verificar a existência de formações no próprio museu para o desenvolvimento das atividades integrativas nestes locais, e, como visto em Freire (1996), em busca do desenvolvimento da criatividade e dinamicidade no processo de ensino.

Há também uma necessidade das graduações em pedagogia perceberem e reverem quais os mercados possíveis para o pedagogo. Ao rever a penetração do pedagogo no mercado, faz-se com que o mercado, também, reveja sua percepção e diferentes amplitudes alcançadas, ao contratarem um pedagogo em quaisquer outros espaços, como no ambiente corporativo, hospitalar, etc, apresentando este um trabalho diferenciado, voltado a um atendimento mais humanizado, um cuidado ao lidar com o público de maneira geral.

Relacionados aos contextos em Geografia e História, a proposta museal vem suprir a superlotação de conteúdos escolares e possibilitar uma nova visão sobre a prática, permitindo ao professor a possibilidade de levar suas turmas e dialogar

teoria e prática nestes espaços; além de possibilitar, inclusive, uma formação continuada, uma vez que dispõe de cursos com essa finalidade.

Em relação à proposta pedagógica dos museus, o(a) professor(a) deve, primeiramente, realizar uma pesquisa verificando as propostas metodológicas desses espaços e junto com a proposta didática de cada ano letivo e seu planejamento em relação aos assuntos abordados, colocá-los em consonância. De forma que cabe ao(a) pedagogo(a) no ambiente escolar planejar suas aulas de forma que, ao verificar a necessidade de uma compreensão maior de seus estudantes sobre como se deu um determinado processo ou fato em Geografia ou História, ele(a) possa levá-los ao espaço museal para a finalidade de pesquisa.

Sobre essa temática, Tomita (1999), traça parâmetros sobre a forma que o(a) pedagogo(a) deve dar início a esse trabalho de pesquisa no ensino de Geografia convergindo com os conteúdos escolares dessa matéria. A autora explica que isso requer um bom planejamento de forma criteriosa, com grande domínio de conteúdo em Geografia e de domínio das técnicas a serem aplicadas, de forma a estimular o(a) educando(a) a criticar o porquê das coisas, para que ele(a) não seja mais uma pessoa conformada e incapaz de realizar análises baseadas em uma visão crítica do mundo em que vivemos. Assim, a proposta, segundo ela, do ensino da Geografia parte de um enriquecido embasamento teórico o qual tem sua origem no conhecido, isto é, inicia-se a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes; para, então, voltar-se ao conhecimento abstrato. Dessa maneira, o ponto de partida será sempre a realidade na qual o educando se encontra, o que lhe é mais próximo, para depois passarmos para os conteúdos distantes, os quais eles(as) ainda não conhecem sobre.

Ainda sobre esta autora, ela discute que (a) pedagogo(a) ao conduzir o ensino dessa forma permitirá que a Geografia contribua para o preparo à prática de uma boa cidadania em busca de um equilíbrio entre o conhecimento sobre a realidade e a aplicação do conhecimento adquirido às práticas sociais, tendo em vista a Geografia como uma ciência da cultura e um possível leque para à prática do processo de pesquisa, o qual requer uma análise, a interpretação dos dados coletados, sugestões e propostas para melhoria. Tudo isso se o(a) pedagogo(a) entender que o processo de ensino-aprendizagem ocorre sob sua orientação, mas que coloca o educando como parte integrante no processo, permitindo-o trabalhar

em conjunto com sua orientação (mediação) operando, executando, analisando, comparando, explicando, opinando e debatendo sobre os assuntos escolares propostos em consonância com a proposta educativa do museu, assim, o(a) professor(a) deve agir com um mediador(a):

[...] Durante o trabalho de campo, o professor deve manter-se como elo de motivação e despertando o interesse dos alunos, discutindo e fazendo perguntas que agucem a curiosidade, de tal forma que eles sintam a importância e a necessidade dessa atividade como complementação de aula teórica [...] (TOMITA, 1999, p. 14)

Quanto aos estudantes, Tomita (1999) reflete que eles(as) como parte integrante e crítica no processo de ensino-aprendizagem tem a tarefa de coletar dados e materiais, realizar entrevistas, observar e anotar todos os aspectos relevantes a pesquisa em relação ao meio natural e a cultura no ensino de Geografia, fazerem mapas ou um croqui.

E quanto ao processo de avaliação, ela deve ser realizada em conjunto (professor-aluno), confrontando os dados provenientes das coletas.

Tomita (1999) finaliza seu texto explicando que durante a fase de planejamento desse trabalho de campo é importante destacar pontos essenciais que envolvem o preparo (aluno-professor) e as indagações para dar início à pesquisa (professor). Quanto às indagações prévias do(a) professor(a), a autora diz que antes da ida ao espaço museal, ele(a) deve questionar-se sobre: **Onde ir? Qual conhecimento prévio relacionado a área? Quais os conteúdos propostos para essa competência? Como irá ao local escolhido? Quais os conteúdos relacionados à Geografia? Ele(a) tem domínio sobre esse conteúdo? Realizou um planejamento prévio dos detalhes? Os estudantes estão preparados para essa atividade integrativa? Quais as atitudes em relação a forma de pensar ou agir ele(a) espera dos estudantes? Como ele(a) avaliará durante a atividade e em seu término se os estudantes aprenderam algo? Já sobre o preparo a ser realizado entre professor(a)-estudante, a reflexão deve ser feita pautada nos seguintes questionamentos: O que é trabalho de campo? Para que serve esse trabalho? O porquê da realização dele? Quais espaços ir e o porquê dessas escolhas? Como se deve ir? Quando deve ser feita essa visita? Quais equipamentos devem ser levados para essa visita? Quais roupas usar? Quais**

as funções de cada um durante a visita? As etapas de trabalho? Quais são os resultados esperados e, ao final, quais foram os realmente obtidos? Quais as propostas para futuros trabalhos?

Para tratar da disciplina História e a relação da teoria proposta nos conteúdos escolares e seu diálogo com o espaço museal e o que ele pode proporcionar quanto a ampliação dos conteúdos, trouxe à baila, novamente, parte das discussões de Pacheco (2010), tratadas no capítulo anterior. **Discute-se que a relação entre o espaço do museu e a educação no espaço escolar se relacionam na forma de uma pesquisa de três movimentos: pesquisa inicial, comunicação museal e programa educativo.** Essas etapas devem ser trabalhadas simultaneamente pela administração e os(as) mediadores(as) pedagogos(as) do museu. A pesquisa inicial dessa equipe deve ocorrer posto em pauta às referências teóricas e metodológicas de diferentes áreas do conhecimento, não só às citadas pelo autor, como também em relação aos assuntos da área da Geografia. Isso porque a questão da origem e cultura está intrinsecamente ligada aos aspectos geológicos, como região, clima, vegetação que afetam diretamente na forma de vida desses povos, sua cultura e História para produção da memória como identidade na forma do patrimônio cultural.

Sobre a comunicação museal, ela deve ocorrer em detrimento das conclusões sobre a pesquisa inicial com o propósito de incorporar esses aspectos a exposição com uma seleção de objetos, cartazes, etiquetas que não apenas comuniquem as conclusões da pesquisa acerca de cada objeto, mas também, de forma a ampliar a discussão sobre a inclusão de determinados objetos a exposição, possibilitando informarem a memória da comunidade sobre a importância histórica do objeto exposto. Já quanto ao programa educativo, além de ser um momento de pesquisa com a montagem da exposição, ele deve ser um momento de reflexão, deve-se objetivar um programa no qual maioria dos mediadores sejam pedagogos, isso porque essas exposições visam principalmente dialogar, seguindo a proposta de casa espaço, com os conteúdos escolares, à medida que recebem visita das escolas e seus estudantes e professores que querem, por sua vez, integrar o conhecimento teórico com o espaço museal e ampliar a discussão dos estudantes acerca dos temas trabalhados nas escolas. Isso tudo pensando no museu como um

espaço em permanente construção, capaz de repensar suas ações para motivar a visitação do público em suas várias propostas educacionais.

O Museu, segundo Pacheco (2010) ao citar Carlos Rodrigues Brandão, deve ser um espaço no qual se busca problematizar as características dos processos educativos cada indivíduo, permite receber cotidianamente informações provenientes de fontes diversificadas e promove a formação, permitindo aos estudantes, por exemplo, apropriarem-se de diferentes saberes e valores culturais de seus povos. Dessa maneira, as instituições de memória acabam por atuarem como espaços de formação do sujeito, sejam elas os museus ou o patrimônio histórico em si, seguindo as palavras de Hall (2006), a identidade cultural na pós-modernidade se forma em detrimento da luta de diferentes grupos sociais em prol da valorização de suas identidades, necessitando, assim, de um reforço em relação aos discursos dos diferentes povos e não de um “apagamento” da memória por meio de patrimônios não pertencentes a nossa cultura. Apagamento o qual é realizado à medida que deixamos de lado a pesquisa e não tentamos promover um posicionamento mais ativo dos estudantes em relação à realidade cotidiana a qual vivem. Esse posicionamento que visa afirmar a identidade de cada indivíduo como componente integrante de fato da sociedade é a forma na qual o(a) pedagogo(a) enquanto professor na escola ou mediador em um museu deve pensar ao tratar do processo de ensino-formação dos seus educandos.

3.2 Visão da Formadora na Escola de Formação de Educadores do Recife

Além desses dois locais voltados à educação não-formal, buscou-se investigar o Centro de Formação Paulo Freire. Sobre a Escola de Formação de Educadores do Recife - Professor Paulo Freire (EFER), ou comumente conhecida por Centro de Formação Paulo Freire, ela foi criada no ano de 2014 através de um decreto (nº 28.480 de 24 de dezembro do referido ano), e tem como objetivo/missão de promover formações continuadas aos professores da Rede Municipal de Ensino do Recife - PE; fortalecendo a Educação no país, para uma melhoria na qualidade

de ensino e aprendizagem. Possui, administrativamente, um núcleo gestor de educação continuada, outro de tecnologia, uma coordenação voltada à formação complementar, equipe pedagógica, equipe de infraestrutura, uma biblioteca e acervo documental.

A escola divide-se em dois pavimentos com uma área total de 3.005,41 m², além de dispor de auditórios, dois, com salas voltadas às formações, palestras e reuniões, com 30 lugares cada; e, outra sala maior, que eles chamam de sala dinâmica, com capacidade para 50 pessoas; no pavimento superior tem mais duas salas para 20 pessoas, laboratório de informática, e sala apenas para reuniões. A EFER também serve de polo de apoio para o funcionamento da Universidade Aberta do Brasil, com educação à distância com cursos de graduação e pós-graduação para as universidades tanto estaduais como federais.

A investigação neste espaço, devido a pandemia do COVID-19, ocorreu de forma online, através de uma entrevista à pessoa de uma de suas formadoras, também fez-se uso do aplicativo WhatsApp para entrevista e envio de questionário disponibilizado através do Google Forms; e, junto à professores do Ensino Fundamental I em escolas da Região Metropolitana do Recife, sendo utilizado os mesmos meios para entrevista e preenchimento de questionários já relatados anteriormente.

Durante a pandemia, as formações aconteceram de forma online, tendo ocorrido de maneira presencial apenas no mês de abril de 2020 por exigência da Prefeitura, tendo em vista justamente o quadro da doença e as medidas de segurança necessárias para evitar a disseminação do vírus.

Sobre a entrevista e questionário destinados à professora do Centro de Formação Paulo Freire, Gabriela Monteiro, a qual também dá aulas na escola ABA Global Education, aos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, faixa etária a qual não foi destinada a pesquisa, tendo em vista a falta de abrangência do curso de Pedagogia.

No entanto, sua fala torna-se interessante porque ela nos traz sua contribuição quanto a opinião acerca dos uso dos espaços museais, a que se segue: relacionado a pergunta sobre se “costuma levar suas turmas do 6º e 7º ano do ABA aos museus na cidade do Recife?”, a mesma respondeu que sim; e, quanto

a quais os espaços museais visitados, respondeu que foi ao: “Museu do homem do Nordeste, museu da abolição e museu do cais do Sertão”.

Quanto aos conteúdos que a professora Gabriela relaciona em suas visitas aos espaços museais, disse que em Geografia e História trabalha com: “Nordeste, escravidão, e assuntos relacionados”.

Sobre a existência de planejamento relacionando o conteúdo dos museus com os conteúdos de sala de aula e a forma como o realiza essa integralização, disse: “Sim, a partir das exposições que estão disponibilizadas nos museus”.

Quanto às visitar, se intervém ou se deixa a mediação à critério do monitor no museu, mencionou que intervém, e, quanto a como ela percebe a interação dos estudantes a realizarem essas atividades, disse se manifestam através: “Pelo interesse nas obras e no conteúdo sendo apresentado de maneira agradável”.

Sobre a visão que ela tem do pedagogo e seu papel nesses espaços não-formais de ensino, Gabriela disse: “Sou Geógrafa”.

Quanto a ela acreditar que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu? Se não, de que forma acredita que isso possa melhorar? A mesma disse apenas que sim, não explicando se teria algo a melhorar ou não.

Ao ser entrevistada posteriormente, no dia 04 de fevereiro do presente ano, Gabriela, acerca da temática relacionada às formações no Centro de Formação Paulo Freire, disse que lá os professores não recebem “formação para como levar os meninos pra o Museu, ou o que é que vai ser apresentado lá, não!”, ela explica que os professores e formadores vão no museu antes e conversam com a equipe do museu e se verifica qual é a proposta do museu, combinando como vai ser a intervenção no momento, se vai ser o professor que vai fazer o percurso só, ou se vai ter mediação com alguém do museu acompanhando, normalmente o que ocorre é uma parceria: o museu faz o percurso e os professores fazem intervenção caso se faça necessário ou em momentos válidos.

Gabriela completa que está tendo formações durante a pandemia do COVID-19, e que no ano de 2020 todas as formações foram realizadas de maneira obrigatória no mês de abril, mas que normalmente são realizadas uma ou no máximo duas formações por mês. Mas como os professores estavam em casa, e não estavam dando aula online no mês de abril, então a proposta da Prefeitura do Recife foi que fossem dadas formações obrigatórias apenas no mês de abril, tendo

sido feito como solicitado, cumprindo-se toda carga horária obrigatória apenas neste mês.

No caso houveram outras formações, mas não foram obrigatórias, porque os professores já tinham cumprido toda a carga horária no mês relatado, foram opcionais quanto a participação.

Sendo posteriormente questionada novamente sobre o assunto, relacionado a formação dos professores para realização de visitas em espaços museais, a professora e formadora Gabriela disse o seguinte: “realmente a gente não teve nenhuma formação nesse modelo, não! Nesse sentido, não, formativa para museu a gente não teve, não!”

Sendo questionada se fazia uso de espaços não-formais de ensino, a mesma destacou a importância do trabalho pedagógico desde que munido de planejamento prévio por parte dos professores.

Ao analisarmos o que a Gabriela fala em sua entrevista e sobre o questionário, no que tange a formação e a exaltação da importância da visita a espaços não-formais de ensino, temos a compreensão que acadêmica e pós acadêmica deve haver um acompanhamento do professor (formação continuada) tendo em vista que não se mostrou à perceber, até o momento, formações que apresentem essa importância e a contribuição pedagógica que estes espaços podem vir a proporcionar para os docentes da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I e EJA, pois nesse período é onde se criam laços relacionados à culturas locais, regionais e Históricas e se incentiva a continuidade da existência desses espaços.

Sobre o que foi relatado sobre a professora e formadora Sheila, ela busca estimular os professores durante a formação para que realizem visitas nesses espaços com suas turmas, mas é um trabalho o qual deve haver um incentivo durante a formação e posteriormente na formação continuada, como já falado.

Quanto às exposições, se encontram muitas apresentações fixas e poucas transitam sobre assuntos interessantes que abordam mais da nossa cultura sem ser algo estagnado; vemos apenas um trabalho mais contextualizado em espaços como o Museu do Trem e o Paço do Frevo, que já realizam um trabalho nesse sentido.

Falta em nossa estrutura educacional um maior maior debate que promova a relevância desses espaços em nossa sociedade, seja por iniciativa dos professores, dos formadores, na graduação e posteriormente. Não podemos deixar que esses

espaços museais morram! Devemos ressaltar a importância Histórica e Geográfica relacionada a nossa cidade, nossa identidade e cultura local, como cultura viva, possibilitando pontes no ensino dos conteúdos escolares, já que a escola está lotada de conteúdos e essas visitas podem possibilitar uma nova abordagem metodológica, assim, fazendo parte de possíveis PPP das escolas.

Também lembrando a questão da pandemia do COVID-19, quanto a ressocialização das pessoas na volta a convivência social, o museu é uma oportunidade para re-sensibilizar os estudantes, melhorar o contato entre professor-aluno, vindo a facilitar a abordagem de conteúdos, na forma de um resgate, solucionando, inclusive, os danos causados por este afastamento social e prevenindo que as crianças se isolem como forma de prevenção de danos mentais (4ª onda da pandemia: depressão, ansiedade, etc.), já que a única forma de interação seria a dos estudos online. Além disso, se mostra, até o momento, insuficiente a proposta de abordagem de ensino híbrido, a qual de fato, ainda não existe de forma funcional no Brasil.

3.3 Acerca da visão dos professores sobre a educação em espaços não-formais, sobre o Centro de Formação Paulo Freire e novas perspectivas pedagógicas para o fazer docente

Sobre a busca das opiniões das professoras pautadas nos objetivos da presente pesquisa, esta ocorreu de forma online, também pelo motivo já mencionado quanto ao vírus da COVID-19, dessa forma, mesmo com algumas escolas já tendo iniciado um trabalho presencial, muitos professores e instituições de ensino, com o intuito de salvaguardar seus profissionais e estudantes, além, é claro da comunidade escolar, optaram por permanecer no modelo de aulas online através de alguma das plataformas disponíveis para o desempenho dessa função, tais como meet, zoom, skype, hangout, teams e google classroom, usando por parte do governo programas de apoio educacionais na rede televisiva; outrossim, não haveria outra maneira de encontrar os professores que não no meio virtual para a

segurança de todos, assim decidimos para que os encontros se dessem através do aplicativo do WhatsApp, e assim ocorreu como demonstrado em seguida.

Já quanto aos professores, foram entrevistados um total de 15, sendo que destes os dedicados ao Ensino Fundamental I eram 7, e do Ensino Fundamental II eram 8. Sobre os respondentes, vale salientar que ao observar o total de respostas do questionário os demais professores do Ens. Fund II não foi apresentada todas as questões e respostas deles, só aquelas que foram considerados apenas aspectos os quais servem de comparativo entre práticas, já que são de um ensino dedicado a outra faixa etária.

Sobre as professoras entrevistadas, um total de 7, dedicadas ao Ensino Fundamental I, A primeira entrevistada, trata-se da professora Sheila Barros, da Escola Municipal Ubaldino Figueiroa, em Jaboatão dos Guararapes - PE, ensinou 3º ano em 2020. Entrei em contato com ela, solicitando sua participação, no dia 19 de Janeiro, a mesma confirmou participação no dia 20 do mesmo mês. Tendo respondido ao questionário no dia 23 de janeiro.

Sobre quando questionada se costumava levar suas turmas aos museus, ela respondeu o seguinte: "O único museu que já consegui levar minha turma foi o Espaço Ciências e fiz essa atividade apenas uma vez".

Em relação a quais museus ela já visitou com suas turmas, Sheila respondeu o seguinte:

Nenhum. Sair da escola é uma problemática, pois não temos transporte para isso. Estamos tentando colocar em nossas ações do PPP uma aula anual no Espaço Ciências, visto que ele é o único que oferece o traslado das crianças até lá e só precisamos abastecer com o combustível. Realizamos a primeira vez em 2018 e não fizemos em 2019, estava programado para 2020, mas veio a pandemia.

O que demonstra pouca utilização de espaços não-formais de ensino, mas que traz um trabalho inicial interessante e começo de algo que poderia tornar-se rotina caso se apresente favorável futuramente no que diz respeito à questão do transporte fornecido pela Prefeitura.

Quando questionada sobre quais conteúdos ela havia relacionado durante a visita, a professora disse que trabalhou a geração de energia e os ciclos da água, tanto em relação ao ciclo natural quanto ao processo de captação para abastecimento.

Na pergunta se a professora realizava planejamento relacionando os conteúdos a serem trabalhados nos museus e a relação dos conteúdos em sala, ela respondeu assim:

Sim. Na época da aula no Espaço Ciências fiz algumas intervenções, anteriores a visita, levantando os conhecimentos prévios das crianças através de questionamentos sobre alguns processos, anotamos as respostas e na volta da visita retomamos as respostas e analisamos as que se aproximavam ou não.

Sobre estas declarações vemos que a professora faz a prática de levantar conhecimentos prévios dos estudantes através de questionamentos, solicita que os estudantes façam anotações durante às visitas e após este momento, ao retornar para a sala, retoma o assunto e analisa o que foi respondido pelos estudantes, o que reflete de maneira muito positiva na questão da construção do conhecimento e influência na percepção da criança quanto ao espaço, permitindo-a relacionar o conteúdo à visita e ao objeto de estudo em questão. Quanto ao perfil docente, esse tipo de trabalho é o que vemos exemplificado na prática quanto ao que aprendemos em nosso processo formativo, sendo um exemplo para todos os professores, principalmente relacionado aos da faixa etária até o ensino fundamental I, que como se segue, veremos que não são tão propícios à realizarem um trabalho integrado aos espaços não-formais de ensino e nem são incentivados durante a sua formação a fazê-lo.

Relacionado a possíveis intervenções feitas pela professora Sheila nas visitas ao museu, ela disse o seguinte: “Faço intervenções buscando trazer o que estamos trabalhando, teoricamente, na sala de aula e algumas problematizações”.

Essa ação de “intervir” é essencial na percepção e na construção do conhecimento do estudante, pois permite que reorganize seu pensamento e direcione seu olhar para o objeto de estudo de maneira mais adequada e de forma coerente com os conteúdos que estão sendo trabalhados.

Quanto ao questionamento de como ela percebia a interação dos estudantes durante a realização dessas atividades, Sheila disse o seguinte: “A maioria participa ativamente do processo, interagindo e questionando”

Sobre se a professora vê o pedagogo com que papel neste espaço? E se acredita que ele possa contribuir de alguma forma? Ela disse o que se segue:

Um articulador entre o que o espaço oferece e estratégias de aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento de ações que mobilizem os/as estudantes e desmistificando a visão dos museus como algo estático.

Sobre essa fala da professora Sheila, vemos um exemplo do perfil do pedagogo como aquele que é um “articulador” de conteúdos nos diversos espaços de ensino, a diversidade e criatividade no desenvolvimento de “estratégias de aprendizagem” que se adequem ao espaço e “desmistificação” do olhar do estudante sobre os espaços museais, é uma forma de permitir ao estudante que reconheça nos museus o objeto de estudo, do conteúdo com o objeto estudado, sua relação com o meio e com ele próprio e com a sociedade de maneira geral, vendo-os como algo dinâmico e que se contextualiza a sua realidade.

Quanto a se ela acreditava que a formação dela tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu e se não, de que forma acredita que isso possa melhorar, a professora disse que:

Não. A minha formação em pedagogia foi muito voltada para o trabalho na escola e com foco dentro da sala de aula (o espaço físico). Outros espaços sociais, como museus, ONGs, empresas, são esquecidos. Não sei como está agora, mas para mim foi assim (fiz meu curso de 2005 a 2009 com o currículo antigo, em 2010 foi implementado um novo currículo). Para melhorar, a abertura de cursos de extensão pelas universidades e faculdades pode ser um caminho, a formação continuada da/do professora/professor também poderia trazer contribuições. Precisamos também desenvolver um processo de auto formação e passar a visitar os museus para conhecer os espaços e entender como cada um funciona. Falo por experiência própria, não conheço vários museus da cidade do Recife e moro aqui, não tenho isso como hábito. Fora as dificuldades que temos enquanto rede de ensino para sair da escola, temos também a nossa falta de conhecimento das potencialidades desse espaço para a nossa formação e dos/das nossos/nossas estudantes.

Apesar da resposta negativa sobre sua contribuição, vemos em sua fala que ela faz uma crítica a sua formação, por não ter recebido um preparo para lidar com espaços não-formais de ensino. Sugerindo, ainda, um novo olhar dos professores acerca desse tipo de ensino como forma de solução, como a questão da formação continuada e da necessidade de busca dos professores em se reconstruir, além disso, apresenta à dificuldade como a falta de mobilidade para chegar a esses espaços e a falta de conhecimento sobre as possibilidades de trabalho nos espaços não-formais.

Dessa maneira, segundo suas respostas, verifica-se que a professora Sheila acredita na visão de que os museus e às escolas podem trabalhar em conjunto os

conteúdos e vê vantagem em levar às crianças à esses espaços, mas por desconhecer o trabalho dos museus e demais espaços não-formais em Recife ela, no entanto, não costuma fazer visitas. Sheila em seu relato explica a dificuldade quanto aos espaços não oferecem traslado de crianças e isso não ser ofertado para as escolas como uma opção, relacionado a oferta de ônibus escolares pela Prefeitura, que não oferece ônibus para as visitas. Mesmo assim a professora relata que já realizou trabalhos com suas turmas nesses espaços e tinha visitas previstas para 2020, mas não pode realizar devido à pandemia do COVID-19. Sobre a educação em espaços não-formais, faz uso dessa metodologia de ensino integrada aos conteúdos escolares. Em seu relato através do questionário preenchido por ela, verifica-se a importância do pedagogo, do contextualizar o ensino e os conteúdos à realidade do estudante, bem como possibilidades de sanar a questão da falta de formação sobre espaços museais e da visita de professores a esses espaços.

A segunda entrevistada, Talita Nascimento, no dia 07 de fevereiro do presente ano, foi dito por ela que a mesma não se encontra ensinando em nenhuma escola no momento, mas geralmente fica com turmas de 4º e 5º anos, a qual faz uso dos espaços não-formais, e de uma metodologia de ensino que integra os conteúdos presentes e museus aos conteúdos escolares. Em suas respostas ao questionário ela disse que costuma levar suas turmas aos museus.

Quando questionada se já havia visitado os museus com suas turmas em Recife, pergunta a qual ela respondeu que sim e acrescentou que frequenta o forte das Cinco Pontas, Casa de Gilberto Freyre, Memorial Luiz Gonzaga, Museu do homem do Nordeste.

Sobre quais conteúdos foram relacionados na visita a esses espaços, sobre isso, Talita respondeu que trabalha conteúdos em História, Geografia e Língua Portuguesa.

A entrevistada em seu plano de utilização do espaço trata de assuntos aos quais abordamos nesta pesquisa quanto ao conteúdo pedagógico relacionado a História e Geografia, vemos, assim, demonstrado a sua importância museológica para os devidos fins do objeto de estudo.

Relacionado ao planejamento de conteúdos acerca do espaço formal e o não-formal, e como ele acontece, a professora respondeu que faz:

Sim. Procuro pensar nas visitas já no planejamento, mas muitas vezes as visitas podem surgir depois no desenvolvimento do trabalho. Então procuro aliar o que é visto nas visitas ao que estiver trabalhando, já que o planejamento é flexível.

Em relação às intervenções realizadas por ela nas visitas ou se ela deixava a critério dos mediadores nos museus, ela disse que: “Se for possível e necessário faço intervenções”.

Sobre a percepção de Talita quanto à interação dos estudantes nas atividades nos museus, ela disse o seguinte: “Ainda há falta de estímulo para que as crianças visitem museus”.

Lembrando um pouco da fala da professora Sheila, que relacionou essa falta de estímulo com a pouca ou nenhuma formação de professores para o desenvolvimento de um trabalho contextualizado de conteúdos nos espaços museais, o que leva inevitavelmente, a uma falta de estímulo para tal aos seus estudantes.

Relacionado a como a professora vê o papel do pedagogo nos espaços museais e se ela acreditava que ele pudesse contribuir de alguma forma, foi dito que: “Sim pode e deve contribuir estimulando a visita a museus. Enriquecendo o planejamento e suas aulas com esta experiência”.

Ao traduzirmos a fala de Talita vemos que ela considera que seja importante que o pedagogo estimule seus estudantes para realização de visita e que isso “enriquece” o planejamento do profissional bem como a sua prática e trabalho dos conteúdos em sala.

Quanto à formação de Talita, quando ela foi questionada sobre se contribui para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu? Se não, de que forma acredita que isso possa melhorar? A mesma respondeu : “Acredito. Atualmente como formadora de professores da rede pública, sempre que possível busco estimular que professoras (es) busquem essas experiência com seus estudantes.”

Percebemos em sua fala que atualmente por estar trabalhando com a formação de professores e já ter realizado visitas aos espaços museais com suas turmas, ela pretende estimular cada vez mais os professores na utilização dessa metodologia de contextualização de conteúdos dos espaços formais entre os espaços não-formais de ensino, como museus.

A terceira entrevistada foi a professora Sandra de Amorim, no dia 04 de fevereiro de 2021, da Escola Municipal Rozemar de Macedo Lima, formada em Pedagogia e História, que ensina atualmente o 5º ano do Ensino Fundamental I.

Em questionário preenchido por ela traz que costuma levar seus estudantes aos espaços museais, mas apenas quando a Prefeitura disponibilizava ônibus esta prática ocorria de forma mais frequente, coisa que hoje é diferente, pois quando ela disponibiliza não há tempo para um planejamento antecipado, então ela faz uso de planos que já usou anteriormente e sabe que logrará êxito.

Sobre quando questionada quais museus ela já havia visitado com às turmas no Recife, ela disse que visitou os seguintes espaços: “Museu do Trem, Forte das 5 Pontas, Forte do Brum, Museu do Estado, Instituto Ricardo Brennand, Torre Malakoff, Sítio Histórico do Arraial Velho Bom Jesus”.

Relacionado a quais conteúdos ela relacionou com a visita a esses museus em questão, ela mencionou que conteúdos em História, Língua Portuguesa e Artes, declaração a qual se segue de maneira mais detalhada:

História do Recife (Período Holandês, este é um conteúdo muito rico de espaços para visitação), Língua Portuguesa (produção textual, ortografia, paragrafação, oralidade). Arte (visita a espaços culturais e/ou históricos, cinema). Entre outros.

Quanto a se ela faz planejamento relacionando o conteúdo dos museus com os conteúdos de sala de aula, e, como, ela disse o seguinte: “Sim, geralmente as visitas fazem parte de um projeto pedagógico que está sendo desenvolvido na ocasião da visita”.

Relacionado às visitas, sobre a intervenção se ela desenvolve durante as visitas ou se deixa a critério do mediador, ela respondeu: “Sempre faço intervenções, pois assim as visitas se tornam mais ricas”.

Em relação a como ela percebia a interação dos estudantes ao realizarem essas atividades, ela disse que: “Geralmente ficam fascinados, participam, perguntam, fazem inferência ao que está sendo trabalhado em sala de aula”.

Sobre a forma como ela vê o papel do pedagogo nos espaços museais, e se ela acreditava que esse papel contribui de alguma forma, disse o seguinte:

O Pedagogo é capaz de transpor o que está sendo apresentado, mostrado para linguagem do estudante (criança, jovem ou adulto), isto é fundamental. Pois a linguagem utilizada para apresentar aquele espaço interfere diretamente na interação do estudante com ele.

Em relação a se a professora Sandra acredita que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu e se não, de que forma acredita que isso possa melhorar, disse:

Acredito que sim. Infelizmente, nos últimos anos as visitas não estão acontecendo. Pois a prefeitura não disponibiliza ônibus com facilidade para estas atividades. Mesmo que estejam contextualizadas. A burocracia está afastando a escola pública Municipal destes espaços.

Já quanto a entrevista realizada via WhatsApp em 04 de fevereiro de 2021, a Professora: Sandra Amorim, da Escola Municipal Rozemar de Macedo Lima respondeu o seguinte, sobre se já havia feito alguma formação ou em algum curso, mini-curso, palestra; se recebeu alguma instrução em algum local de formação sobre a necessidade de visita a esses espaços não-formais de ensino, para complementar os conteúdos escolares; e, se já fez alguma formação no Centro Paulo Freire:

Boa tarde, olha só a Prefeitura não faz formação, infelizmente, não oferece formação nas áreas de História, Biologia, Ciências, às formações são sempre na área de Língua Portuguesa e Matemática, atualmente. Antigamente, há muitos tempos atrás, na Prefeitura, a gente tinha um evento chamado Conexão 17, que era na época de formação, né?! Da volta do nosso recesso, das nossas férias, e aí, a gente participava de atividades culturais. Então, nesses eventos, há anos atrás, pela Prefeitura, eu visitei alguns Museus.

Sobre se Sandra já havia feito uma prática pedagógica integrando o Museu aos conteúdos escolares? e se caso não tivesse feito, teria interesse em fazer? Ela respondeu o seguinte:

Então, eu visitei Ricardo Brennand, visitei a Oficina de Francisco Brennand, acho que O Cinco Pontas, enfim. E, na minha prática pedagógica, não! Na minha formação inicial, eu tive, estudei na Federal, Pedagogia, e lá tinha uma disciplina de metodologia, e a de História foi com um professor, Melquisedeque, e ele é interessante que ele fez justamente isso né de mostrar que História ela deve ser viva, aí ele, na disciplina dele, eu fiz muitas viagens, então assim eu visitei Museus lá no Cabo de Santo Agostinho, o Engenho Massangana. É... o Museu de História e Geografia, hum, ah sim e também a professora de História da Educação, da minha formação inicial ela também fez com que a gente visitasse esses museus na época eu tava lendo, a gente tava lendo Doidinho, de José Lins dos Regos, e aí a gente visitou alguns locais pra fazer essa conexão com o livro e aí eu visitei alguns Museus também nessa época, a Capela Dourada, entre outros, assim eu já visitei muitos espaços aqui né de Recife. Na época com Melquisedeque e na época da disciplina de História da Educação.

Continuando a entrevista, a questioneei sobre se ela realizou uma visita com suas turmas a esses espaços, o que a professora respondeu o seguinte:

Na minha prática, eu já fiz muitos trabalhos com Museus, muitos! Eu sempre ia na verdade né?! Essas últimas gestões agora da prefeitura, eu não consegui ir, porque eles não disponibilizam mais ônibus pra gente fazer passeio pela escola, né?! passeios-aulas. Eles só disponibilizam quando é algo que eles queiram que a Prefeitura quer que o aluno vá, mas não o que seja dentro da proposta pedagógica, o que é uma pena, né?! Porque assim era maravilhoso, então quando eu tava estudando com os meus alunos a época do Brasil Holandez, então eu levava eles, fui com vários alunos lá no Forte do Brum, em vez de falar a gente ia lá ver, e aí lá tem moedas da época, tem personagens tem toda a História do Forte do Brum, essa construção do Forte o porque que tem um lado dele que não foi totalmente, assim, construído, então tem muita coisa legal. Já fui também com estudantes no forte das cinco pontas, que foi também muito legal né, na época a gente tinha um projeto de História sobre isso. Já visitei, deixa eu lembrar de outro que eu tenha ido com estudantes... como aqui né, lembrando aqui da Rozemar, a gente que não conseguiu fazer o passeio que eu queria na época, que eu trabalhava, na época eu tava trabalhando com eles os mamulengos na escola com a construção de bonecos a produção de texto né a contação de História, e aí eu queria fazer uma visita ao Museu do Mamulengo, mas na época a Prefeitura não liberou o ônibus então a gente não pode fazer essa visita né essa vivência e, ano passado, perdão, 2019, ainda tô em 2020.

Sobre o porquê da professora ter realizado, quais vantagens dessa realização? Qual Museu foi e os conteúdos trabalhados? Ela respondeu o seguinte:

Em 2019 a minha turma tava trabalhando História também né, a invasão Holandesa o período Holandez, e aí é a gente pra estudar a invasão Holandesa a gente foi estudar o Bairro de Casa Amarela que tem tudo a ver nem com o período Holandez ne que o surgimento do bairro ele vem justamente dessa época e aí como a gente tava justamente com esse problema de que a Prefeitura não libera ônibus, mas nós temos um Patrimônio Cultural aqui no Bairro que é o Sítio da Trindade, embora ele não tenha sido feito nele um trabalho para que ele se torne um Museu Vivo, que ele deveria ser, né todos às peças encontradas de cerâmicas, de armamento, vestígios de talheres, de cachimbos, que foram encontrados no sítio é foram doados ao forte do brum, foram levados pra lá, não restou nada aqui, mas o próprio sítio ele é um sítio Histórico, então aí desde a invasão, a questão dos Holandeses, foi o refúgio dos Portugueses aqui, até o casarão né que vai ser construído anos depois e aí tem toda essa história então assim foi feita toda uma história aqui, o movimento de cultura popular também foi aqui.. mas com os meus alunos eu foquei na questão de compreender a importância do bairro desde o período Holandes. Então a gente veio pra cá pro sítio da trindade, os pais trouxeram os estudantes porque a gente não podia ir de ônibus porque a prefeitura não podia liberar. Aí os pais trouxeram às crianças e nós passamos uma manhã inteira aqui no sítio, vivendo História porque eu vejo aqui eu acredito que a História tem que ser viva né então ao invés de ler História, de contar a História, então vamos viver História por isso os Museus, os espaços culturais, eles são muito importantes pra isso. Então dessa visita assim né os meninos construíram uma identidade, ajudou na construção da identidade deles enquanto moradores do bairro.

Também perguntei qual teria interesse de ir? e porque? Sandra disse o seguinte:

Assim, a valorização do espaço e do local onde vivem da História, sentir que eles fazem parte da História, sentir que Casa Amarela faz parte da História, o lugar que eles vivem faz parte de uma História bem maior. E aí dessa visita, desses estudos, dessa pesquisa, eles fotografaram e depois eles fotografaram da casa deles a visão de Casa Amarela, e escreveram um livro, eles fizeram um filme, um documentário lá que concorreu no Emcine (Encontro Municipal do Audiovisual do Recife)¹, eles ficaram entre os finais lá Emcine, o livro deles foi lançado na Bienal do Livro, é..enfim, eu tornei o livro digital esse ano, então tá tudo registrado no livro lá que eles escreveram, no documentário que eles construíram, a respeito do bairro de Casa Amarela, e da visita né ao Sítio (da Trindade) e conhecer o espaço cultural que existe no Bairro, assim como o Mercado do bairro a gente também foi, né?! A casa que deu nome ao bairro, que não é tombada, no sentido dela não ser preservada com as coisas, tombada no sentido de não manter a cor amarela e destruída, mas ela virou um ponto referencial, então tá passando despercebida e eu acho que esse trabalho de levar o estudante ao local, ao Museu, aos Espaços Culturais, ajuda a preservar essa cultura, né?! E quem sabe manter esse Patrimônio mais bem cuidado, que aqui em Casa Amarela, por exemplo, quando a gente tava estudando tiveram vários cinemas e só um é mais conhecido, que mesmo assim virou uma igreja evangélica, mas os outros cinemas a gente nem conseguiu mais identificar a localização exata.

Em um dado momento, perguntei se Sandra gostaria de acrescentar algo sobre esse tema, relacionado a disciplina de História? Disse:

Então assim.. essa História precisa ser preservada, e a História precisa ser contada de um jeito um jeito gostoso, outro dia tava conversando com Marcela que é a coordenadora lá da Escola, e ela tava nas minhas aulas online, né agora remotas, e eu também na aula remota eu também tentei trazer vida com o Museu Afrobrasileiro, virtualmente, e a gente viu um bocado de vídeo, eles viram assim, e nós participamos de discussões e Marcela, ela fez justamente essa observação dizendo que, por exemplo, quando ela estudou História, a História era muito chata que tinha que tá decorando datas e vendo os meninos estudando (referindo-se a esse momento atual) ela se sentiu envolvida assim nesses estudos de um jeito diferente, porque ela que nunca tinha visto a História desse jeito.

E, às vezes, conversando com sobre isso eu falo que pra mim a História tem que ter vida; justamente porque na minha experiência com História quando eu era estudante era essa, ler e decorar, ver a data e saber quem foi qual era o herói de num sei da onde, né?! E na universidade quando estava com Mary e com a Professora Ana Galvão, não sei se eu lembro e se era esse o nome dela, mas ela era de História da Educação, eles me mostraram uma História diferente, uma História viva e aí depois quando eu vim da prefeitura, nessa época a 300 anos atrás quando às formações eram voltadas a esses espaços (se referindo aos espaços culturais) eu visitei muitos espaços em Recife e do Cabo e conheci muita coisa que eu quero que meus alunos conheçam.

A questioneei, também, sobre qual a motivação da professora de querer levar suas turmas aos espaços museais? Ela respondeu:

Então eu faço de todas as formas para que eles consigam ir pra esses lugares porque o ensino de História é essa porta, é essa oportunidade, são ambientes, são locais, que é gratuito entrar, mas eles não conhecem porque não tem essa cultura (referindo-se ao costume de visitar e conhecer esses

espaços). Infelizmente, agora, a Prefeitura não libera ônibus pra gente ir mas, assim, eu tento de algum jeito levar, e eu acho que é muito válido porque quando você vê a História viva na sua frente, você vê aquele objeto, você pega e olha que era um prato que é diferente de um prato de hoje, mas que era um prato e que mesmo assim às pessoas eram pessoas assim iguais a você, aí você vê assim uma cama, como no Museu de História e Geografia, que você vai ali na Rua do Hospício que tem a cama, tem aqueles transportes que os negros usavam, que iam dois se pendurando, dois na frente e dois atrás, a primeira prensa do diário de pernambuco, é muito interessante, é muito! E abre assim um horizonte, a assim sabe a discussão sai é como se às palavras é como se saíssem do livro e criassem vida.

Qual o estímulo que o professor deve ter ao levar suas turmas, você acredita que seja importante os professores desenvolverem essa prática? O que os estudantes sentem ao visitar esses espaços e fazer esse trabalho com os conteúdos escolares?

Disse:

Então assim a História, a gente tem que tornar a História viva, a gente tava conversando que geralmente nos meus projetos, que quando eles vêm da disciplina de História eles são assim, porque eu acho que é uma disciplina que é muito maltratada, é tida como uma disciplina chata, mas é muito a forma que a gente apresenta ela. Então os meninos fizeram a rádio, a rádio são os meninos que fazem, por exemplo era um plano da disciplina de História sobre revolução pernambucana e eu não tinha conseguido um ônibus na prefeitura, na época que eu fiz os meus alunos foram premiados e eu não consegui um ônibus para levar os meninos para conhecer os pontos que eram referência, como o Palácio das Princesas, às Pontes ne construídas na época e assim a gente não pode ir. Mas eu acho que é válido, a gente tem que tentar, tem que levar, virtualmente, presencialmente, com ônibus, sem ônibus, quando tudo voltar ao normal, porque é uma luta pra frente, pra que esses ônibus voltem a ser disponibilizados porque é uma História viva é uma História que não precisa contar muita coisa, basta que eles visitem que eles interagem com esses espaços. Por exemplo, lá em Ricardo Brennand, na época que eu fui tinha às pinturas de Frans Post, que eu tava trabalhando sobre isso e cai muito nessa parte Holandesa que a gente tá muito, isso é muito forte aqui o Holandesa aqui em pernambuco e como eu sempre pego turmas de 5º ano aí eu pego essa disciplina e aí a gente tem nessa outra turma que eu trabalhei tava tendo a exposição de Frans Post e aí a gente fez ela digital e às obras de Frans Post expostas lá assim é muito rico, muito rico! Assim eles ficam fascinados porque é totalmente diferente do que eles estão acostumados, mas que não deveria ser, né?! Tem muitos espaços que às vezes você não precisa nem pagar pra entrar. [...] Sobre planejamento, claro que isso tudo deve ser muito bem planejado, não pode ser no acaso, que o que a Prefeitura está querendo que seja, né?! Eles na segunda avisam que vai ter um passeio na Sexta e aí a gente leva os meninos, aí realmente é um passeio, não é uma aula, né?! Então tem que ser algo planejado, algo do planejamento do professor, com fins pedagógicos, que faça parte de um projeto, que vai ter sentido, né?! Porque aí, sair por sair, estudo não pode ser acasos, achismos, com falta de sensibilização, tem que ser planejado, pensado, harmonizado, pra que faça sentido.

No questionamento feito relacionado ao espaço do Paço do Frevo e do Museu do Trem, você já fez, professora Sandra, alguma visita a esses espaços, com sua turma, conseguiu levar a escola para algum desses dois espaços? Se sim,

como foi a experiência? Se não, tem vontade? acha válido? E quais conteúdos podem ser trabalhados nesses dois espaços? Foi dito o seguinte por Sandra:

No Paço do Frevo eu nunca fui não, com aluno, não! É o do Trem que é ali na Estação eu já fui.. com uma turma minha, quando eu tava na outra Escola, há muito tempo atrás, quando a Prefeitura liberava ônibus. A gente tava construindo, justamente, um estudo da História do Recife, eles construíram um Portfólio, e aí eu fui com eles lá no Museu do Trem, e também na Sinagoga, na Rua do Bom Jesus, a gente foi conhecendo o Recife através dos Espaços, né?! Culturais que ele tem e aí eu fui no Museu do Trem, os meninos ficaram encantadíssimos com o Museu do Trem.

Sobre o Paço do Frevo disse o seguinte acerca dos conteúdos:

Quanto aos conteúdos, na parte do Museu do Frevo, tanto a parte de História quanto a de Artes, né?! Tanto como de Língua Portuguesa também, como você pode trabalhar, como de Geometria, na parte de Matemática. Uma das formações que eu tive agora a gente falou (disso), o professor que trabalha com Matemática, ele falou sobre alguns dos trabalhos dele, ele falou sobre a Geometria da Sombrinha do Frevo, então, não só da sombrinha do frevo, mas tem muita coisa né do frevo que envolveria o trabalho de geometria né como às cores; a própria arte a música a letra da música o poema; mesmo que a gente, como já trabalhamos a música com Romero, Raíssa, Estéfane, que trabalhou lá com o PIBID (falando da escola Rozemar), ou quem tem algum professor que entenda da parte de música, como Nívea (professora da Rozemar), e quando não entende a gente pode trazer para uma parte mais geral do Frevo em si, dos tipos de Frevo, ou um trabalho com o corpo, tanto pros pequenos da educação infantil como pros maiores, como em uma oficina de Frevo que tem lá (no terceiro andar), de dança, com essa cultura, esse trabalho de Artes, com o trabalho no eixo da educação infantil pra se propor. Nos maiores tem os conteúdos de Artes ligados a questão da dança que é trabalhar o corpo com outra visualização, o corpo com uma oficina de frevo ajudaria bastante, isso como também às exposições constantes que tem lá, sabe.. português também, trabalhar História.

Sobre o Museu do Trem falou o seguinte acerca do espaço e conteúdos:

O do Trem, se for o que eu estou pensando, que é o da Estação do Trem o lá do Metrô, ele não tem muita coisa, né?! (referindo-se a época que ela visitou anos atrás), eu fui lá na época, os meninos amaram, há muito tempo atrás eu acho inclusive que esses meninos já estão até na faculdade. E lá é um espaço legal, mas não é muito bem cuidado, assim, né como a Casa da Cultura, que eu visitei com essa turma também , então acho que eles ficam assim... muito mal conservados, até a própria chegada nele não é tão agradável, mas é um espaço legal; e na questão dos conteúdos, também, tanto histórico como a parte de Artes, como a parte Geografia, a questão dos meios de transportes , né?! De quando surgiram esses transportes, a História da cidade, a ligação da História do trem com a da cidade, enfim, depende muito do que a gente vai olhando, dependendo do projeto que a gente desenvolve, se pode visitar aquele lugar, aqueles trens ali, tanto como o metrô, com os maiores, depende do que você vai trabalhar. Eu acho que tudo tem que ser contextualizado também é planejado, né?! como você falou aí! Visitar por visitar, vai ser uma visita um pouco ruim e às vezes você não vê tudo que deveria ver (referente ao pouco tempo de visitaçao e a falta de um acompanhamento pedagógico do conteúdo anteriormente a visitaçao).

Eu fui com, eu não me lembro qual foi o espaço, que eu fui com o grupo e eles disseram: poxa a gente passa aqui direto e a gente não tem essa visão!”. Então eu acho que assim tem que ser algo planejado e organizado sim.

Acerca da análise do questionário preenchido e da entrevista realizada, temos que a formação da professora Sandra em Pedagogia e História visa, em sua fala, à contribuir para um melhor diálogo entre os conteúdos dados em sala (ensino formal) aos que é trabalhado nos museus (não-formal), vendo o pedagogo como um mediador e estimulador desses momentos, o que favorece ao estudante uma melhor percepção do mundo a sua volta. Além disso, a mesma tem a visão de que os espaços museais favorecem a construção do conhecimento, fazendo uso de um planejamento para realização de um trabalho nestes espaços em busca dessa metodologia de ensino integrada aos conteúdos escolares.

A professora Sandra Amorim acredita que seja importante haver formação voltada para essas visitas e ressalta a necessidade de transportes disponibilizados pela Prefeitura para a finalidade de levar às crianças aos museus, reclamando que existem essas idas e é disponibilizado transporte, às vezes, mas que quando isso acontece, não há tempo do professor providenciar um planejamento prévio, pois a Prefeitura só envia ônibus de última hora, deixando a visita com cara de mero passeio escolar; o que deveria ser visto como um trabalho amplificado dos conteúdos escolares, acaba sendo mero passeio e descontextualiza o trabalho dos professores.

Deixo aqui como outra possibilidade, no entanto, que a própria escola, em seus planos, quanto aos Planos Pedagógicos Escolares, integralize semestralmente algumas visitas escolares e solicitasse previamente a prefeitura transportes com essa finalidade, assim, não ficaria a cargo somente dos professores.

A quarta, refere-se a Graciely Silvino também da Escola Municipal Rozemar de Macedo Lima, ensina geralmente ao 1º e 2º anos do Ensino Fundamental I, mas em 2020 ensinou ao 1º ano, sobre a educação em espaços não-formais, fazendo uso dessa metodologia de ensino integrada aos conteúdos escolares. Em suas respostas ao questionário preenchido por ela, a mesma explicou que não costuma levar suas turmas aos museus.

Relacionado ao questionamento sobre quais museus ela já visitou com suas turmas em Recife, ela disse que “nenhuma”, e que como não tem a prática de visitar esses espaços com suas turmas, não chegou a trabalhar nenhum conteúdo para

esses momentos. Relacionado ao planejamento, também não houve, e, sobre as visitas, se ela intervinha ou se tudo ficava à critério do mediador no museu ela disse “Nunca participei”. Além disso, sobre a questão da interação dos estudantes a realizarem essas atividades na visita ao museu, permaneceu sem saber responder.

Ao menos em relação ao questionamento sobre a forma que a professora via a figura do pedagogo nos espaços museais ela disse que acredita que ele possa contribuir de alguma forma, respondendo o seguinte: “Acredito que sim”.

Sobre quando questionada se acreditava que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu? Se não, de que forma acreditava que isso poderia melhorar? Ela respondeu o seguinte: “Não. Mais tenho vontade de visitar e conhecer melhor”.

Analisando a fala da professora, posteriormente em sua entrevista, para compreender melhor sua opinião, temos que a mesma acredita ser importante levar os estudantes aos espaços museais, mas não costuma desenvolver essa prática, em entrevista feita anteriormente no dia 07 de fevereiro do presente ano.

A professora Graciely disse que não o faz por medo de ir com os estudantes nesses espaços, relacionado a questão de segurança, que não sabe sobre as propostas existentes nos museus e em outros espaços não-formais de ensino e por isso não sabe como poderia integralizar esses conteúdos.

Mas a professora acredita na possibilidade de que isso seja realizado com o devido planejamento, disse que passaria a fazê-lo caso a Prefeitura disponibilizasse transporte e se a escola tivesse projetos que permitissem mais passeios-aula, no entanto, como isso ainda não acontece ela não tem esse costume, reclamou também quanto a questão de sua formação que não proporcionou contato maior com essa prática, na sua época, relata que às aulas se voltavam mais a conteúdos teóricos do que a prática em sala de aula, que o que via era pouco e nada sabe sobre visita a museus.

No entanto relata já ter ido a alguns espaços só que sem os estudantes, na sua formação, no magistério, visitou o Museu Ricardo Brennand e que ficou encantada com as obras que viu por lá, que gostou principalmente do Museu de Cera, e que gostaria de conhecer outros museus do Recife, e levar às turmas caso fosse acompanhada; o que proporcionaria uma aula fora do ambiente escolar, que seria um conhecimento a mais, sendo de grande importância.

Neste caso, em uma visitação a esses espaços, tendo em mente o Museu do Trem e o Paço do Frevo, poderia ser observado na sua visão os objetos históricos, por ela chamado de “objetos antigos”, “a História do homem do nordeste”, tudo na aula de História.

A quinta pessoa foi a professora Nívea, a qual também é da Escola Municipal Rozemar de Macedo Lima, leciona o Grupo 5 da Educação infantil, que em seu relato, no questionário preenchido por ela, falou o seguinte sobre levar suas turmas aos museus:

Infelizmente não. Nossa rede de ensino não viabiliza muito esse tipo de experiência escolar, pois dificulta a disponibilidade de ônibus. Quando precisamos realizar qualquer passeio, necessitaríamos escrever um projeto para conseguir um ofício que disponibilize o ônibus.

Sobre a pergunta referente a quais museus você já visitou com suas turmas no Recife? A mesma respondeu : “Nenhum ainda”. Mas disse que se caso o fizesse "poderia relacionar diversos conteúdos”.

Relacionado ao planejamento trabalho com os conteúdos dos museus com os conteúdos de sala de aula? Como? Nívea disse: "Não realizo. Mas gostaria”.

Quanto às visitas e se ela intervinha nas mediações ou se deixava à critério do monitor no museu, ela respondeu que “se eu conseguisse levar os alunos, com certeza faria o que me cabe”.

Quanto à interação dos estudantes enquanto nas atividades do espaço museal, ela respondeu que não teria uma resposta, já que não costuma fazer visitas aos espaços museais com às turmas, assim tão tem como avaliar essa questão.

Relacionado a como Nívea visualiza o pedagogo com que papel neste espaço e se acredita que ele possa contribuir de alguma forma. Disse o seguinte: “O papel do pedagogo é de suma importância, pois é o mediador no processo de ensino-aprendizagem”.

Quanto à acreditar que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu e se não, de que forma acredita que isso possa melhorar? A professora Nívea falou:

Sou formada em Letras pela UFPE. Apesar de estar trabalhando com educação infantil, poderia realizar rodas de conversa, realização de relatos de experiência a partir de textos coletivos, etc. Considero muito importante visitas a museus, teatros e demais centros culturais. Acredito que essas vivências impactam de uma forma bastante positiva na aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, podemos concluir que assim como a professora Graciele, a professora Nívea, inclusive ambas são da mesma escola, acredita ser possível a realização de visitas a espaços não-formais de ensino, mas que não fazem uso dessa prática, o que demonstra por parte delas pouca compreensão das possibilidades de uso dos espaços museais integrados aos conteúdos escolares, desconhecendo também como os estudantes se sentiriam caso elas fizessem uso dessa prática.

Em entrevista, também no dia 07 de fevereiro, a mesma relata que já levou os estudantes aos teatros para trabalhar aspectos do conteúdo referente à disciplina de Língua Portuguesa, mas que não foi a museus com estudantes. Sua queixa é a mesma que a da professora Graciele, tais como a falta de ônibus por parte da Prefeitura e falta de apoio caso resolvesse levar uma de suas turmas; também fala quanto a formação, relatando que apesar de gostar de ir a esses espaços sozinhas, não o faz com turmas porque desconhece formas de trabalho dos conteúdos já que não viu muito desse aspecto em sua própria formação. Tem ainda a visão de que seria de extrema importância a ida de estudantes a esses espaços, tendo em vista que os proporciona uma melhor reflexão sobre o conteúdo relacionado a questão da importância da cidadania e cultura.

Acreditando na possibilidade de trabalho entre a escola (ensino formal) com a educação em espaços não-formais, desde que haja um devido planejamento do professor no uso dessa metodologia de ensino integrada aos conteúdos escolares.

Já sobre a sexta pessoa a qual se aplicou o questionário (dia 07 de fevereiro do presente ano), que foi a professora Daísa Santos, da Escola Municipal da Mangabeira, que leciona às turmas do 1º ano do Ensino Fundamental I, quanto às respostas ao questionário preenchido por ela quanto a se ela costuma levar suas turmas aos museus, disse que não o faz com a frequência que gostaria.

Sobre quais museus a professora Daísa já havia visitado com suas turmas no Recife, a mesma relatou que foi aos “Museu do Homem do Nordeste, Museu Cais do Sertão, Paço do Frevo”.

Analisando sua fala, ela realizou visitas a um dos locais que é objeto de estudo, que é o Paço do Frevo, mas, ao mesmo tempo, desenvolve um trabalho conjunto com os espaços museais no que tange aos conteúdos dados em sala.

Sobre quais conteúdos você relacionou com a visita aos museus, Daísa disse que trabalhou conteúdos das disciplinas de Literatura de Cordel, sobre Luiz Gonzaga, e, em História e Geografia, o contexto relativo à História da cidade do Recife.

Demonstrando a importância do trabalho relacionado aos aspectos regionais e culturais, relacionando com o cotidiano do estudante, suas origens e trabalho com as disciplinas de História e Geografia, às quais também se aplicam como objeto de estudo do presente trabalho.

Sobre os planejamento relacionando o conteúdo dos museus com os conteúdos de sala de aula e a forma como realizava, a professora relatou que faz planejamento:

Sim. A escolha do museu a ser visitado é baseada no projeto anual. Desta forma planejo atividades de pesquisa e antecipação de conteúdo antes da visita e atividades de produção depois da visita.

Demonstrando que Daísa faz uso de planejamento o qual está contido no projeto anual presentes no contexto escolar e que, além disso, os aproveita para integrar os conteúdos no espaço formal de ensino com o não-formal.

Relacionado às visitas, se Daísa intervinha nas mediações ou se deixava à critério dos monitores no museu, a mesma respondeu: “Faço intervenções com o objetivo de deixar mais claro para a turma a relação com o conteúdo abordado”.

Quanto a como ela percebia a interação dos estudantes ao realizarem essas atividades, respondeu: “Os vejo empolgados, entusiasmados pela oportunidade de visitar um espaço que não é comum em seu dia a dia”.

Sobre como via o papel do pedagogo nos espaços museais, e, se acredita que ele possa contribuir de alguma forma? Respondeu:

Acredito que o pedagogo pode atuar de forma relevante neste espaço, promovendo situações de aprendizagem mais significativas, que vão além do expôr fatos/objetos.

Quanto à acreditar que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu, e, se caso não, de que forma acredita que isso possa melhorar. Disse:

Não sinto contribuição em minha formação inicial nem continuada. A formação do pedagogo precisaria contemplar de modo mais direto questões

como essa. Não lembro de ter estudado sobre visita a museus ou conteúdos do tipo. Nas aulas de História ficávamos restritos à História da educação.

Analisando a fala da professora Daísa, presente no áudio da entrevista realizada no dia 07 de fevereiro, juntamente com as respostas do questionário, vemos que Sobre quais conteúdos você relacionou com a visita aos museus, Daísa disse que trabalhou conteúdos das disciplinas de Literatura de Cordel, sobre Luiz Gonzaga, e, em História e Geografia, o contexto relativo à História da cidade do Recife.

Demonstrando a importância do trabalho relacionado aos aspectos regionais e culturais, relacionando com o cotidiano do estudante, suas origens e trabalho com as disciplinas de História e Geografia, às quais também se aplicam como objeto de estudo do presente trabalho.

Além disso, executa planejamentos que incluem os espaços museais, dentro do projeto anual para às escolas, feito pela prefeitura, abordando conteúdos em Geografia e História e faz visitas aos museus, em principal aspecto um dos que é objeto de estudo, além de que trabalha conteúdos referente a identidade pernambucana, o que além de favorecer a aprendizagem dos estudantes trabalha a questão do empoderamento cultural e identitário destes no conhecimento acerca do espaço e de suas raízes históricas, e, o principal, que para os estudantes eles se sentem empolgados com as atividades e em contextualizar os conteúdos escolares diversificando o aprendizado em outro ambiente que não apenas dentro da escola.

Daísa ainda faz uma crítica a ela mesma, assim como às demais entrevistadas anteriores, dizendo que não teve formação referente a isso, mas que acredita que seja algo essencial ao perfil do pedagogo em sua formação, além da devida orientação sobre a necessidade de visita aos espaços museais.

Por fim, a professora demonstra que também tem uma boa visão sobre a educação em espaços não-formais, fazendo uso dessa metodologia de ensino integrada aos conteúdos escolares.

A sétima pessoa a responder o questionário, no dia 08 de fevereiro do presente ano, trata-se da professora Regina, da Escola Municipal Rozemar de Macedo Lima, leciona para o grupo 4 da Educação Infantil. No questionário preenchido por ela, respondeu que ainda não teve a oportunidade de visitar os espaços museais com sua turma; não podendo ir com eles em nenhum museu da cidade do Recife; sobre os quais os conteúdos que ela relaciona nos espaços

museais ou se caso viesse a visitar quais seriam, respondeu: “seriam abordados dentro dos Campos de experiências”.

Demonstrando que considera importante a visita aos espaços museais contextualizados e planejados para serem trabalhados os conteúdos em consonância entre espaço formal e não-formal.

Relacionado a questão do planejamento relacionando o conteúdo dos museus com os conteúdos de sala de aula, sobre como faria, disse: “Esses planejamentos tem que ser relacionados, criando pontes”.

Regina, ao ser questionada sobre se realizasse às visitas ela interviria durante a mediação ou se deixaria à critério do monitor do museu, disse que: “Acredito que deva ser uma parceria”.

Sobre a percepção da professora Regina quanto à interação dos estudantes ao realizarem essas atividades, disse: “Seria novidade para eles, acredito em uma boa interação”.

Quanto a figura do pedagogo e sua importância no espaço museal e relacionado a sua possível contribuição, disse: “Sim, o pedagogo pode contribuir bastante”.

A professora Regina respondeu ao questionamento: "Você acredita que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu? Se não, de que forma acredita que isso possa melhorar?", com o seguinte: “A teoria e prática devem ser parceiras”.

Analisando as respostas do questionário feito a Regina, é possível notar em suas declarações que mesmo não tendo tido oportunidade de visitar esses espaços, um dia pretende fazê-los, que acha que é possível a realização desse trabalho havendo um planejamento do professor, que iria intervir nos momentos necessários a fim de realizar um trabalho “em parceria” com o espaço museal; e que acha importante formações nesse sentido; que seria uma “novidade para eles” ao se referir aos estudantes, e que haveria uma boa interação.

Dessa maneira, resta demonstrado que a professora acredita que o pedagogo pode contribuir bastante ao estimular essas visitas e ao mediar os conteúdos ensinados em sala de aula com os do museu.

CONCLUSÃO - DISCUTINDO OS RESULTADOS

Como foi verificado através dos aportes teóricos posto em comparação com a prática, por meio da análise das ações pedagógicas dos professores que fazem uso do espaço museal, as ações educativas desenvolvidas nas mediações pelos monitores nos museus, fica demonstrado a importância dos museus como recurso pedagógico, que possibilita ampliar o ensino a partir de uma educação não-formal, com visitas de campo, pesquisa documental em acervo próprios, vivência das manifestações culturais, interação espaço-aluno através dos recursos audiovisuais, pesquisa de objetos históricos e acerca do próprio espaço e suas relações com o meio social.

Asseverando o fato de que os museus ao ser visto, também, como um fonte para o conhecimento, permite o debate de questões transversais, com interação professor-mediador e aluno-mediador, pesquisa em campo, provendo conteúdos em Geografia e História integrados a prática com recursos lúdicos, palestras, cursos formativos, degustações, ou seja, através de todo o tipo de vivências que permitem ao estudante melhor compreender sobre ele mesmo e o contexto do espaço em que vive.

Apesar dessa possibilidade de ampliar o campo de estudo para a educação não-formal integrada a formal, ainda existem dificuldades, mesmo com os museus fornecendo propostas pedagógicas voltadas para que essa interação ocorra, às vezes o que ocorre é a falta de uma formação mais qualificada dos professores para que eles venham a desenvolver este trabalho, aproveitando, assim, às ofertas dos espaços museais, trocando experiências e com isso às visitas seriam mais bem aproveitadas, possibilitando uma articulação com os conteúdos trabalhados no ensino formal.

Verifica-se, quanto a coleta de respostas para os questionários e entrevistas aos professores, que houveram algumas dificuldades encontradas durante a pesquisa, como é o caso de algumas questões tiveram que ser repensadas, não acontecendo da forma que foi planejado inicialmente, como o foi com às entrevistas realizadas no Paço do Frevo, que havia sido proposto que elas aconteceriam também em relação aos professores, sendo eles questionados no próprio Paço do

Frevo. Mas, durante a visita e entrevistas, foi observado que seria necessário um outro método de abordagem para realizá-la. Isso porque enquanto visitam os espaços museais, os professores, não teriam tempo de responder aos questionários ou entrevistas, por estarem acompanhados de suas turmas na escola, ou participando de alguma formação no espaço museal. Além disso, o Paço não fornece dados dos professores para contato e explicação sobre a entrevista, desta maneira, torna-se impossível coletar dados sem que tenha sido antecipadamente explicado sobre o que se trata o trabalho e autorizado a coleta de informações.

Sem falar que, tornar-se-ia impossível em meio a pandemia todo esse protocolo antecipado e posterior coleta de dados de professores sem que fosse em meio virtual, tendo em vista que muitos desses espaços permaneceram um bom tempo fechados em decorrência do próprio COVID-19 e formas antecipadas de prevenção e protocolos de segurança necessários para a manutenção das atividades em meio a doença.

Outra dificuldade encontrada neste espaço se refere à questão de que não há pedagogos na função de mediadores, as formações são em outras áreas do conhecimento.

Sobre a necessidade de pedagogos de formação no espaço museal, durante a entrevista no Paço do Frevo, os mediadores entrevistados apontaram a necessidade de uma formação em pedagogia com o intuito de saberem como lidar com os conteúdos escolares na realização das atividades pedagógicas no espaço museal, na tentativa de compreender a necessidades dos estudantes e dos professores ao trabalharem determinados conteúdos relativos à Geografia e História.

Essa desvantagem apresenta-se no momento de articulação dos conteúdos escolares entre a escola e o espaço - muito embora seja necessário haver um preparo principalmente e de maneira antecipada dos professores enquanto no ensino na sala de aula, para que os estudantes não cheguem desmuniados de conhecimento ou não contextualiza-se os seus conhecimentos prévios com o conteúdo escolar, para que a aula somada a visita não seja pensada como sendo um passeio, o planejamento prévio irá possibilitar uma visita mais proveitosa ao espaço, com possibilidade de solução para às dúvidas quanto ao conteúdo prévio dado em sala, entre outras questões.

Ao se contextualizar o conteúdo previamente dado ao que se visa observar, possibilita-se ao estudante tirar suas próprias conclusões e construir o conhecimento, ou até mesmo fazer uso da ferramenta de pesquisa e seu meio, no caso, nos espaços que visita. - sim, isso porque o estudante, em relação às disciplinas de Geografia e História deve ser aquele que irá investigar o espaço a fim de construir conteúdos, já que o diálogo entre o que se aprende e o que se tem no cotidiano do estudante relacionado aos conteúdos só se far-se-á completo no caso do estudante se valer de ferramentas para a investigação nesses espaços não-formais, a visita não pode ser apenas uma desculpa para um passeio, é importante que haja um lazer, mas no que diz respeito a escola, deve-se criar o interesse do estudante de se buscar o conhecimento, para seu crescimento, para o desenvolvimento futuro de uma profissão, para uma futura formação que venha a facilitar sua compreensão também de mundo, sobre o que acontece à sua volta de forma que ele interfira na sua realidade não sendo apenas um ser passivo e sim o que constrói, que se liberta das correntes da alienação e passa a ser um sujeito participante da sociedade, um ser crítico e conhecedor, criador de suas próprias linhas do tempo que influencia no meio em que habita.

Sobre as desvantagens observadas quanto a falta de pedagogos no Paço do Frevo, vê-se na própria fala de Vanessa, por exemplo, um indício de quanto seria proveitoso dispor de tal profissional na área da educação, quando ela fala “ah, seria um sonho!”.

Além desse momento há também a necessidade desses profissionais reconhecida por alguns dos mediadores no espaço do Paço do Frevo, no momento em que relatam sentir a “necessidade” de uma formação posteriormente na área da educação, até, inclusive, para alcançarem o marco dos seus objetivos profissionais. Embora não componha um coro uníssono, é uma necessidade visível para se destacar, dessa forma, essa desvantagem apresenta-se no momento de articulação dos conteúdos escolares entre a escola e o espaço - muito embora seja necessário haver um preparo principalmente e de maneira antecipada dos professores enquanto no ensino na sala de aula, para que os estudantes não cheguem desmuniciados de conhecimento ou não contextualiza-se os seus conhecimentos prévios com o conteúdo escolar, para que a aula somada a visita não seja pensada como sendo um passeio, o planejamento prévio irá possibilitar uma visita

mais proveitosa ao espaço, com possibilidade de solução para às dúvidas quanto ao conteúdo prévio dado em sala, entre outras questões.

Apesar disso, vemos que, mesmo sem pedagogos formados disponíveis para essa articulação, o espaço dispõe de um conteúdo muito rico e, também, de seu próprio plano de ação, visível através do documento criado para realização das mediações, o qual é amplamente mencionado tanto pelas diversas pessoas que compõem a administração do espaço e quanto pelos próprios mediadores.

Sobre o Museu do Trem, como relatado por André Cardoso, há muitas possibilidades de trabalho relacionadas à Geografia e História, pelo entrelaçamento entre o processo de construção da cidade, a possibilidade de pesquisa sobre os meios de transporte e meios de comunicação, além do estudo sobre as relações sócio-econômicas e políticas no contexto das relações humanas.

Com a pesquisa acerca da História do espaço, dos trilhos e maquinários e outros objetos históricos presentes no Museu do Trem, vemos as possibilidades de abordagem de muitos assuntos, com isso a visita se contextualiza aos conteúdos dados em sala a depender do trabalho que os professores desenvolvem.

A questão das visitas ao espaço, a ida do público em geral, com visitas anuais programadas das escolas e estímulo, até mesmo, dos transeuntes, que acabam por visitá-lo a primeira vez, o que serve de mote e base inicial para conhecerem mais sobre outros museus.

Vemos com isso que, mesmo sendo pouco o quantitativo de profissionais, eles apresentam uma prática diversificada o que contribui para a construção do conhecimento, com possibilidades de atividades diversas em várias áreas do conhecimento científico, atrelado ao fato de ter pedagogos algo que favorece a interação entre o espaço e a escola em vários níveis, com suas oficinas, mesa redonda, exposições, palestras, e ações pedagógicas novas como é o caso relatado por André quanto à mediação em vídeos, lives, com o programa “conversa ferroviária”, em suas redes sociais colocou posts como a “peça da semana”, “desafios nos trilhos”, e “fatos e fotos”, mesmo sem disporem de plano museológico, há nele muitas ações pedagógicas já consolidadas.

Durante o processo de pesquisa acerca dos espaços museais, realizei visitas, participei das mediações, e, em momento oportuno, após descobrir sobre as formações gratuitas no espaço, voltadas a professores e estudantes de licenciatura, participei, conhecendo melhor o espaço e a forma como ele dialoga

com conteúdos escolares, como forma professores para o trabalho integrado aos museus e demais espaços culturais de ensino não-formal, como já havia visitado muitas vezes o espaço e sabia do relevante trabalho acerca da cultura popular local e já tinha levado colegas e estrangeiros para conhecer o espaço, toda a pesquisa aconteceu de maneira fluída.

Considerando que esta pesquisa foi feita com o intuito de trazer luz a discussão sobre a estrutura pedagógica atual e a estrutura dos museus escolhidos neste trabalho, visando uma maior compreensão sobre o ensino não-formal. Atualizando-se através desses espaços para maior aproveitamento dos conteúdos para discutir um maior aproveitamento e novas formas de abordagem para o docente. Posso, então, concluir que ainda estamos distanciados de uma realidade favorável para a evolução da educação que não se constrói apenas em sala de aula com uma nova interação em História e Geografia.

Como evidenciado na pesquisa, questionários e narrativas presentes nas entrevistas realizadas, o pedagogo nos espaços museais propicia um diálogo interdisciplinar, não só nas disciplinas supramencionadas, mas em outras, tais como algumas citadas, inclusive, pelos mediadores como português, matemática, filosofia, sociologia, o trabalho do movimento corporal da criança através da disciplina de dança ou educação física integrado ao conhecimento sobre si e seu corpo e desenvolvimento do cognitivo; entre outras abordagens possíveis como o conhecimento sobre mundo, economia, política, dinâmica social das relações, discussões sobre as suas raízes, sobre cultura e identidade relacionadas ao tópico anterior, aproximando o estudante a partir da sua dinâmica cotidiana, um dos objetivos exigidos pelos documentos que regulamentam a educação em nosso país, como vemos a seguir, no que é proposto pela BNCC (2018, p.58):

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo.

Demonstrando a importância do pedagogo nos espaços formativos com o intuito de possibilitar a construção de um estudante como indivíduo ativo na construção do conhecimento e na valorização do lúdico e articulação de conteúdos à vivências em espaços diversificados, em seguida temos, ainda no documento da BNCC (2018, p. 355):

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, é importante valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos (bibliotecas, pátio, praças, parques, museus, arquivos, entre outros). Essa abordagem privilegia o trabalho de campo, as entrevistas, a observação, o desenvolvimento de análises e de argumentações, de modo a potencializar descobertas e estimular o pensamento criativo e crítico. É nessa fase que os alunos começam a desenvolver procedimentos de investigação em Ciências Humanas, como a pesquisa sobre diferentes fontes documentais, a observação e o registro – de paisagens, fatos, acontecimentos e depoimentos – e o estabelecimento de comparações. Esses procedimentos são fundamentais para que compreendam a si mesmos e àqueles que estão em seu entorno, suas histórias de vida e as diferenças dos grupos sociais com os quais se relacionam. O processo de aprendizagem deve levar em conta, de forma progressiva, a escola, a comunidade, o Estado e o país. É importante também que os alunos percebam as relações com o ambiente e a ação dos seres humanos com o mundo que os cerca, refletindo sobre os significados dessas relações.

Seguindo, ainda, nessa linha de análise, temos como objetivos do conhecimento para o 3º ano do Ensino Fundamental I, proposto pela BNCC (2018, p. 410-411), dentro da unidade temática “O lugar em que vive”:

A produção dos marcos de memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, **museus**, etc.)

A produção dos marcos de memória: formação cultural da população.

O que gera como compromisso às seguintes habilidades a serem desenvolvidas: sobre o primeiro objetivo supramencionado, as habilidades são a de “identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados”, e de “identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios, etc), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes; sobre o segundo objetivo discutido acima, conecta-se a seguinte habilidade “identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidade de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam”.

Objetivos e habilidades os quais, como já analisado anteriormente, tanto na teoria quanto na prática pedagógica, podem ser amplamente abordados em ambos os museus selecionados.

Há uma grande falha que remete à nossa formação enquanto pedagogos, no que diz respeito a uma falta de estímulo ao uso dos espaços não-formais de ensino, tudo é construído e solidificado nas bases do ensino formal, esquece-se das demais formas de ensino, que são extremamente válidas e funcionais, são dinâmicas e se adequam ao uso de diversas metodologias, inclusive ao uso do lúdico como forma de construção do conhecimento, além de facilitar os conteúdos para os estudantes e contextualizá-los às suas realidades de vida.

Essa falha também é visível na escola, que não inclui em seus PPPs a visita aos espaços museais como sendo algo necessário durante o ano nas atividades de seus professores, buscando facilitar questões relativas à infra-estrutura, como a solicitação de transporte.

Quanto à formação continuada de professores, vemos que carece, também, de estímulo, não há no Centro de Formação Paulo Freire, instrução quanto a isso, como relatado pela colega Gabriela, eles “não dispõem de formação nesse sentido, sobre museus, não!”. Indicando que não existe curso ou palestra sobre o uso desses espaços para as possíveis propostas pedagógicas docentes.

Isso tudo acarreta em um mal uso das visitas, que passam a serem vistas como meros passeios escolares, ao invés de aulas com conteúdo trabalhado integrando o conteúdo escolar ao do espaço museal servindo para a finalidade pedagógica a que se destinam no caso quando voltados às instituições escolares.

Como foi citado por André Cardoso, responsável pelo Museu do Trem, o maior público ainda é o “espontâneo”, constituído por visitantes ocasionais que transitam próximo ao Museu e se interessam, fazendo a visita; além desses, logo após, o maior número é o de visitantes do interior, de outros estados, turistas, e, somente por último lugar, composto pelo público escolar.

Quanto ao Paço do Frevo, nos depoimentos dos mediadores, verifica-se também que há mais público de outros estados ou público local que é entusiasta do Frevo, público espontâneo que vai conhecer o Recife Antigo e acaba conhecendo o espaço, público de outros Estados ou turistas estrangeiros; e, só então receber escolas com os alunos para mediação no espaço museal.

Relacionado a ambos os espaços, eles já se encontram bem aparelhados, com um bom acervo e atrações desenvolvidas pelos educadores. Sendo que o Paço do Frevo tem o seu próprio plano Museológico documentado, e também dá formação a professores para uso dos espaços museais e diálogo com os conteúdos

escolares; o Museu do Trem não o dispõe no formato de documento, como foi explicado anteriormente na análise, mas tem várias ações educativas que faz uso amplamente; principalmente agora na pandemia que vem desenvolvendo novas formas de interação online em suas mídias sociais. Dessa maneira, provam-se como tendo um plano educacional efetivo em sua prática e com ações dinâmicas e fluídas para todos os públicos que visitam estes espaços.

Quanto à isso, estes planos e ações não chega às escolas através dos centros formativos, tendo os professores que pesquisar para encontrar informações sobre os museus, suas exposições e atrações disponíveis para uso na escola; não havendo assim continuidade da informação por parte da escola e centros de formação, o que implica numa impossibilidade real de visitação. Não há estímulo de uso de metodologias integrativas nos museus como já visto e analisado pelos professores.

Algumas das professoras entrevistadas, em suas falas, relatam sobre a dificuldade que existe nos projetos por elas propostos em relação aos recursos necessários para que haja a integração com esses espaços não-formais; umas citam a liberação de transporte por parte da Prefeitura como fator limitador das práticas nos museus, já que quando há a liberação esta não ocorre a tempo de se executar um planejamento adequado para uma das disciplinas a serem trabalhadas; ou que não conhecem os espaços; ou que desconhecem suas ações pedagógicas e possibilidades de uso; que tem medo de levar os estudantes porque não dispõe de alguém para apoio neste momento.

Uma das professoras, no entanto, Sandra de Amorim, em seu relato traz sua experiência pessoal como solução possível para a falta de transporte em tempo viável; ela faz uma reunião com os pais ou responsáveis dos estudantes e solicita para que eles levem seus filhos para o espaço museal selecionado no planejamento, explica o motivo e o trabalho que será feito para realização da aula-passeio; dessa maneira, os estudantes poderão comparecer sem que haja uma preocupação excessiva do(a) professor(a) quanto aos obstáculos nos trabalhos com o museu.

Relata ainda que obtém sucesso em suas práticas, inclusive mencionando que em uma delas houve a publicação de um livro sobre o bairro de casa amarela; porém, não há necessidade que esse tipo de planejamento exista, pois é de inteira responsabilidade da Prefeitura garantir transporte para os estudantes, sendo o

responsável legal através do dispositivo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, ao relacionar o transporte como meio de acesso à educação de qualidade, confirma o disposto na constituição, expõe como garantias a serem prestadas pelo Estado, entre outras, o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria e o atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. Na Constituição Federal de 1988 no Art. 6º, o transporte e a educação são garantias expressa como direito social, que atendam aos princípios básicos de dignidade da pessoa humana, dando condições ideais para o serviço de transporte como sendo tripartite, administrado e mantido pelos municípios, com investimentos fornecidos em convênios com estado e governo federal.

Ainda sobre isso, no Art. 1º, da Lei nº 11.904 de 2009, consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, “as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”, garantindo através do seu parágrafo único, o enquadramento desta Lei às “instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades”.

Além destes argumentos sólidos para uso do transporte à vista dos museus como instituições que preservam a História da humanidade e para garantir o acesso ao bem cultural, temos ainda o Art. 4º, o qual considera que: “o poder público estabelecerá mecanismos de fomento e incentivo visando à sustentabilidade dos museus brasileiros”; e, o dispositivo do Art. 5º, sobre o qual temos o seguinte “Os bens culturais dos museus, em suas diversas manifestações, podem ser declarados como de interesse público, no todo ou em parte”; e, seus parágrafos 1º e 2º§ que considera os bens móveis e imóveis como de interesse público de natureza material e imaterial, como referência à identidade, cultura e memória como formadores de nossa sociedade, e, o acervo neles presentes, devendo este ser protegido e preservado, valorizado e utilizado para fins de pesquisa.

Dessa maneira, resta apenas à escola e aos professores garantirem o acesso a esses espaços e seu devido uso, cobrarem a responsabilidade do Estado, tendo em vista que seus estudantes, por serem menores, não o podem fazê-lo.

Conclui-se que há ainda a necessidade, tanto na base estrutural de nossas formações como professores nos cursos de pedagogia e outros cursos de licenciatura, como também na formação continuada, fomentar políticas de utilização desses espaços museais como alternativa para além do ensino formal, promovendo mais interação entre às escolas e os museus, tendo em vista que os museus por si já se encontram equipados e contextualizam os próprios conteúdos.

Vê-se, por fim, que o perfil do Pedagogo requer que o mesmo busque o seu desenvolvimento e crescimento profissional através de formações; para que não haja um trabalho meramente superficial em suas ações pedagógicas, mas que às construa tendo por base toda teoria aprendida e práticas iniciais docentes, estas que nem sempre são bem desenvolvidas nos estágios supervisionados, requerendo planos de ensino que vislumbra cada vez mais as práticas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Geografia na prática pedagógica: a paisagem como ponto de partida**. Revista Tamoios, [S.l.], v. 10, n. 1, jul. 2014.

Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/10139/9587>>.

Acesso em: 04 de abr. de 2019.

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Os conteúdos audiovisuais no Museu do Trem: ampliando possibilidades da prática pedagógica no ensino de História**. MÉTIS: história & cultura. 2019, p. 33-48. v. 18. n. 35. jan/jun. Disponível em: <<http://www.uces.etc/revistas/index.php/metis>>. Acesso em: 17 de fev. de 2021.

ALENCAR, Valéria Peixoto de. **O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte**. Dissertação de mestrado em Artes. São Paulo: UNESP, Instituto de Artes, 2008.

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Direção de Produção de Conteúdos e Formação em Educação a Distância: TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

CARDOSO, André; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Conhecer para preservar e a educação extramuros: a caminhada “Nos Trilhos da História” da ONG Amigos do Trem**. III Ciclo de Debates - O Rural e o Urbano: Práticas Docentes e o Ensino Global. Recife: UFRPE, 2018.

DUTRA, S. F.; NASCIMENTO, S. S. **A educação no entre lugar museu e escola: um estudo das visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto**. Educação (Porto Alegre), v. 39, n. esp. (supl.), s125-s134, dez. 2016 p. s126

Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI. [en]. Brasília: UNESCO, 2015.

EFER: Escola de Formação de Educadores do Recife - Professor Paulo Freire. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/efaerpaulofreire/>>. Acesso em: 17 de fev. de 2021.

FALCÃO, Andrea. Museu como lugar de memória. In: Brasil. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009

FREITAS, Sirley Leite; PACÍFICO, Juraci Machado. **Formação docente e os saberes necessários à prática pedagógica**. Rev. EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho (RO), v.2, n.4, pp. 1-17, 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. EM EXTENSÃO, Uberlândia, V. 7, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/20390> Acesso em: 25 de set. de 2018.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória / Jacques Le Goff**; tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1990. Coleção Repertórios.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas**. Educar, Curitiba: Editora da UFPR. n. 17, p. 153-176. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 25 de set. de 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2005. 200p. (8. ed.). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n131/a1437131.pdf>. Acesso em: 17 de dez. de 2018.

MARANDINO, M. 2009. p. 29. Museu como lugar de cidadania. In: Brasil. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

OLIVEIRA, Liliane Silva Câmara de; SOTERO, Angélica Érika da Silva; SILVA, Houtran Lima da; BRAZ, Hallyson Diego Mendes. **A educação não formal como meio de aprendizagem na sociedade atual**. IV Cronograma Nacional de Educação, CONEDU. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA5_ID2710_09092017163338.pdf >. Acesso em 25 de set. de 2018.

PACHECO, Ricardo Aguiar de. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de História**. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 30, nº 60, p. 143-154. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a08v3060.pdf>. Acesso em: 04 de abr. de 2019.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus.** Revista Tempo e Argumento. 2012;4(2):63-81. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3381/338130379005>. Acesso em: 7 de fev. de 2021.

PAULO, Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

PEREIRA, B. O.; VALLE, M. G. O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural. In: **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 835-849, 2017

RAMOS, Francisco Lopes. **A Danação do objeto: o museu no ensino de História.** Chapecó: Argos, 2004.

RIBAS, Noelle Diniz; CAVALARI, Karina Freitas; SILVA, Caio Samuel Franciscati; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. **A importância do espaço de ensino não formal na sensibilização de estudantes durante o estudo do tema água.** Experiências em ensino de ciências, v. 13, nº 2. UNESP, Campus de Jaboticabal, SP. Disponível em:

http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID481/v13_n2_a2018.pdf >. Acesso em 25 de set. de 2018.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. **Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios.** Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 36 set./dez. 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n36/a07v1236.pdf>. Acesso em: 25 de set. de 2018.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. O trabalho docente hoje: elementos para um quadro de análise. In: _____ **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 3.^a edição. Petrópolis: Vozes, 2007, p.15-54.

TOMITA, Luzia M. Saito. **Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia.** Revista eletrônica UEL. Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan/jun. 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10199>>. Acesso em: 04 de abr. de 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista à Administração do Museu:

- 1. Qual seu nome e que cargo ocupa?**
- 2. Qual a proposta deste espaço?**
- 3. Quais recursos vocês utilizam?**
- 4. Quais os conteúdos que podem ser trabalhados seguindo a proposta deste espaço não-formal de ensino?**
- 5. Quais os programas e projetos vocês dispõem?**
- 6. Vocês possuem um documento falando sobre essa proposta, sobre os programas e projetos?**
- 7. Quais são as ações educativas presentes neste espaço?**
- 8. E quanto ao ensino de Geografia e História? Como você acha que este espaço pode contribuir para a formação dos estudantes, dos professores e do público que visita este espaço em relação a essas matérias?**
- 9. Quantos funcionários estão nas funções administrativas e quais cargos específicos?**
- 10. Vocês dispõem de pedagogos atuando neste espaço? Quantos são e quais seus cargos?**
- 11. Vocês acreditam que seja importante ter pedagogos no espaço museal? Por quê?**
- 12. O que vocês esperam que esse Museu possa trazer de bom para a escola e para os professores?**

13. Qual a contribuição desse Museu para a cidade?

14. Que valores sociais você acredita que estão inclusos na proposta pedagógica dos Museus?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista a(o) Mediador(a) no Museu:

1. Qual seu nome e onde você realiza seu trabalho atualmente?

2. Quais sua(s) formação(ções)?

3. Pretende realizar alguma outra formação? Qual seria?

4. Você já trabalhou em alguma escola? Se sim, acha que essa experiência contribuiu para você e para sua forma de ensinar?

5. Como você acredita que deva ocorrer uma melhor discussão sobre teoria e prática nesses espaços mediadores do conhecimento como um Museu?

6. Quais matérias escolares você acredita que podem ser trabalhadas aqui no Museu?

7. E quanto ao ensino de Geografia e História? Como você acha que este espaço pode contribuir para a formação dos estudantes, dos professores e do público que visita este espaço em relação a essas matérias?

8. Relacionadas a quais conteúdos?

9. Quais ações educativas vocês promovem aqui no Museu?

10. Quais os recursos metodológicos?

11. Você se lembra de um trabalho exitoso integrando conteúdos escolares a proposta do Museu que algum professor tenha relatado?

12. Como você vê seu papel neste espaço? Acredita que possa contribuir de alguma forma?

13. Você acredita que sua formação tem contribuído para a educação e formação dos visitantes deste espaço? Se não, de que forma acredita que isso possa melhorar?

14. Já realizou alguma formação no Paulo Freire? Qual foi e o que achou?

APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista a(o) Professor(a):

1. Qual seu nome?

2. De qual escola você é?

3. Qual a turma ensina?

4. Qual matéria pretende trabalhar aqui?

5. Qual conteúdo está trabalhando no momento?

6. Quais relações acredita que esse conteúdo tenha com esse Museu em questão?

7. Já realizou esse trabalho integrando conteúdos escolares a proposta do Museu?

8. Quais suas expectativas sobre esse trabalho interdisciplinar?

9. O que esperam do Museu e o que acredita que possa melhorar?

10. Você vê o pedagogo com que papel neste espaço? Acredita que ele possa contribuir de alguma forma?

11. Você acredita que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu? Se não, de que forma acredita que isso possa melhorar?

12. Já realizou alguma formação no Paulo Freire? Qual foi e o que achou?

APÊNDICE D - Entrevista a(o) Mediador(a) no Museu:

Entrevista a(o) Mediador(a) no Museu:

Este formulário compõe a pesquisa para realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia pela UFRPE. Título da pesquisa: A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU PARA AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO CIENTÍFICO: Analisando o papel do mediador nos Museus da cidade de Recife - PE. Pesquisa realizada pela estudante Séfora Micaela Fernandes de Mélo e Orientada pela Professora Mariana Zerbone Alves de Albuquerque.

*Obrigatório

Endereço de e-mail *

1. Qual seu nome e onde você realiza seu trabalho atualmente? *
2. Quais sua(s) formação(ões)? *
3. Pretende realizar alguma outra formação? Qual seria? *
4. Você já trabalhou em alguma escola? Se sim, acha que essa experiência contribuiu para você e para sua forma de ensinar? *
5. Como você acredita que deva ocorrer uma melhor discussão sobre teoria e prática nesses espaços mediadores do conhecimento como um Museu? *
6. Quais matérias escolares você acredita que podem ser trabalhadas aqui no Museu? *
7. E quanto ao ensino de Geografia e História? Como você acha que este espaço pode contribuir para a formação dos estudantes, dos professores e do público que visita este espaço em relação a essas matérias? *
8. Relacionadas a quais conteúdos? *
9. Quais ações educativas vocês promovem no Museu? *
10. Quais os recursos metodológicos? *
11. Você se lembra de um trabalho exitoso integrando conteúdos escolares a proposta do Museu que algum professor tenha relatado? *
12. Como você vê seu papel neste espaço? Acredita que possa contribuir de alguma forma? *
13. Você acredita que sua formação tem contribuído para a educação e formação dos visitantes deste espaço? Se não, de que forma acredita que isso possa melhorar? *
14. Já realizou alguma formação no Paulo Freire? Qual foi e o que achou? *

APÊNDICE E - Entrevista à Administração do Museu:

Entrevista à Administração do Museu:

Este formulário compõe a pesquisa para realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia pela UFRPE. Título da pesquisa: A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU PARA AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO CIENTÍFICO: Analisando o papel do mediador nos Museus da cidade de Recife - PE. Pesquisa realizada pela estudante Séfora Micaela Fernandes de Mélo e Orientada pela Professora Mariana Zerbone Alves de Albuquerque.

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

1. Qual seu nome e que cargo ocupa? *
2. Qual a proposta deste espaço? *
3. Quais recursos vocês utilizam? *
4. Quais os conteúdos que podem ser trabalhados seguindo a proposta deste espaço não-formal de ensino? *
5. Quais os programas e projetos vocês dispõem? *
6. Vocês possuem um documento falando sobre essa proposta, sobre os programas e projetos? *
7. Quais são as ações educativas presentes neste espaço? *
8. E quanto ao ensino de Geografia e História? Como você acha que este espaço pode contribuir para a formação dos estudantes, dos professores e do público que visita este espaço em relação a essas matérias? *
9. Quantos funcionários estão nas funções administrativa e quais cargos específicos? *
10. Vocês dispõem de pedagogos atuando neste espaço? Quantos são e quais seus cargos? *
11. Vocês acreditam que seja importante ter pedagogos no espaço museal? Por quê? *
12. O que vocês esperam que esse Museu possa trazer de bom para a escola e para os professores? *
13. Qual a contribuição desse Museu para a cidade? *
14. Que valores sociais você acredita que estão inclusos na proposta pedagógica dos Museus?

APÊNDICE F - Entrevista a(o) Professor(a):

Entrevista a(o) Professor(a):


Este formulário compõe a pesquisa para realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia pela UFRPE. Título da pesquisa: A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU PARA AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO CIENTÍFICO: Analisando o papel do mediador nos Museus da cidade de Recife - PE. Pesquisa realizada pela estudante Séfora Micaela Fernandes de Mélo e Orientada pela Professora Mariana Zerbone Alves de Albuquerque.

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

1. Qual seu nome? *
2. De qual escola você é? *
3. Qual a turma ensina? *
4. Você costuma levar suas turmas aos museus? *
5. Quais museus você já visitou com suas turmas no Recife? *
6. Quais conteúdos você relacionou com a visita aos museus? *
7. Você faz planejamento relacionando o conteúdo dos museus com os conteúdos de sala de aula? Como? *
8. Durante as visitas você intervém, ou fica tudo a critério do monitor do museu? *
9. Como você percebe a interação dos estudantes a realizarem essas atividades? *
10. Você vê o pedagogo com que papel neste espaço? Acredita que ele possa contribuir de alguma forma? *
11. Você acredita que sua formação tem contribuído para a finalidade do diálogo entre a teoria e a prática no Museu? Se não, de que forma acredita que isso possa melhorar? *

ANEXO - TERMO LIVRE ESCLARECIDO:


**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr. ^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada CONHECENDO E ANALISANDO OS ESPAÇOS MUSEAIS: UM OLHAR SOBRE AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E O FAZER DOCENTE NOS ESPAÇOS NÃO-FORMAIS NA CIDADE DO RECIFE-PE integrante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal, ANALISAR A RELEVÂNCIA DO PAPEL DO PEDAGOGO NA ARTICULAÇÃO DOS CONTEÚDOS ESCOLARES DAS DISCIPLINAS DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA COM AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM ESPAÇOS MUSEAIS DA CIDADE DO RECIFE - PE. e será realizada por SETOBA MICHELA FERNANDES DE MELO, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de ENTREVISTAS, com utilização de recurso de GRAVAÇÃO DE ÁUDIO, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

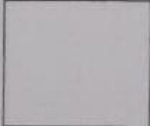
Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a


Impressão do dedo polegar caso o/a participante não saiba assinar.